

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI  
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo**

**STEFANIE KOHN WINTER**

**REFLEXÕES CULTURAIS SOBRE O ANTIGO PRÉDIO DO CLUBE MINAS DO  
CAMAQUÃ, CAÇAPAVA DO SUL – RS**

**RIO GRANDE**

**2010**

**STEFANIE KOHN WINTER**

**REFLEXÕES CULTURAIS SOBRE O ANTIGO PRÉDIO DO CLUBE MINAS DO  
CAMAQUÃ, CAÇAPAVA DO SUL - RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na linha de pesquisa: Análise Urbano-Regional como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre sob a orientação do Prof Dr. Dário de Araújo Lima.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. DÁRIO DE ARAÚJO LIMA**

Rio Grande

2010

**Banca Examinadora**

---

**Orientador: Prof. Dr. Dário de Araújo Lima (FURG)**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Valladão Thiesen (FURG)**

---

**Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho (UFPR)**

---

**Prof. Dr. Sandro de Castro Pitano - Suplente (UFPEL)**

**Linha de Pesquisa: Análise Urbano-Regional**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, que em todos os momentos alegres e tristes estiveram comigo, nas horas difíceis estenderam a mão e sempre me apoiaram em todas as decisões. Sem eles eu não teria conseguido chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus por toda a força e sabedoria concedida para realizar esta tarefa.

Ao professor Dr. Dário de Araújo Lima, meu orientador, por sua dedicação e profundo conhecimento teórico, técnico, metodológico e filosófico despendido para elaboração desta pesquisa e pela confiança em mim depositada.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande por proporcionar-me a chance de desenvolver esta pesquisa, que somente foi possível em função do caráter público e gratuito desta instituição.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia por proporcionar-me a chance de crescimento pessoal e profissional.

A todos os professores do Programa com os quais tive a oportunidade de conviver e compartilhar do seu conhecimento. Aos professores de outros institutos, como o professor Dr. Carlos Alberto Ávila dos Santos, pelo tempo disponibilizado para explicações artísticas e arquitetônicas sobre o prédio, e ao professor Dr. Luis Eduardo Silveira da Mota Novaes, que sempre dispôs de sua atenção para colaborar com o trabalho.

A todas as pessoas que colaboraram para a organização deste trabalho. Mesmo não podendo citar o nome de todas, gostaria de agradecer à Companhia Brasileira do Cobre (CBC), em especial ao diretor Paulo Mônico, que permitiu o acesso às instalações da empresa, e ao Sr. Rui Ferreira, o qual foi um guia e colaborador dentro desta pesquisa na CBC.

Aos meus colegas e amigos das Minas do Camaquã, Alexandre Felipe Bruch e Jeferson Maino, e a todas as pessoas que de maneira direta e indireta se fizeram presentes e apoiaram para que esta pesquisa pudesse ser concluída. Um agradecimento especial a toda a comunidade da vila Minas do Camaquã pela cooperação e pelo carinho.

Um agradecimento carinhoso ao meu namorado Marcio Pinheiro Mendes por toda a paciência e apoio demonstrados durante a execução do trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como referências teóricas os conceitos de cultura, memória e patrimônio, que em conjunto transpõem do passado, mediante as recordações, os diversos instantes vivenciados no prédio em análise, apresentando, dessa maneira, contribuições da geografia cultural para o constante aprimoramento do conhecimento acadêmico. É através da pesquisa de campo, das observações realizadas diretamente na comunidade, da organização e aplicação das entrevistas aos moradores mais antigos do local, ou dito de outra forma, aos “velhos”, os quais são os guardiões das lembranças de outrora, mas, que se perpetuam hoje, tendo como objetivo evidenciar na história do antigo prédio do clube Minas do Camaquã o registro etnográfico de singularidades sociais e culturais dos mineiros da vila Minas do Camaquã – Caçapava do Sul – RS. O estudo desdobrou-se em três capítulos, sendo eles: o prédio da fazenda que conjugado com a descoberta do minério e o processo de mineração propriamente dito formam o capítulo 1; no capítulo 2, intitulado o Clube Minas do Camaquã, enfatiza-se a sua formação como tal, mostrando também o armazém e o gabinete dentário; finalizando, esboça-se o capítulo 3, com os 15 anos de mudança, onde se destacam as transformações ocorridas na modernização do beneficiamento do cobre bem como o seu declínio com a formação da *holding* Bom Jardim, a qual encerra um leque de expectativas e sentimentos devido ao término das atividades de mineiro, e, entremeado a tudo isso, permite-se exibir reflexões para os estudos culturais e geográficos.

**Palavras-Chaves:** Minas do Camaquã – Cultura – Memória – Patrimônio

## **ABSTRACT**

This work has as theoretical references the concepts of culture, memory and patrimony, which together form the pillars that pursue to support the elaboration of this research, transposing the past through the memories of several instants experienced in the analyzed building, thus presenting contributions of cultural geography for the constant improvement of academic knowledge. It is through the field research, the observations made directly in the community, the organization and application of the interviews to the oldest inhabitants of the place, or said in a different way, to the “old ones”, who are the guardians of the recollections of long ago, however perpetuated until today, aiming to highlight the history of the ancient building of Clube Minas do Camaquã, the ethnographic record of social and cultural singularities of the miners from Vila Minas do Camaquã - Caçapava do Sul - RS. The study unfolded itself in three chapters: the farm building that along with the discovery of the ore and the process of mining itself forms chapter 1; in chapter 2 entitled Clube Minas do Camaquã, it is emphasized its formation as such, also showing the warehouse and the dental office; and then to finish, chapter 3 is outlined with the 15 years of change where are highlighted the transformations occurring in the modernization of copper processing as well as its decline with the formation of the holding company Bom Jardim, which puts and end to a range of expectations and feelings due to the termination of mining activities, and intermingled to everything, allows to show reflections for the cultural and geographic studies.

**Key-words:** Minas do Camaquã – Culture – Memory – Patrimony

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista parcial da vila Minas do Camaquã .....	12
Figura 2: Antigo prédio do clube Minas do Camaquã.....	16
Figura 3: Símbolo imperial na platibanda .....	17
Figura 4: Detalhe da arquitetura.....	18
Figura 5: Detalhes no contorno de janelas e portas .....	18
Figura 6: (A) Localização do estado do RS no Brasil; (B) localização do município de Caçapava do Sul no RS; (C) localização do distrito de Minas do Camaquã, no município de Caçapava do Sul e, em perspectiva, a localização da vila sede das Minas do Camaquã. ....	29
Figura 7: Prédio da sede da fazenda .....	64
Figura 8: A platibanda .....	64
Figura 9: Bandeira Imperial Brasileira .....	65
Figura 10: A lida com o gado.....	67
Figura 11: Rebanho de ovinos .....	67
Figura 12: O abate do animal.....	68
Figura 13: O tradicional mate .....	70
Figura 14: O mate .....	70
Figura 15: Coronel João Dias dos Santos com a farda da Guarda Nacional .....	71
Figura 16: Baú utilizado para armazenar utensílios .....	72
Figura 17: O sinete real com o brasão das armas da República.....	75
Figura 18: 1ª Galeria aberta pelos geólogos ingleses em 1870 .....	77
Figura 19: Os carretos.....	79
Figura 20: Galeria dos Ingleses.....	80
Figura 21: Reconhecimento das jazidas de cobre nas Minas do Camaquã pelos pelotenses.....	81
Figura 22: Usina de concentração do minério.....	82
Figura 23: Construção da barragem pelos empresários belgas.....	83
Figura 24: Viaduto por onde circulavam as vagonetas.....	83
Figura 25: Construção das primeiras residências próximas ao viaduto .....	84
Figura 26: O armazém.....	85
Figura 27: Nota de compra referente a produtos comprados no armazém .....	86
Figura 28: Receituário evidenciando a utilização de medicamentos .....	90



Figura 29: Receituário fornecido ao coronel João Dias dos Santos .....	91
Figura 30: Nota fiscal referente aos serviços fúnebres prestados à família Dias. ....	92
Figura 31: Recibo evidenciando os gastos com a catatumba do Sr. João Dias dos Santos .....	93
Figura 32: Casa de pedra.....	96
Figura 33: Sr. Oscarino Dias .....	98
Figura 34: Placa de inauguração da galeria subterrânea na era CBC .....	99
Figura 35: Inauguração da galeria Presidente Vargas em 1943 .....	100
Figura 36: Clube dos Engenheiros .....	101
Figura 37: Estruturação das residências .....	103
Figura 38: Ônibus “Regina” .....	104
Figura 39: Francisco Pignatari e sua esposa Regina Fernandes.....	105
Figura 40: Presidente Médiçi no clube Minas do Camaquã .....	105
Figura 41: Campo de pouso do Sr. Pignatari .....	106
Figura 42: Cine Rodeio, estruturado na praça central.....	107
Figura 43: Igreja de Santa Bárbara .....	108
Figura 44: Pedra da Cruz .....	109
Figura 45: Início da exploração da mina a céu aberto.....	113
Figura 46: Subestação da moagem e flotação dos minérios.....	114
Figura 47: Construção do elevador por onde era retirado o minério de cobre .....	114
Figura 48: Escritório da CBC.....	115
Figura 49: Galeria fechada.....	119
Figura 50: A padroeira.....	120
Figura 51: Desaparecimento da imagem de Santa Bárbara.....	120
Figura 52: O vazio da galeria subterrânea .....	121

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

DOCEGEO - subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce

CRM - Companhia Rio-Grandense de Mineração

CBC - Companhia Brasileira do Cobre

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

FIBASE - Financiamento de Insumos Básicos

IPC - Índice de Preços ao Consumidor

IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente

UFPel - Universidade Federal de Pelotas

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 ENSAIO SOBRE O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1 Objetivo .....	22
1.2 Problematização e justificativa.....	22
1.3 Metodologia.....	27
1.4 Técnica de pesquisa.....	29
<b>2 MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>37</b>
2.1 Cultura .....	37
2.2 Memória .....	45
2.3 Patrimônio .....	54
<b>3 DESDOBRAMENTOS DO ANTIGO PRÉDIO DO CLUBE MINAS DO CAMAQUÃ</b> <b>.....</b>	<b>64</b>
3.1 O prédio da fazenda.....	64
3.2 O clube Minas Do Camaquã.....	85
3.3 Os 15 anos de mudança.....	111
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: reflexões sobre o futuro do prédio.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE 1- ENTREVISTAS.....</b>	<b>134</b>



**Figura 1: Vista parcial da vila Minas do Camaquã**

**Fonte: Disponível em: <<http://www.minasdocamaqua.com.br>>**

Vejam como é bela  
Esta escultura divina  
Ontem, hoje e amanhã  
Sempre será chamada  
Minas do Camaquã  
Mesmo que o minério  
Não seja mais explorado  
Mas uma linda história  
Ficou no passado  
Aqui é um santuário  
Aonde habita Jesus  
O símbolo é uma rocha  
Chamada Pedra da Cruz  
Nessa pedra maravilhosa  
Sob um lindo céu de anil  
Com vegetal está desenhado  
O mapa do Brasil  
Vejam como é bela  
Esta escultura divina  
Ontem, hoje e amanhã  
Sempre será chamada  
Minas do Camaquã  
Quem quiser conhecer  
Uma das sete maravilhas  
Do Rio Grande do Sul  
Não deixe para amanhã  
Venha logo visitar  
As Minas do Camaquã  
Esse lugar acolheu  
Gente do mundo inteiro

Não só brasileiros  
Como também estrangeiros  
Vejam como é bela  
Esta escultura divina  
Ontem, hoje e amanhã  
Sempre será chamada  
Minas do Camaquã  
Como balneário  
Nós temos no verão  
Uma linda barragem  
E também o paredão  
Ronda Crioula é o CTG  
Cine Rodeio é local de diversão  
Padroeira Santa Bárbara  
O povo tem devoção  
O povo desse lugar  
É alegre e educado  
recebe os visitantes  
De muito bom grado  
Deus é mineiro  
E nos convida  
Para irmos avante  
Se trabalharmos unidos  
O progresso ele garante  
Vejam como é bela  
Esta escultura divina  
Ontem, hoje e amanhã  
Sempre será chamada  
Minas do Camaquã

Música Minas do Camaquã

Letra: Alice Machado

Música: Elvis, Marcelo, Antonio Carlos

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar as reflexões culturais tecidas em torno do antigo prédio do clube Minas do Camaquã, o qual, durante os longos períodos de existência da mineração de cobre neste 3º distrito de Caçapava do Sul, abrigou em sua sede diversas funcionalidades.

Estas funcionalidades se tornaram em eixo para o trabalho porque elas, trazidas do passado para o presente mediante a lembrança, evidenciaram o cotidiano mineiro presente naquele espaço e, ao mesmo tempo, permitiram levantar importantes discussões sobre a cultura, a memória e o patrimônio, uma vez que o prédio representa toda a trajetória de vida dos mineiros.

O bem cultural materializado pelo prédio do antigo clube Minas do Camaquã torna-se para aquela população local um patrimônio que merece ser preservado, cuidado e salvaguardado, porque ele diz respeito às vidas daqueles moradores, ou seja, o prédio conta a sua própria história. Além disso, esse bem traz consigo muitas simbologias presentes em sua platibanda, as quais apresentam características importantes de serem apresentadas ao longo do trabalho.

A estruturação do trabalho traz em seu capítulo inicial o ensaio sobre o objeto de investigação, o objetivo, a problematização e a justificativa, a metodologia e a técnica de pesquisa.

No segundo capítulo, apresenta-se o marco teórico onde se discutem os conceitos de cultura, memória e patrimônio que em conjunto instrumentalizam a pesquisa realizada sobre o prédio.

O terceiro capítulo evidencia os desdobramentos do antigo prédio do clube Minas do Camaquã, o qual foi assim organizado levando-se em conta a aplicação das entrevistas, apresentando o prédio de acordo com as suas funcionalidades, ou seja, o prédio da fazenda, o clube Minas do Camaquã e os 15 anos de mudança.

O último capítulo, concluindo o trabalho, traz as considerações finais, abarcando alguns pontos importantes sobre o objeto em estudo, bem como introduz alguns aspectos culturais que serão pesquisados e, posteriormente, apresentados em um trabalho futuro.

## 1 ENSAIO SOBRE O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

A cultura, a memória e o patrimônio são os três conceitos-chave discutidos para a elaboração da dissertação, porque os três em conjunto fazem parte das relações da comunidade da vila Minas do Camaquã, e, de igual modo, permitem evidenciar a importância cultural que o prédio do clube assume de forma intrínseca com eles.

Diante disso, procurar-se-á tecer uma rede no que diz respeito à história do prédio do clube Minas do Camaquã, utilizando como pontos principais para a discussão a comunidade da vila, o prédio em si e o ato de cuidar, que seria transposto na própria cultura.

Esse prédio tornou-se um ensaio em virtude de terem ficado em aberto algumas lacunas que não foram totalmente preenchidas, ou seja, ficamos impossibilitados de dar alguns passos maiores que auxiliariam na investigação realizada.

Explica-se isso em razão de não se ter tido acesso a alguns documentos pertinentes ao objeto de investigação, como, por exemplo, a planta baixa de construção, a visitação ao interior do prédio e até mesmo ao terreno onde ele se encontra inserido, devido a esta propriedade estar em mãos de particular, estar cercada e não ser permitida a entrada. Não pôde também ser realizada uma série de atividades inicialmente propostas, como a apresentação das fotografias do interior do prédio, bem como dos detalhes de sua arquitetura, que permitiriam a visualização de outros aspectos importantes.

A comunidade da vila Minas do Camaquã é formada basicamente de mineiros e ex-mineiros devido à existência de empresas mineradoras de cobre, que desde meados de 1865, precisando estas de mão de obra, contrataram pessoas da redondeza para executarem tarefas pertinentes a este tipo de trabalho. Desta maneira, a vila formou-se, construindo um novo ritmo de vida, organizando as relações, e, transformando o modo de vida daqueles trabalhadores, que receberam a cultura de mineiro como herança.

Desta forma, tendo como base a ciência geográfica, escolhemos percorrer o caminho e seguir as informações que existiam no interior deste grupo mineiro e analisar as relações sociais e culturais através do clube. Conforme nos afirma Claval (2001, p. 12), “a cultura que interessa os geógrafos é, pois,

primeiramente constituída pelo conjunto de artefatos, do *Know-how* e dos conhecimentos através dos quais os homens mediatizam as suas relações com o meio natural”.

As relações daquele grupo de mineiros com seu ambiente foram marcadas, ao longo destes anos, pelas diversas situações estabelecidas em função do seu trabalho. Desde as instalações técnicas e de beneficiamento do minério de cobre, a forma de morar - nas várias etapas em que foram sendo construídas as residências - até a infra-estrutura social necessária para atender a população (hospital, comércio, segurança) implicam formas de viver características. A própria manifestação da religiosidade, materializada através da Santa Bárbara – a padroeira dos mineiros – e os prédios que foram sendo construídos pela empresa mineradora para servir como local de entretenimento para os funcionários em seus momentos de lazer, como o ginásio de esportes, o CTG, o cine rodeio, e o prédio do clube marcam e são marcados por questões sociais e culturais.

Dentre estes marcos presentes, o antigo prédio do Clube Minas do Camaquã será nosso objeto de investigação, não por a pesquisadora tê-lo achado interessante, mas porque a comunidade mineira se identifica com ele, e vê através dele a sua história de vida.

Assim, a comunidade mesmo que indiretamente e até mesmo nem percebendo isso, acaba de certa forma, se tornando uma espécie de guardião do clube e do complexo cultural presente na vila Minas do Camaquã.

A comunidade local, ao fazer referência ao prédio, ao falar do clube, está ao mesmo tempo cultuando-o, cuidando dele, olhando para ele, observando-o, e até mesmo no ato de fazer “fofoca” em relação a este bem, a comunidade levanta questionamentos importantes sobre ele.

Ao realizar questionamentos sobre o prédio, a comunidade demonstra preocupação, quer saber o que será feito dele, porque sabe o que ele representava e o que representa para todos aqueles mineiros. Sabem o que ele foi, porém não sabem o que será do futuro deste importante bem cultural, símbolo de tantas manifestações histórico-culturais vividas no transcorrer dos anos da mineração.

Além disso, a comunidade, ao se referir ao prédio do clube, está se referindo a ela mesma, uma vez que ele é como se fosse o espelho onde aquele grupo se vê refletido e enxerga também através dele a sua própria história. O clube,



assim, vem acompanhando a comunidade há muitos anos e faz parte de todos os processos intrínsecos à vila como um todo.

Em contrapartida, o prédio em si é um símbolo vivo da história deste povo mineiro. Na sua constituição física, ele é um bem material que sofreu intervenções e há pouco tempo passou por uma reforma na qual se mantiveram suas características originais.

O prédio é constituído de três módulos, um à esquerda, um à direita e um módulo principal que se destaca por possuir uma platibanda.

A platibanda é reforçada por um frontão principal, onde se encontra afixado um brasão imperial, o qual foi elaborado pelo construtor mediante a utilização da técnica do estuque<sup>1</sup>.



**Figura 2: Antigo Prédio do clube Minas do Camaquã**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**

Hoje, mesmo após a reforma executada por um particular mantiveram-se os detalhes iniciais com uma alteração que foi a colocação da data da reforma, o ano de 2008, escrito na parte inferior à data de 1880. Sendo assim, o brasão assumiu uma ressignificação ainda importante para o proprietário, que o manteve

---

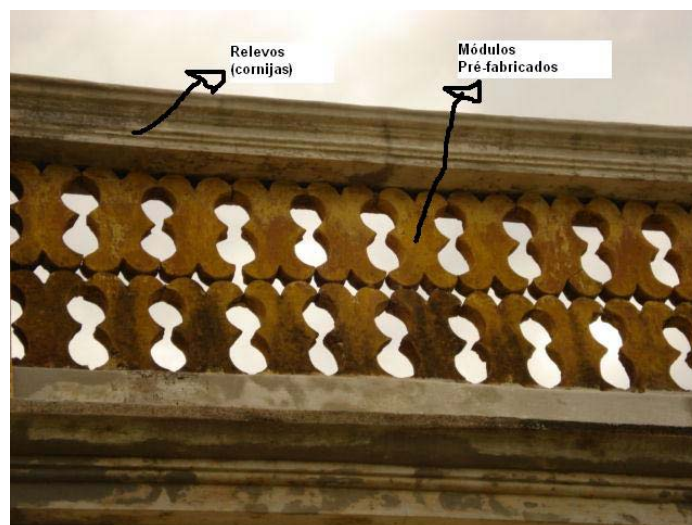
<sup>1</sup> Estuque: um elaborado de massa de cimento de consistência mais grossa ou mais fina, dependendo do acabamento, possuindo ou não a adição do cal, permitindo então fazer adornos e enfeites nas arquiteturas prediais desse período no Brasil Imperial.

também com alguma intenção, com alguma significação especial. Isso também justifica a sua relação com a comunidade e com a história daqueles mineiros.



**Figura 3: Símbolo imperial na platibanda**  
Fonte: Acervo da pesquisadora

Conforme pode ser evidenciado, na platibanda do prédio, vem inscrita a simbologia imperial, a mesma que foi impressa na bandeira do período, que pode ter sido colocada pelo proprietário para inferir uma série de características ainda não muito claras. Entre elas podem ser citadas: as disputas políticas que se faziam presentes neste território gaúcho, a ostentação da riqueza por parte da família - porque não era qualquer pessoa que colocava inscrições em prédios - ou estaria ainda a mostrar a identidade dos moradores. De uma ou de outra forma, o que se evidencia é a riqueza das simbologias presentes.



**Figura 4: Detalhe da arquitetura**  
Fonte: Acervo da pesquisadora

Na parte superior do prédio, próximo ao telhado, dando destaque ainda à fachada, na platibanda, podem ser observados outros detalhes, como a colocação dos módulos que eram pré-fabricados e encomendados pelo dono do prédio mediante a compra em catálogos. Esses módulos eram trazidos, juntados e colocados pelo construtor, de maneira simétrica, embelezando o ornamento da entrada principal do prédio.

Também na platibanda, assim como próximo ao telhado, pode ser percebida a disposição de pequenos relevos, também chamados pelos especialistas em arquitetura de cornijas, que são colocados para enriquecer os detalhes estéticos das construções.

Um detalhe a ser destacado no prédio refere-se à cor da pintura utilizada nas paredes externas, em tom de amarelo ouro, a qual sempre se manteve preservada, até mesmo após a reforma. As pinturas das paredes eram normalmente escolhidas em tons pastéis, já em seus adornos eram utilizadas cores mais claras, como o branco e o bege, e as pinturas das portas e janelas recebiam tons bem escuros.



**Figura 5: Detalhes no contorno de janelas e portas**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**

Nas duas extremidades do módulo principal, podem ser percebidas as pilastras, as quais são constituídas por falsas colunas, sendo utilizadas apenas

como elemento decorativo, uma vez que elas não estão sustentando nada, apenas aparecem de forma simétrica no prédio, sendo empregadas também para dar um ritmo na fachada. Além disso, elas eram colocadas também no contorno das janelas e portas, complementando a simetria.

As telhas do tipo capa e canal justificam a presença do beiral, utilizado nos prédios para proteger as paredes da chuva, porque o barro muitas vezes era utilizado como matéria prima na composição das paredes.

Para a comunidade mineira, ele é mais do que um espaço físico, ele é, de outra parte, a manifestação da cultura e objeto integrante de sua história de vida.

O prédio assume uma importância no cotidiano, porque o passado é venerado e os símbolos são valorizados por conterem e perpetuarem a experiência de gerações. A tradição passada de pai para filho dentro desta vila, é um dos meios possíveis para acompanhar as transformações ocorridas no tempo e no espaço, que acabaram inserindo marcos na passagem dos diferentes períodos.

O clube sempre esteve e ainda está presente nas relações sociais do povo mineiro, por isso a importância de trazê-lo como ponto de partida para esta análise,

A atribuição de significados, inerente à cultura, orienta a ação (quer vista como simbólica ou utilitária) e resulta, desse modo, em expressões concretas como sistemas de crença, instituições sociais e bens materiais. Portanto, o caráter desses elementos da cultura deve ser amplamente inferido da base de características significativas da comunicação e simbolização – de fórmulas verbais a trajes e gestos – associadas a elas. (CORREA e ROSENDAHL, 2007, p. 29).

Desta forma, a vila Minas do Camaquã está diretamente associada ao prédio do clube, porque as suas relações sociais estão intrínsecas na comunidade. Elas se espacializam no modo de vida e na cultura como fruto de um contexto social e se tornam ao mesmo tempo em elemento do espaço geográfico.

Devido a isso, o ato de cuidar do bem cultural, que seria materializado no prédio do antigo clube Minas do Camaquã, seria transposto no ato de cuidar da sua própria história, pois no âmbito da cultura, dependendo da ressonância que determinado bem possui ou se torna para a comunidade, mediante a atribuição do seu valor afetivo e coletivo, o bem acaba transformando-se em patrimônio. Embora não reconhecido como tal oficialmente pelos órgãos que tratam destas questões, o

bem assume um significado, assume um valor para aqueles que dele cuidam e com ele se preocupam.

Partindo da possibilidade de pensar os “patrimônios culturais” em termos etnográficos, considerando algumas categorias como a ressonância, a materialidade e a subjetividade, numa perspectiva de trazer o conceito antropológico de cultura, encontram-se as idéias de José Reginaldo Santos Gonçalves. Em sua visão, a noção de patrimônio seria entendida focalizando seus usos sociais e simbólicos no cotidiano dos grupos.

Dentro desta noção de atribuição de valores para estabelecer um bem cultural como patrimônio não seria necessária a intervenção de órgãos ou de legislação propriamente dita, bastaria apenas colocar a questão do patrimônio observando a repercussão que este bem tem para com a comunidade, mediante o valor atribuído a ele. Em outras palavras, observar-se-á a relação direta do homem com o objeto material, nesse caso, o objeto seria materializado no antigo prédio do clube.

Essa concepção se torna importante para que se tenha uma percepção de cultura, enquanto ferramenta de conhecimento, para que não se caia no equívoco de que determinado bem tem que ser necessariamente patrimonializado para então ser respeitado, salvaguardado e preservado.

Se referindo aos bens culturais, o autor assim se expressa,

Esses bens, por sua vez, nem sempre possuem atributos estritamente utilitários. Em muitos casos, servem evidentemente a propósitos práticos, mas possuem, ao mesmo tempo, significado mágico-religioso e sociais, constituindo-se em verdadeiras entidades, dotadas de espírito, personalidade, vontade, etc. Não são desse modo meros objetos. Se por um lado são classificados como inseparáveis de totalidades cósmicas e sociais, por outro lado afirmam-se como extensões morais e simbólicas de seus proprietários, são extensões destes, sejam indivíduos ou coletividades, estabelecendo mediações cruciais entre eles e o universo cósmico, natural e social (GONÇALVES, 2005, p. 18).

Nas modernas concepções de patrimônio, a preocupação sempre presente é a de que determinado bem, seja ele material ou imaterial, reforce o sentimento de identidade e memória de determinado grupo, algo às vezes até um pouco inventado ou construído.

Ainda assim se refere o autor,

O acesso que o patrimônio possibilita, por exemplo, ao passado não depende inteiramente de um trabalho consciente de construção no presente, mas, em parte, do acaso. Se por um lado construímos intencionalmente o passado, este, por sua vez, incontavelmente se insinua, à nossa inteira revelia, em nossas práticas e representações. (GONÇALVES, 2005, p. 20)

Podemos visualizar desta forma que o que importa para que determinado bem se constitua em patrimônio, é justamente a sua valorização, dada pela cultura na qual esteja inserido, cabendo a este grupo de indivíduos a salvaguarda dele por tudo o que ele representa nas relações histórico-culturais.

### **1.1 Objetivo**

Evidenciar na história do antigo prédio do clube Minas do Camaquã o registro etnográfico de singularidades sociais e culturais dos mineiros da vila Minas do Camaquã - Caçapava do Sul - RS.

### **1.2 Problematização e Justificativa**

A pesquisa sobre a história do prédio do clube Minas do Camaquã insere-se numa pesquisa que leva em consideração uma escala espacial diferenciada, pois ele situa-se numa vila.

Levanta-se assim, uma série de questões: por que essa vila, que teve uma importância tão significativa para a história econômica caçapavana e do Rio Grande do Sul durante os períodos de auge de exploração de cobre, ficou à mercê da sorte após o encerramento das atividades mineradoras.

Igualmente, pode-se questionar o que aconteceu com a população que ali residia e que dependia exclusivamente do trabalho da mineração, e o elemento mais importante e que vem a se desdobrar nesta pesquisa: como evidenciar a história de vida daqueles moradores e, principalmente, qual foi o destino dado aos espaços edificadas na tentativa de interpretar o que eles nos falam, que história existe atrás deles, o que eles abrigaram, como estão preservados, quem os frequentou. Essas e

muitas outras perguntas foram realizadas ao longo das observações nesse local de estudo.

Diante destas indagações, tem-se a tentativa de estabelecer a vila, dentro do qual o prédio é apresentado, como um local, de acordo com as palavras do autor,

Uma definição do local não faz dele nem uma necessidade antropológica nem um conteúdo herdado e inevitável, mas uma forma social que constitui um nível de integração das ações e dos atores, dos grupos e das trocas. Essa forma é caracterizada pela relação privilegiada com um lugar, que varia em sua intensidade e em seu conteúdo (BOURDIN, 2001, p.56).

A pesquisa, porém, ficou detida na história do antigo prédio do clube Minas do Camaquã, primeiramente, por ter sido ele o primeiro prédio erguido nesta vila, sua platibanda data de 1880, mas há evidências de que já existia em 1865, data em que foi descoberto o primeiro veio de cobre naquelas terras. Em segundo lugar, por todas as singularidades que o clube apresenta sobre a vida cotidiana dos mineiros ali residentes. Em terceiro lugar, pela importância de tecer esta pesquisa para os estudos culturais, mais especificamente para a geografia cultural.

No entendimento sobre a importância do estudo do antigo prédio do clube Minas do Camaquã, é relevante considerar o que Choay (2001, p. 26), escreve sobre a origem dos bens patrimoniais: “Todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial”.

Ao longo da pesquisa, as Minas do Camaquã serão trabalhadas como uma categoria de vila, pois é assim que a localidade é enquadrada pelos órgãos públicos, mais especificamente pela Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul.

Certos indivíduos, apesar de não terem nenhuma inserção na vizinhança ou no bairro, vivem socialmente muito integrados, mas por meio de outros canais: cada um de nós utiliza diversos meios para organizar suas relações com o mundo, mas enquanto alguns podem utilizar uma gama muito variada, outros só dispõem de poucos meios que são então, frequentemente, muito ligados à localidade (BOURDIN, 2001, p. 13).

Nessas palavras, podemos perceber que, no caso dos moradores das Minas do Camaquã, os canais utilizados para manter a inserção foram as atividades de trabalho realizadas na mineração, bem como a questão da moradia, esta, porém

subordinada ao trabalho. Mesmo os que já se apresentam aposentados mantêm este canal aberto pelo sentimento de pertencimento às minas.

Conforme ainda afirma Bourdin (2001, p. 13) “quaisquer que sejam as justificações históricas, naturais ou culturais utilizadas, todas essas configurações locais são construídas por atores que as constituem em contextos de ação”. Ainda para o autor, “a singularidade é o valor mais garantido que existe; as ideologias comunitárias e ‘identitárias’ se impõem”.

Outro ponto de intersecção dos moradores da pequena vila se visualiza na devoção do povo à Santa Bárbara, considerada por eles como a padroeira dos mineiros. É a ela que eles suplicam, em momentos de angústia e aflição. Isso já ocorria quando eles solicitavam sua proteção para realizar o trabalho no interior das inóspitas galerias de onde eram retirados os minérios, e era também a ela que os mineiros agradeciam pela vida, pelo trabalho, e por todas as demais graças alcançadas. A manifestação religiosa é muito presente em cada lar, nos festejos e nas missas realizadas na igreja de Santa Bárbara.

Bourdin coloca algumas das dimensões que fundamentam o vínculo social,

Três grandes dimensões fundamentam o vínculo social. Primeiro, a complementaridade e a troca: esta última é parte constitutiva do social, porque somos bastante complementares e não intercambiáveis. A divisão do trabalho social cria diferenças com base na complementaridade, o que permite aumentar as trocas. Em segundo lugar, o sentimento de pertença à humanidade que nos leva a reforçar nossos vínculos com os outros seres humanos: força de linhagem, do vínculo sexual e familiar; afirmação de um destino comum da humanidade por grandes sistemas religiosos e metafísicos. Por fim, o fato de viver junto, de partilhar uma mesma cotidianidade: a proximidade surge então como produtora do vínculo social [...] (BOURDIN, 2001, p. 28).

Dentro destas relações instituem-se várias identidades, presentes nas relações de vizinhança, de moradia, de trabalho, de religiosidade, entre outras. Também identidades são formadas com o vínculo criado em relação aos espaços edificadas, ou paisagens culturais - assim chamadas por alguns pesquisadores.

No caso das Minas do Camaquã, existem vários espaços que foram construídos ao longo dos períodos, servindo tanto para abrigar atividades públicas e sociais, como a escola, o hospital, o CTG, como também para abrigar atividades de



lazer, como o ginásio de esportes, o cine rodeio e o prédio do antigo clube, objeto de nosso estudo, todos estes caracterizados como entes históricos.

Entende-se histórico como tudo aquilo que expressa relevância na vida social e cultural de uma comunidade, e não somente os fragmentos mais antigos ou aqueles vinculados a um acontecimento histórico, mas também aqueles relacionados com o cotidiano [...] (SALCEDO, 2007, p. 23).

Concordando com a afirmação acima, Choay (2001, p. 158) também lembra: “Um edifício só se torna histórico quando se considera que ele pertence ao mesmo tempo a dois mundos: um mundo presente, e dado imediatamente, o outro passado e inapreensível”.

Os espaços edificados representam as identidades, e, igualmente, o patrimônio histórico e cultural que determinado local possui. O prédio em evidência e que se encontra sob estudo nesta pesquisa, tem um valor para, a partir dele, entender as singularidades presentes nas relações estabelecidas na vila.

Nesse ponto precisamos concordar com o seguinte posicionamento:

A arquitetura é o meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos nossa identidade, e que é parte de nosso ser. Porém, mais que pela história ou por uma história, esse passado é em primeiro lugar e essencialmente definido pelas gerações humanas que nos precederam (RUSKIN *apud* Choay, 2001, p.139).

Em outra fala, Ruskin (*apud* CHOAY, 2001, p. 140) declara que “os edifícios do passado nos falam, eles nos fazem ouvir vozes que nos envolvem em um diálogo”. E ainda, na tentativa de evidenciar características sobre o patrimônio local,

[...] a prática de intervir em edificações de épocas precedentes é bastante antiga. Cada período histórico e cada localidade tiveram uma maneira própria de se relacionar com o passado, renegando-o ou a ele se ligando, dando continuidade ou fazendo escolhas seletivas (SALCEDO, 2007, p. 26).

A importância da preservação patrimonial remete-nos ao século XIX,

No século XIX, inventam-se os monumentos históricos, os procedimentos e as administrações encarregadas de administrá-los, classificá-los e conservá-los. Os grandes colecionadores continuam em tempo de paz o que os conquistadores tinham começado: reunir obras de arte, não só

contemporâneas, mas também antigas e às vezes esquecidas ou passadas de moda, cujo valor fica reafirmado. Na época, o objeto patrimonial se define, por seu valor estético, sua beleza, seu caráter excepcional mas também por seu valor exemplar, enfim, por sua historicidade, em outros termos, por seu valor de testemunho histórico (BOURDIN, 2001, p. 48).

A carta de Veneza de 1964, num contexto de debates teóricos no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, entre outras questões, propõe que a conservação dos monumentos históricos seja sempre favorecida por sua destinação a uma função útil à sociedade. Sobre isso, afirma Salcedo (2007, p. 40) “podemos dizer que a Carta de Veneza de 1964 traz contribuições importantes para a preservação, valorizando a função social do patrimônio e ressaltando que o patrimônio não só é constituído por obras de grande escala, mas também das criações modestas, da arquitetura residencial”.

Outras ciências também se ocupam com a cultura e com os espaços edificados, além de geógrafos, os arqueólogos também trabalham investigando as distribuições culturais, a presença e a preservação dos artefatos materiais, que se encontram presentes em diversas sociedades e que são importantes de serem estudados, numa perspectiva cultural.

Para um grande grupo de arqueólogos, a cultura material é pensada como um artefato. Baseados na paisagem estabelecida, podemos entender como se desenvolveram as estruturas sociais, os valores culturais e outros enfoques da cultura.

Assim descreve Meneses (1997, p. 19), sobre o entendimento de um artefato, como um prédio, por exemplo, “uma coisa física, produto e vetor material da apropriação do espaço: segmento da natureza ao qual o homem (a sociedade) impôs forma, função e sentido”. E ainda,

O importante é perceber que as formas arquitetônicas e a própria organização e articulação do espaço são vistos como um discurso através do qual se pode ter acesso às representações sociais dos grupos que viveram e construíram esse espaço (THIESEN, 1999, p. 34).

Claval trata também sobre o papel da cultura, frente a um determinado bem inserido numa porção do espaço:

[...] os homens vivem, frequentemente, em lugares que não desenharam; as sociedades inscrevem-se em espaços cujos traços são herdados de seus ancestrais fundadores longínquos ou de dominações estrangeiras. O papel da cultura é, então, mais voltado a reinterpretar o espaço do que a desenhá-lo. Isto pode ser alcançado mais facilmente recorrendo-se a retoques (CLAVAL, 2001, p. 210).

É neste sentimento de reinterpretar as dimensões culturais que se insere o estudo sobre o prédio do antigo clube Minas do Camaquã, tudo que o ele representou e tudo que representa nos estudos dentro da geografia cultural.

### **1.3 Metodologia**

As descobertas e invenções do mundo moderno, não se deram por simples ocasionalidade, foram objetos de muito trabalho e pesquisa, pesquisas sistemáticas e organizadas.

Muitos são os elementos que podem estar presentes na elaboração de uma pesquisa: a criatividade, o espírito investigador, uma hipótese, uma contribuição para o conhecimento científico, um problema, entre outros.

Para Luckesi (1991, p. 75) “a hipótese é o elemento norteador de nosso trabalho, no sentido de obtermos intencional e seletivamente os elementos que venham sustentar ou negar o valor da resposta que estamos supondo”.

Para a explicação de um fenômeno da realidade ou do aprofundamento do conhecimento de determinado lugar ou objeto, necessita-se de uma investigação minuciosa sobre tal fato. Minayo (1994, p.17) nos esclarece afirmando: “Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”.

Pesquisa ainda pode ser definida, de acordo com Gil (1995, p. 43), “como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, tendo como objetivo fundamental descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Na realização de uma pesquisa, é necessário, por parte do pesquisador, seguir alguns passos importantes para que consiga organizar os procedimentos a serem utilizados, visando à análise, interpretação e compreensão do problema

levantado anteriormente. As fases planejadas para a execução do processo investigativo constituem-se na metodologia utilizada pelo pesquisador.

Por metodologia, Minayo (1998, p. 16) entende “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”. Na concepção da autora, a metodologia não significa apenas técnicas e instrumentos, mas sim uma interação, ou seja, “[...] articulação entre conteúdos, pensamentos e existência”.

Ainda no que se refere aos procedimentos metodológicos que orientam para a conduta ética do pesquisador durante a execução dos trabalhos, LUCKESI assim escreve,

Cremos que não basta como autores de conhecimentos novos, só nos dispormos a utilizar princípios lógicos e metodológicos. Como seres humanos que somos, devemos, para com o nosso exercício de desvendamento da realidade e sua conseqüentemente divulgação, nos ater a um conjunto de procedimentos que pertencem a um âmbito de reflexão que poderíamos chamar de moral intelectual (LUCKESI, 1991, p. 79).

Existem vários tipos de pesquisa, mas destacam-se a pesquisa quantitativa e a qualitativa. O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos e, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos.

As questões epistemológicas e metodológicas nas Ciências Sociais estão, por definição, subordinadas às teorias explicativas que o pesquisador elege como responsáveis pelo funcionamento da sociedade, sendo também importantes sua visão de mundo, pois as teorias devem ser avaliadas em termos de seu poder explicativo sobre alguns aspectos da realidade.

Afirmamos “alguns aspectos” porque não parece existir nas ciências uma teoria suficientemente abrangente para comportar todos os fenômenos sociais e nem fornecer todas as respostas possíveis de serem levantadas, porque não se tem como comprovar uma verdade absoluta.

Os métodos de pesquisa qualitativa foram se ampliando no meio acadêmico, principalmente porque as metodologias quantitativas, baseadas em

números e classes estatísticas já não respondiam mais às investigações que iam sendo realizadas, pelo motivo de que os pesquisadores já estavam preocupados com as interações sociais presentes em seus grupos de análises, que se movimentavam e se organizavam ora de forma individual, ora de forma coletiva, necessitando de estudos mais aprofundados.

Além disso, as estruturas desses grupos, resultantes de micro processos de ação social devem ser conhecidos, analisados e interpretados, cabendo a cada um a metodologia apropriada e que seja adequada ao problema que se deseja investigar.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZOTTI, 1995, p. 79).

As metodologias qualitativas derivam da convicção de que a ação social é fundamental na configuração da sociedade, esquecendo que o método consiste na associação íntima entre teoria (saber ideativo) e técnica (saber operacional).

#### **1.4 Técnica de Pesquisa**

O uso das técnicas possibilita obter dados sobre a realidade que embasarão os caminhos percorridos pelo método. Se o método, que dispõe de fundamentação teórica, o auxilia na organização de seu raciocínio, as técnicas por sua vez, colaboram na organização das informações que o subsidiarão. Se teoria e método são processos desenvolvidos no plano do pensar, a técnica desenvolve-se no plano do fazer.

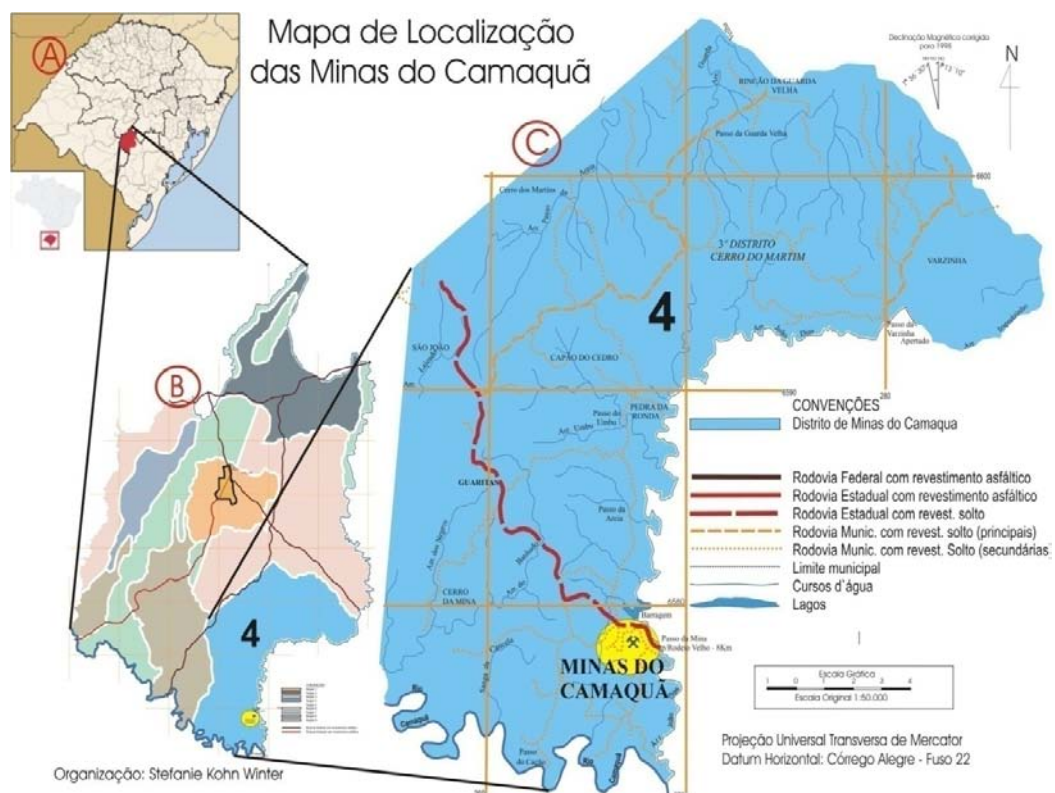
O pensar e o fazer andam juntos e são complementares. Sendo assim, métodos, técnicas e instrumentos constituem diferentes aspectos de um mesmo processo científico, ainda que às vezes eles possam ser separados para melhor entendimento de suas funções e características. Toda vez que o fazer esteja vinculado a um processo de pesquisa conduzido por um método, evidencia-se um trabalho científico. Num trabalho científico, tem-se a obtenção de dados que podem estar vinculados a um objetivo ou a uma problemática estabelecida.

O uso das técnicas produzirá um conhecimento revestido de caráter empírico baseado, em grande parte, na observação dos fatos, na coleta de dados, no uso dos sentidos, na prática e na vivência nas situações de pesquisa.

As técnicas, na verdade, são secundárias no sentido de que poderão ser sempre justificadas dentro do método científico. Ainda sobre a construção do conhecimento científico,

[...] o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1995, p. 79).

O trabalho metodológico referente à coleta de dados qualitativos e quantitativos sobre o resgate empírico e teórico da história do prédio do clube Minas do Camaquã, localizado no 3º distrito de Caçapava do Sul, RS (mapa 1), foi realizado durante o período de 2008/2009.



**Figura 6: (A) Localização do estado do RS no Brasil; (B) Localização do município de Caçapava do Sul, no RS; (C) Localização do distrito de Minas do Camaquã, no município de Caçapava do Sul e, em perspectiva, a localização da vila sede das Minas do Camaquã.**  
Fonte: Acervo da pesquisadora

Entretanto, já estávamos pesquisando a área em questão desde a época da graduação, quando elaborávamos o trabalho de conclusão de curso. Posteriormente continuamos com as saídas de campo para as Minas do Camaquã, para buscar informações e observar a rotina daqueles mineiros, com o objetivo de elaborar o artigo visando ao término da Especialização em Geografia pela UFPEL.

No mês de outubro de 2008, concomitante ao cumprimento dos créditos do mestrado na FURG, começamos o trabalho de coleta dos dados para a nossa pesquisa, tendo como base a pouca bibliografia específica sobre as Minas do Camaquã. Inicialmente, chegamos ao local e por já se conhecer a área de estudo foi-se praticando a conversa informal com os moradores da vila.

Os moradores responderam aos nossos questionamentos sempre com muita cordialidade, prestaram informações e dialogaram conosco colocando suas experiências, sentimentos e conhecimentos.

Algumas vezes, com as informações que já se dispunha, procuravam-se os moradores em suas residências, onde éramos sempre bem recebidos, conseguia-se conversar e entender como eram as relações estabelecidas na vila, como eram seus trabalhos, como se expandiram as Minas do Camaquã. Entendemos como trabalhavam nas diversas empresas mineradoras que ali foram se instalando, o que faziam e como eram seus momentos de lazer, como viviam seus familiares, entre muitas outras trocas de experiências e informações.

Uma importante etapa para a realização desta pesquisa envolveu a fundamentação mediante a leitura de bibliografias, as quais permitiram dar o embasamento teórico sobre o tema em estudo. Após a seleção dos assuntos relevantes ao estudo proposto, seguiu-se um processo de revisão bibliográfica e de fichamentos.

Fazer um recorte espacial da problemática é fundamental para realizar um trabalho científico. A delimitação clara do que se pretende estudar é fundamental para realizar a escolha adequada das fontes e do levantamento bibliográfico necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

Os temas estudados, geralmente, situam-se no âmbito da reflexão teórica e por isso são necessárias intensas pesquisas bibliográficas, que podem ser realizadas em leituras de livros, em análises de artigos publicados em periódicos ou revistas de autores clássicos no assunto ou que possuem relação com a temática a ser abordada.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para este autor, a pesquisa bibliográfica tem as suas vantagens, a principal delas reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem se torna particularmente importante quando o problema da pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 1997, p. 71).

A revisão de literatura permite a familiarização com o assunto, da significação aos fatos, ajuda a compreensão e a explicação. Não é possível interpretar, explicar e compreender a realidade sem um referencial teórico.

Em paralelo, por intermédio da pesquisa de campo, aliada às observações iniciais, estabeleceu-se a tentativa de traçar um panorama sobre a vida, os costumes, a religiosidade dos moradores das Minas do Camaquã.

Nesse sentido, mediante a aplicação de entrevistas elaboradas em blocos, cada uma questionando sobre um episódio vivenciado pelo clube, procurou-se evidenciar e retomar o contexto histórico-cultural. Assim, os blocos das entrevistas foram divididos em seis: 1) a sede da fazenda; 2) o gabinete dentário; 3) o armazém; 4) a venda em 1969 para a CBC; 5) os 15 anos – 1974 a 1989; 6) a formação da *holding* (1989 até 1996), na tentativa de trazer informações destes diferentes períodos e também comparar os dados das bibliografias.

Os blocos das entrevistas foram utilizados na dissertação como pivô do trabalho, organizados como se fossem os desdobramentos vivenciados pelo prédio do Clube Minas do Camaquã. Porém, para melhor organização estabeleceu-se dividir os desdobramentos em três capítulos: o prédio da fazenda, o clube Minas do Camaquã e os 15 anos de mudança, que em seu conjunto abrangem o conteúdo pertinente ao bloco das entrevistas e evidenciam o singular modo de vida dos mineiros e, igualmente, o contexto histórico e cultural da vila.

As entrevistas foram aplicadas aos moradores mais antigos do lugar, os velhos, visando a garantir os registros dos trabalhadores de idade mais avançada e secundariamente confrontá-los com a tomada de informações referente aos períodos mais recentes.

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsava seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito (BOSI, 2004, p. 60).



As entrevistas com os demais moradores em idade adulta foram igualmente realizadas, porém optou-se por não as trazer para o trabalho, visto que estas não tinham clareza de informações, nem mesmo de datas, de onde se pode inferir que as lembranças para eles não emergiam de maneira muito clara.

As entrevistas trouxeram muitas respostas para as dúvidas levantadas durante a execução da pesquisa e evidenciaram importantes fatos. Elas permitiram que se construísse o panorama do cotidiano mineiro, mediante a memória se fizeram tornar conhecidos os valores, as diferenças sociais existentes entre os moradores, as crenças, o ato de morar, o ritmo de trabalho, o momento do lazer, enfim, começou-se a ter uma riqueza de detalhes até então desconhecida pela pesquisadora.

A história oral, por ser um instrumento ligado à cultura e a todos os significados presentes em determinado grupo, faz com que, mais uma vez, o local seja apontado como o momento único e dialético nele vivenciado. Percebendo-se o vivido, o simbolismo, os problemas e as contradições existentes consegue-se, de uma maneira coerente, trazer para o trabalho informações precisas e importantes.

Thompson assim define a história oral,

[...] a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e, especialmente os idosos, a conquistar a dignidade e autoconfiança. Propicia o contato e, pois, a compreensão entre classes sociais e gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilham das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época (THOMPSON, 2002, p. 44).

É praticamente impossível separar-se a entrevista da história oral, porque o mineiro sempre faz passeios longos sobre a singularidade do jeito de viver do lugar, e as suas indagações são de caráter intersubjetiva e dialogada com todos, isto é, não se trata de uma narrativa de cunho puramente pessoal.

A história oral passa por esse imbricamento devido a sempre haver presente outro representante da comunidade que viabilizava a montagem dos cenários, dos personagens e dos episódios vivenciados, transferindo a conversa para o plano da relação comunitária, promovendo o registro da memória e colocando

o pesquisador como um espectador da encenação de dado cultural ímpar que só eles realmente participaram e assistiram.

A entrevista pode ser definida nas palavras de Gil (1997, p. 113) como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social”.

Como a pesquisa possui um cunho etnográfico, torna-se imprescindível a utilização de imagens fotográficas, as quais permitem a visualização de fatos e eventos. Além disso, a fotografia expressa o movimento, as cores, descreve momentos, enriquecendo o trabalho, porque muitas vezes não conseguimos descrever o que a imagem é capaz de mostrar.

Sobre a fotografia Mauad afirma:

O ponto de partida é compreender a natureza técnica do ato fotográfico, a sua característica de marca luminosa; daí a idéia de indício, de resíduo da realidade sensível impressa na imagem fotográfica. Em virtude desse princípio, a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade. Como corolários desse momento de inscrição do mundo na superfície sensível seguem-se as convenções e opções culturais historicamente realizadas (MAUAD, 1996, p. 79).

As informações trazidas permitem que o mineiro, seus parentes e seus vizinhos possam nos remeter ao imaginário e à realização da memória singular da comunidade. Esses mineiros conseguiram retroceder até o ano de 1865. O que aconteceu ou deixou de acontecer antes deste período não aparecia nos registros.

Cada bloco das entrevistas foi respondido por um morador, levando em conta, conforme foi dito anteriormente, os moradores e trabalhadores mais idosos do lugar, pois estes conseguiam levantar informações claras e concisas sobre os muitos períodos por eles vivenciados.

Elas foram realizadas em blocos, um bloco para cada entrevistado para que, dessa forma, o trabalho e o tempo disponibilizado não se tornassem desgastantes, visto que cada bloco tinha em média oito ou nove questionamentos.

Os moradores para quem foram aplicadas as entrevistas são os seguintes: Sr. Camilo, Zeno Dias Chaves, Zaldemir Alves Teixeira, Gervásio Pinto (Tio Pica), Zeone Dias e Sr. Vilmar. Entretanto, muitas outras pessoas colaboraram com valiosos dados referentes ao cotidiano da vila.

As entrevistas foram aplicadas duas vezes com pessoas diferentes respondendo cada bloco em cada amostra que foi aplicada. Os entrevistados não possuíam todos os componentes necessários para reproduzirem os episódios passados, vivenciados pela comunidade, porque só existe memória quando todos os sujeitos envolvidos se reencontram em determinado cenário.

As entrevistas, assim como a história oral, não obedecem à rigidez dos dados convencionais, representativos das ciências e formalmente apresentados, e não são autobiográficas e nem narrativas. Assim, o levantamento de dados empíricos foi realizado de forma que permeasse as várias relações de lealdade que estão dissolvidas no modo de vida mineiro e nas cenas vivenciadas no clube Minas do Camaquã.

O resultado das entrevistas foram somadas ao resultado das informações oriundas das conversas e dos discursos por eles apresentados, sendo comparadas às informações das datas com as bibliografias e com os jornais publicados na época, existentes na cidade de Caçapava do Sul, e até mesmo com o que circulava dentro da empresa mineradora.

O trabalho foi organizado tendo como alicerce as principais experiências vivenciadas pelos moradores do lugar, verticalmente, através das entrevistas e da memória dos velhos mineiros que trouxeram peças básicas para a montagem do quebra-cabeça imposto pelas contradições existentes entre a pouca bibliografia sobre as Minas do Camaquã e o que de fato evidenciamos pelas técnicas utilizadas.

Assim, acreditamos que a aceitação de formas variadas de aquisição dos dados empíricos é legitimada, quando o resultado é apresentado numa riqueza qualitativa e quantitativa sobre o que se pretende entender. Concluímos que é melhor optar pelo excesso de dados do que pecar pela carência destes.

O pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais. Ele se permite observar e refletir sobre o modo de vida dos indivíduos que se estabelecem em determinada sociedade, os problemas que enfrentam, as relações de trabalho que ali são mantidas, os aspectos culturais, a religiosidade, os momentos de lazer, os meios de transporte que utilizam para se deslocarem em momentos de necessidade, as infra-estruturas que dão sustento para a manutenção de suas necessidades básicas.

Assim, as pesquisas não se baseiam em um único método de compreensão do trabalho, mas elas precisam da interconexão das metodologias

para que se chegue a um trabalho que consiga abarcar de maneira conjunta os elementos necessários, sem privilégios e sem ideologias, a um resultado significativo da dinâmica social na qual a pesquisa esteja inserida, bem como, analisar o contexto geral.

O nosso propósito acadêmico ao apresentar o prédio do Clube Minas do Camaquã, mediante os seus diversos desdobramentos no jeito de viver do mineiro é refletir, dentro dos estudos da geografia cultural, os dados empíricos oriundos da vila Minas do Camaquã, caracterizada por ser um local de residência de mineiros e ex-mineiros provenientes do trabalho de exploração do minério de cobre e do legado histórico e cultural deixado na materialização dos prédios como bens culturais, logo, patrimônios.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 Cultura

Nossa sociedade está impregnada de fatos e dados culturais, as notícias do dia-a-dia passam e nem nos damos conta da importância histórica e cultural que elas têm ou que elas passarão a ter dentro de um futuro bem próximo.

Catástrofes são anunciadas, estatísticas são realizadas sobre os mais variados temas levando em conta importantes variáveis, as quais são aplicadas em muitas instâncias de nossa vida. Guerras acontecem nos mais variados recantos de nosso país, tudo é filmado, transmitido ou armazenado, fazendo parte de acervos históricos de inúmeras redações de jornais, servindo de fonte de pesquisas futuras. O mesmo acontece com os jornais publicados, que em sua maioria, após serem lidos, vão sendo armazenados em acervos de inúmeras bibliotecas ou casas de cultura.

Todas essas ocorrências são transformadas em fatos, e muitos deles são de importância histórico-cultural porque retrataram coisas que aconteceram em determinado período. O mesmo acontece com a cultura, ou melhor dizendo, com dados e fatos culturais.

Além disso, é no campo da cultura onde se percebe mais claramente a importância dos meios de comunicação. Cultura pode ser entendida como o conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da ação e da comunicação de um grupo concreto.

Cultura nada mais é do que o acúmulo de informações, fatos, relatos, acontecimentos, hábitos de vida de determinado grupo ou sociedade, que passam a ser transmitidos de uma geração a outra. Esses hábitos podem ainda serem resgatados em acervos, bibliografias ou mediante relatos de história oral de descendentes que vivenciaram aquele determinado fato ou ainda, a transmissão da história ocorrida, a qual acaba servindo também como testemunho de determinados episódios culturais. Conforme afirma Thompson (2002, p. 10), “a história sobrevive como atividade social apenas por ter hoje um sentido para as pessoas. A voz do passado tem importância para o presente”.

Os episódios culturais podem se dar por muitos fatores, entre eles podem ser destacados as perseguições religiosas, étnicas, culturais ou fatos que aconteceram em determinado período ou em determinado grupo. Podem ser relatados ou buscados em acervos, os modos de vida de um grupo de empregados, trabalhadores de determinada fábrica, a formação de determinado bairro de imigrantes estrangeiros, de grupos que, por ocuparem o mesmo tipo de função, foram assim residindo em um mesmo lugar, tendo ali presenciado e vivido toda uma história.

Histórias impregnadas de datas e eventos importantes, de vivências significativas e inesquecíveis, podendo ocorrer também que determinados episódios sejam marcados pela presença de pessoas ilustres. Sendo assim, esse grupo vivenciou junto aos seus familiares e amigos, momentos de alegria, de tristezas, de dificuldades e de esplendor.

Os modos de vida e os relatos culturais servem de base para muitos pesquisadores entenderem o porquê de determinado episódio, como e baseado em que se deu o desenvolvimento de nossa história e das datas importantes que precisam ser pesquisadas e às vezes melhor estudadas, visto que nem sempre a história oficial representa o que foi vivenciado em determinado período. A história dos oprimidos, com a qual também se preocupa Paulo Freire, também precisa ser estudada, registrada e evidenciada, para que possamos refletir sobre como se dão as organizações sociais, como vivem e como se tecem as relações civis dentro de nossa sociedade.

Diante de todas essas observações, pode-se perceber a importância que assume o estudo da cultura e dos modos de vida. Sobre uma influência francesa, numa proposta de humanização no que diz respeito ao espaço vivido, Gomes (1996, p.317) diz que “o espaço vivido torna-se uma categoria que acentua a constituição atual dos lugares, dedicando uma atenção especial às redes de valores e de significações materiais e afetivas”.

Como se torna impossível aos cientistas se dedicarem a tudo ao mesmo tempo, ocorre que pesquisadores dos mais diversos continentes terminam estudando uma pequena amostra, um determinado grupo ou um determinado fato cultural, para assim se estenderem os estudos sobre a cultura, sobre os modos de vida e sobre as análises político-sociais e antropológicas, reunindo muitos dados em suas pesquisas e, ao mesmo tempo publicando livros sobre os mais diferentes

enfoques da cultura e das relações sociais estabelecidas na sociedade, enriquecendo também os acervos culturais, os quais acabam servindo igualmente de base para novas pesquisas e para novos pesquisadores.

Sobre o espaço vivido para o pesquisador dentro da geografia humanista,

O espaço vivido deve, portanto, ser compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço, mas também vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente. Cada geógrafo deve possuir sua região, seu espaço, e a proximidade física e afetiva são elementos fundamentais nesta conduta. (GOMES, 1996, p. 319)

Os estudos culturais, bem como a cultura, sempre mereceram destaque, desde os primórdios os seres humanos já tentavam decifrar como viviam os primeiros habitantes, como se davam seus hábitos de vida e como fizeram para se espalhar sobre os mais diferentes continentes.

A cultura indígena, por exemplo, foi alvo de inúmeras pesquisas, muito se investigou sobre os diversos grupos que habitaram o continente brasileiro, pesquisando-se sobre quais eram esses grupos, o que os diferenciava, como elegiam seu cacique, como se davam seus rituais, o porquê de determinado grupo apenas caçar, e outro só viver da pesca e da coleta, qual era a ocupação das mulheres, como se davam os ritos de passagem; enfim, vários foram os questionamentos feitos pelos pesquisadores para, assim, conseguirem investigar a cultura e os modos de vida desses povos.

Muitos outros exemplos poderiam ser citados no estudo sobre a cultura, porém seria desgastante relatar casos isolados, buscar-se-á, então, entender mais sobre o conceito de cultura, sua importância e sua implicação nos estudos étnicos. Santos (1994, p. 36) afirma que “ora civilização, ora cultura serviam para significar os aspectos materiais da vida social, o mesmo ocorrendo com o universo das idéias, concepções e crenças”.

Cultura, resumidamente falando, é o acúmulo de informações, de costumes, de ritos de passagem e de modos de vida de determinado grupo, sendo transmitida entre os seus membros. Isso de uma maneira natural acaba formando a imensa diversidade étnica presente hoje em nossa sociedade. Conforme coloca Johnson (1999, p. 13), “os estudos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as

divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade”.

Não existem definições exatas para o termo cultura. Há muito tempo esse termo começou a ser utilizado por diversos autores, mas cada um deles acabou utilizando-o para uma finalidade em seus trabalhos.

Diante disso, outro ponto importante a ser colocado é que esse termo também está entremeado por uma complexidade imprescindível, visto que o termo cultura, dependendo do enfoque que se pretende dar à pesquisa, pode ser trabalhado ora favorável às elites ora favorável a classes menos abastadas, melhor dizendo, a categorias sociais que não são vistas como importantes na sociedade capitalista hoje imposta.

[...] a cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais, para definir e satisfazer suas necessidades. A cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais (JOHNSON, 1999, p.13).

O termo cultura pode ter como alguns de seus significados a palavra cuidar, cultivar, zelar, todos esses sinônimos trazem como principal referência o sentido de preservar o acumulado, tornar sempre vivo o cuidado com os conhecimentos presentes na cultura.

Esses conhecimentos podem ser o simples ato de cozinhar determinado produto, a marca registrada na elaboração de determinado prato (como por exemplo, o acarajé da Bahia), as tradições simbolizadas, que nada mais são do que as evidências dos modos de vida, visíveis mediante a dança (grupos gauchescos no extremo sul do Brasil, as danças folclóricas alemãs, o samba brasileiro), os ritos de passagem, a religiosidade, a maneira de se vestir, de educar os filhos, de organizar a casa e os utensílios domésticos, entre outros.

Uma das definições que toma como base esse conjunto de conhecimentos adquiridos para designar o termo cultura, de acordo com Laraia (1993, p. 25), ao referir-se a Tylor, toma a expressão em seu sentido etnográfico, como este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.



Essa definição, expressa pelo termo cultura, abrange todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos, expressa pelas ideias de pesquisadores com uma visão diferenciada de Tylor.

Esse mesmo autor se ocupa em analisar a diversidade cultural da humanidade, “a qual seria explicada por ele como o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução”. Entretanto, apresenta-se nele, desta maneira, uma contradição, pois pretendia ele com essas palavras criar uma escala de civilização, colocando em um dos extremos a nação européia e em outro as tribos selvagens.

Claro que não se pode julgar os enunciados por ele criados sobre estes estágios, até porque neste período se vivia na Europa todo o esplendor da obra de Darwin. Por outro lado, tomando como análise o prisma de nossa sociedade, o autor negou, ou simplesmente não levou em consideração, os múltiplos caminhos da cultura. Isso tem um significado muito importante, não há como se medir graus de evolução se é que isso existe, pois nossa sociedade está se mostrando a cada dia em processo de involução, muitas atitudes incoerentes estão sendo tomadas e admitidas em nossa sociedade, em muitas instâncias da vida, sem que nem mesmo existam punições.

Cada cultura tem a sua importância, porque ela registra o cotidiano, o vivido. E,

[...] a escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as contradições que vivem (JOHNSON, 1999, p.143).

A cultura vista desse ponto torna-se muito rica para a nossa sociedade, por abarcar em seu termo diversas características, conforme escreve Santos,

[...] é a história de cada sociedade que pode explicar as particularidades de cada cultura, as maneiras como seus setores, suas concepções, suas formas, produtos, técnicas e instituições se relacionam, formando uma teia que condiciona seu próprio condicionamento (SANTOS, 1994, p.76).

Quando se leva em consideração todo o legado deixado por grupos, povos, tribos e sociedades, falamos sobre cultura e modos de vida,

[...] há certa convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura como modo de vida global distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um sistema de significações bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social, e o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como atividades artísticas e intelectuais, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as práticas significativas, desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade, que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 1992, p.13).

Essas significações tomam forma a partir do cotidiano vivido, onde na família, no grupo, no trabalho ou na vida diária se começam a adotar determinados procedimentos que acabam por se tornar repetitivos. Essa repetição começa a ser passada de uma geração para outra, revelando importantes elementos sobre as culturas, assim como o folclore,

[...] aquilo que vemos existir como folclórico não existe em estado puro. Existe no interior de uma cultura, de culturas que se cruzam a todo momento e que representam categorias sociais de produtores dos modos de sentir, pensar e fazer. Talvez mais certo do que dizer até que folclore é um tipo de cultura, com as características que estivemos vendo, seja dizer que o folclore é uma situação da cultura. É um momento que configura formas provisoriamente anônimas de criação: popular, coletivizada, persistente, tradicional e reproduzida através dos sistemas comunitários não-eruditos de comunicação do saber. Como esses modos ou situações de cultura se cruzam, e, de quando em quando, fazem emergir algo a que se dê o nome de folclore, é o que tantas manifestações poderiam ajudar a compreender (BRANDÃO, 1982, p. 56-57).

A partir de repetições da cultura, também se percebe atos e fatos que acabam por se tornar marca registrada de determinados grupos ou etnias, marcas da cultura por assim dizer, as quais podem ser melhor visualizadas e entendidas no momento em que o pesquisador insere-se nesse cotidiano e começa a descobrir e ajudar o pesquisado a trazer à tona eventos e marcas que se tornaram importantes em sua vida.

De acordo com Braverman (1980, p. 52), “sem símbolos ou linguagem o pensamento conceptual deve permanecer rudimentar e, ademais, não pode ser livremente transmitido através do grupo ou às gerações seguintes”.

Muitos grupos, pelo fato de desenvolverem a mesma profissão e exercerem atividades muito próximas durante longos períodos, tornam-se conhecidos pelo tipo de função que executam, principalmente se esse trabalho não for muito comum e for restrito a áreas específicas do território, também geram temas para pesquisas. Além disso, na execução de determinada tarefa, com ou sem vínculo empregatício, começam a entrar em jogo uma série de interesses tanto da parte do empregador como por parte do empregado.

Batalha (2004, p.44) lembra que “devemos examinar o contexto em que as vidas operárias são vividas. Isso significa visualizar tempo e espaço não como pano de fundo na análise histórica, mas, fundamentalmente, como parte intrínseca do próprio processo de mudança histórica”, e poderíamos dizer também que neles ocorrem todos os momentos de mudanças dos modos de vida.

Visualiza-se no cotidiano de vida e trabalho a diferenciação de classes, as questões trabalhistas, os impactos mais diversos, as variáveis econômicas, e os problemas sociais.

Nas palavras de Santos, a cultura

[...] mantém relações complicadas com a sociedade de que faz parte. Ela é produto dessa sociedade, mas também ajuda a produzi-la, tanto porque está ligada à manutenção de concepções e de formas de organização e de vida, quanto porque está ligada à transformação destas (SANTOS, 2004, p.65).

Em contrapartida por parte dos trabalhadores, no caso de um exemplo de uma comunidade operária, mesmo com contradições, forma-se uma grande família, os quais acabam unindo-se por laços de proximidade, enfrentando muitas vezes em conjunto uma série de problemas, lutando pelos mesmos ideais, compartilham uma infinidade de tradições, acabando, muitas vezes, por proferirem a mesma crença, adotando para isto símbolos que os representem enquanto sociedade instituída.

Em *The science of culture*, White afirma,

[...] cultura sem continuidade de experiência é, evidentemente impossível. Mas que espécie de continuidade de experiência é pré-requisito da cultura? Não a continuidade que advém da comunicação da experiência pela imitação, porque encontramos isso nos macacos. Naturalmente essencial é a continuidade no aspecto subjetivo, mais que no objetivo ou aberto. Como mostramos é o símbolo, sobretudo sob forma de palavra, que proporciona esse elemento de continuidade na experiência instrumental do homem. E, finalmente, foi este fator de continuidade na experiência instrumental do

homem que possibilitou a acumulação do progresso, numa palavra a cultura material (WHITE, 1949, p.48).

A questão da simbologia, do uso de símbolos identificadores, explica muita coisa sobre os grupos, é através deles que conseguimos identificar as contradições sociais existentes, também identificamos o credo religioso, as manifestações sociais, a organização da família, entre outros pontos que poderiam ser considerados. Nas palavras de Arantes (1985, p. 35), “a cultura é constituída de sistema de símbolos que articulam significados”.

O símbolo ao mesmo tempo faz com que em determinados momentos inexistam as contradições. Determinados símbolos presentes na cultura de determinado grupo os une em torno de um mesmo objetivo, por exemplo, o símbolo religioso, a devoção à determinada padroeira, a organização e os festejos naquele instante de celebração fazem com que todos os olhares se voltem em reverência ao símbolo ali projetado, esquece-se de tudo e de todos os problemas apreciando-se o momento.

Concordando com as palavras de Arantes,

[...] desse modo, interpretar o significado das culturas implica em reconstituir, em sua totalidade, o modo como os grupos se representam, as relações sociais que os definem enquanto tais, na sua estruturação interna e nas relações com outros grupos e com a natureza, nos termos e a partir dos critérios de racionalidade desse grupo (ARANTES, 1985, p.34).

A cultura é assim, envolta em muitas características, símbolos, crenças, tradições, culinária, ritos de passagens, enfim, todas muito importantes, diferenciadas e características, dignas de serem apreciadas pela sociedade e que também necessitam serem preservadas e respeitadas.

Tudo o que é cultural pode se tornar patrimônio devido à importância que adquire ou passa a adquirir mediante a atribuição de valor com o transcorrer dos anos. Registros que muitas vezes não são preservados acabam se perdendo, perdendo-se também pedaços da história de nossas sociedades.

Nas palavras de Santos (1994, p. 76), “o legado cultural comum é um bem do quais tendências diferentes dentro da sociedade procuram se apropriar”.

Ao mesmo tempo,

[...] é ingênuo (embora seja costumeiro) querer que grupos, rituais de nosso folclore sejam protegidos da influência erudita, e, pior ainda, da influência direta dos interesses de controle do capital sobre a cultura popular. Modos diferentes de participar da cultura encontram-se porque são vividos e conduzidos por pessoas reais, por grupos e classes sociais reais. Quando na dinâmica da vida social há encontros, os processos de apropriação e expropriação de conquista erudita, de manipulação, de controle e de existência são acionados (BRANDÃO, 1982, p.70).

Além disso, sobre a caracterização da cultura, o autor assim escreve:

Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes. A diversidade de culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza (SANTOS, 1994, p.12).

Portanto, embora nossa sociedade seja muito complexa, rodeada de inúmeras contradições e desafios, a cultura expressa as complexas realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e ao mesmo tempo os diferenciam. Ainda nas palavras de Santos (1994, p. 26), “as culturas humanas são dinâmicas. De fato, a principal vantagem de estudá-las é por contribuírem para o entendimento dos processos de transformação por que passam as sociedades contemporâneas”.

## **2.2 Memória**

A lembrança surge da percepção que o indivíduo tem sobre determinado episódio de sua vida, de seu trabalho, de seus amigos, amores, familiares, entre outros.

O ato de lembrar exercita algo a que chamamos de memória. Buscamos na memória algo que já havíamos esquecido, algo que alguém nos lembrou ou, ainda, quando somos interrogados sobre algum fato de significativa importância, precisamos novamente recorrer a ela, a memória, para assim, colaborar com informações as mais verossímeis possíveis a fim de esclarecer dúvidas pertinentes a tal fato. Alguns detalhes sobre determinado acontecimento muitas vezes não são encontrados em fontes, como jornais, periódicos ou livros, ou muitas vezes, quando

o são, mostram ambiguidades que só quem os vivenciou ou presenciou pode esclarecer.

Através da linguagem, a memória é socializada e unificada, aproximando os sujeitos e limitando suas lembranças sobre os acontecimentos vividos no mesmo espaço histórico e cultural.

Isso significa dizer que a memória, em alguns momentos, necessita se apoiar no coletivo ou em algum personagem presente em determinado episódio, para assim vir à tona, ou seja, para assim ser lembrado e se fazer presente.

A memória é um instrumento muito utilizado nas pesquisas sociais e etnográficas, visto que ela proporciona o contato direto entre o pesquisador e o pesquisado ou entre o sujeito e o observador, a fim de levantar dados, buscar informações, esclarecer dúvidas. Privilegia-se, nesse sentido, a memória de idosos.

Sabe-se que em muitas sociedades o idoso é muito valorizado, sendo ele sempre consultado, pelo fato de possuir uma vasta sabedoria, pela própria experiência de vida, a qual auxilia os menos experientes.

A sociedade capitalista impede a lembrança. Lembrar para ela não é importante. Ora ela utiliza o velho como mão de obra ora ela afasta o idoso, destruindo os suportes materiais da memória, bloqueando os caminhos da lembrança, arrancando seus marcos e apagando também com estas atitudes todos os seus rastros.

Ao ser ouvido, o idoso sente-se valorizado e acolhido. Ele, em outra época, vivenciou fatos e acontecimentos que enriquecem hoje a nossa história. Além disso, trazem conselhos importantes para as nossas gerações. Ao relembrar, o velho traz consigo experiências profundas, perpassadas de saudades, de alegrias, de vitórias e derrotas, de perdas de entes queridos e de fatos que materialmente não voltarão mais.

Sobre a memória de velhos, Bosi relembra que,

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade (BOSI, 2004, p. 60).

Há por isso, uma importante diferença nos sujeitos envolvidos na pesquisa, ou seja, os pesquisados. Essa diferença diz respeito à idade dos entrevistados e é possível de ser entendida levando-se em consideração o que foi apontado pela autora, a qual acrescenta que

[...] o adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez. Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesmo da sua vida (BOSI, 2004, p.60).

Também se percebe através disso o que outrora já havia sido colocado, que o velho teria uma obrigação social de lembrar; obrigação esta que para os indivíduos de outras idades não se coloca.

No artigo Memória e Identidade Social, Pollak nos fala que:

[...] a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 02).

Essas mudanças constantes observadas na sociedade são frutos do movimento dinâmico instituído no decorrer dos acontecimentos dentro desta mesma sociedade. No que tange à memória, muitas lembranças são esquecidas, outras tantas são lembradas no coletivo porque envolveram mais de um indivíduo e, ainda, outras são construídas e começam a fazer parte da história de vida como se verdades fossem.

Diante disso, Pollak se refere aos relatos sobre o modo de vida e a cultura da seguinte forma:

É como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memória construídas coletivamente - houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem em função de interlocutores, ou em função dos movimentos da fala (POLLAK, 1992, p. 11).

Além dos acontecimentos vividos pessoalmente, existem os acontecimentos vividos na coletividade, sempre constituídos de pessoas e personagens que, às vezes, participaram de maneira distante dos fatos ocorridos num determinado período espaço-tempo daquela pessoa, juntando a isso podemos falar dos lugares. Existem lugares de memória, ligados particularmente a uma lembrança que pode ser muito pessoal, podendo não ter apoio num tempo cronológico determinado.

Para pesquisadores envolvidos e preocupados com os estudos culturais, o contato com pessoas é um ato concreto e mediador da pesquisa.

Recorrer à memória e aos relatos se faz necessário, pois

[...] o tempo da cultura popular é cíclico. Assim é vivida em áreas rurais mais antigas, em pequenas cidades marginais e algumas cidades pobres, mas socialmente estáveis de cidades maiores. O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor. Sempre que uma inovação penetra a cultura popular, ela vem de algum modo traduzida e transposta para velhos padrões de percepção e sentimento já interiorizados e tornados como que uma segunda natureza. De resto, a condição material de sobrevivência das práticas populares é o seu enraizamento (BOSI, 1999, p. 11).

Segundo a definição do dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001, p. 456), memória é “a faculdade de reter as ideias, impressões, conhecimentos adquiridos, lembranças, reminiscências. É um dispositivo em que informações podem ser registradas, conservadas e posteriormente recuperadas”.

Assim, a memória acaba servindo como ferramenta indispensável na busca do entendimento de muitos fatos ocorridos na sociedade, relembra episódios vivenciados por muitos grupos pertencentes a um determinado lugar, tendo entre eles laços que os prendem, que trazem informações, que os identificam por diversas formas e conteúdos.



O suporte fundamental da identidade é a memória, mecanismo de retenção da informação, conhecimentos, experiência, quer em nível individual, quer social e, por isso mesmo, é o eixo de atribuições, que articula, categoriza os aspectos multiformes da realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade (MENESES, 1999, p. 183).

A memória traz do pesquisado para o pesquisador bem como para toda a sociedade muitas informações, muitos dados que não encontramos em outras fontes. Entretanto, algumas características necessitam serem analisadas.

Há duas características da memória que nos obrigam a uma consideração mais cuidadosa. A primeira é que ela é seletiva. Nem tudo ela registra e, do que registra, nem tudo aflora para a consciência. Até por paradoxo a memória poderia ser interpretada como um mecanismo de esquecimento programado. A outra característica é que a memória pode ser induzida e mesmo forjada (MENESES, 1999, p. 183).

Por sabermos a riqueza que se encontra presente na memória e em todas as maneiras que ela auxilia nas pesquisas, é preciso, por parte do pesquisador, entender toda a complexidade existente em torno de seus conceitos e todos os seus significados.

Exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem tampouco futuro. Em outras palavras: a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança. Se não houver memória, a mudança será sempre fator de alienação e desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência, e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho no passado esvaziado para o vazio do futuro (MENESES, 1999, p. 185).

Assim como a cultura e os fatos culturais são dinâmicos, o mesmo acontece com a memória. Ainda de acordo com Meneses (1999, p. 185), “a memória assim, mais precisamente, diz respeito à história concebida não como o conhecimento do homem no passado, mas como o conhecimento da dimensão temporal do homem”. Em outras palavras, o autor coloca que a memória passa pelo processo histórico-cultural vivenciado pelo indivíduo durante a sua existência.

A memória utiliza o sujeito e os que com ele convivem como os principais atores dos fatos, ou seja, muitas lembranças são trazidas à tona, utilizando como base o coletivo. O folclore é um exemplo de transmissão que se dá por meio da comunicação dada mediante a coletividade.

O folclore vive da coletivização anônima que se cria, conhece e reproduz, ainda que durante algum tempo os autores possam ser conhecidos. Mas justamente porque foram aceitos, coletivizados com o tempo a memória oral, que é o caminho por onde flui o saber do folclore, esqueceu autorias, modificou elementos de origem e retraduziu tudo como um conhecimento coletivo, popular (BRANDÃO, 1982, p. 34).

Seguindo sobre o prisma da coletividade e todas as contribuições que podem vir dela, Halbwachs, nos diz que:

A memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (HALBWACHS, 2006, p. 12).

No trabalho de buscar informações mediante a utilização da memória de sujeitos envolvidos com um determinado contexto e que servirá de base para informações na pesquisa, a história, o vivido sempre se fará presente e se torna de fundamental importância.

Há algumas distinções neste tipo de trabalho, que

[...] situa uma notável distinção entre a memória histórica de um lado, pressupondo a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado, e por outro lado a memória coletiva, que magicamente recompõe o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual se desenvolvem as diversas formas de memória, que se alteram conforme as intenções por ela visitadas (HALBWACHS, 2006, p. 14).

Como nos interessa descobrir fatos vivenciados nos modos de vida do grupo em questão, ocorre uma fusão de fatos lembrados pela memória individual, mas em contrapartida também, determinados episódios só conseguem ser lembrados mediante um evento com repercussão no âmbito coletivo desse grupo.

No entanto, se a memória coletiva não deve nada à memória histórica e tudo à memória coletiva, é porque a primeira, está localizada na intersecção de muitas séries aproximadas pelo acaso e pelo nivelamento dos grupos – a memória não poderia ser o alicerce da consciência, pois é apenas uma de suas direções, uma perspectiva possível que o espírito racionaliza. Somos assim levados ao estudo dos acontecimentos humanos mais simples, tal como ocorrem na vida real durante as inúmeras dramatizações em que se enfrentam os papéis reais e imaginários, as projeções utópicas e as construções arbitrárias (HALBWACHS, 2006, p. 14).

A substância social da memória, é assim descrita por Bosi:

O modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute o ato de lembrar (BOSI, 2004, p. 31).

A cultura, os modos de vida, toda essência do vivido podem ser transpostas por intermédio da memória. Memória através da qual os velhos podem transmitir aos seus familiares e para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram, o que aprenderam. Na velhice as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo e da sociedade.

Sobre isto Bosi escreve:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente (BOSI, 2004, p. 74).

A memória é parte integrante da construção da identidade de indivíduos ou sociedades, envolvendo elementos diversificados, não-oficiais, não dominantes e que enriquecem nossa cultura e a história social. Nas palavras de Bosi (2004, p. 89), “hoje a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente”.

Halbwachs (2006, p. 81) ainda nos diz que “a história vivida se distingue da história escrita porque ela tem tudo o que é necessário para constituir um

panorama vivo e natural sobre o qual se possa basear um pensamento para conservar e reencontrar a imagem de seu passado”.

O ritmo social do tempo em cada lugar é diferente, assim como se tornam diferentes os episódios vividos por determinado indivíduo, que está muitas vezes relacionado com fatos vivenciados por todo o grupo, momentos de festejos, de dias compartilhados, de relações de trabalho, e, em outros momentos que são vividos individualmente, ou seja, momentos em família, onde o grupo não se faz presente como um todo, mas mesmo assim pode ser revivido coletivamente,

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 2004, p.423).

E, ainda, de acordo com o compasso social do tempo,

[...] fica a idéia de uma apreensão do tempo dependente da ação passada e da presente, diversa em cada pessoa. Um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não consistiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória (BOSI, 2004, p.422).

Portanto, a memória permite, de maneira às vezes direta e às vezes subjetiva, resgatar informações e modos de vidas de épocas anteriores a que estamos vivendo, com uma riqueza de detalhes importantes para entender determinados mecanismos e atitudes hoje existentes. Além disso, traz um panorama vivo e natural do passado, baseado em modos de vida que testemunharam a existência de fatos relevantes e carregados de elementos culturais.

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram enquanto integrantes do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenha com os outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Percebemos assim, que a memória se apoia na construção de referenciais de diferentes grupos sociais sobre o passado e o presente, respaldados nas tradições e ligados a mudanças culturais. Jacques Le Goff (2003, p. 47), por exemplo, defende uma finalidade libertária para a memória: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

A memória viabiliza e permite que o sujeito continue a valorar o bem material ou imaterial. De nada adianta tombar determinado bem como patrimônio se a comunidade na qual ele esteja inserido não o achar importante, não cuidar dele e, pior ainda, se na memória individual ou coletiva desse grupo determinado bem não fizer parte de suas lembranças.

O movimento da memória no interior dos sujeitos é o de recuperar lembranças de acordo com as necessidades do presente e irá depender de suas condições emocionais, colocando-as à disposição da consciência no momento em que estas memórias estejam sendo solicitadas.

A sobrevivência da cultura e dos bens culturais, porém, depende da ação do grupo social defendendo os seus valores e procedimentos das ameaças de transformação oriundas do ambiente externo.

No que tange às Minas do Camaquã proteger o prédio do Clube, por exemplo, exige muito mais do que a importância deste enquanto bem representativo de todas as mudanças históricas culturais vivenciadas naquela comunidade. Como ele se encontra hoje em poder privado, sem acesso ao pátio interno e muito menos ainda ao seu interior, sua situação de prédio reformado e adquirido por um único proprietário acaba por dificultar a atuação patrimonial no que diz respeito ao seu tombamento ou ao seu inventário.

Entretanto, a comunidade mineira se preocupa com ele, fala nele, o quer, por ser ele um dos principais representantes da vila Minas do Camaquã, anterior até mesmo do ciclo minerador que ali começou a se instalar em meados de 1865.

Basicamente a memória e a identidade cultural de um determinado grupo andam juntas e se constroem mutuamente, de modo que a eliminação de um é a eliminação do outro. Diante disso, o sujeito só lembra, só tem memória do que é seu, ou seja, traz da memória momentos vivenciados e importantes para ele e para o grupo no qual se encontra inserido.

E desta forma, também protege o que é seu, o que considera seu e o que o sujeito pensa que jamais lhe poderá ser tirado. É por isso que a comunidade das Minas do Camaquã lembra, traz muitos registros mediante a memória e, igualmente, revive os episódios do prédio do Clube.

As memórias tanto individuais como coletivas, são atos de lembrança que devem ser considerados como práticas ou ações humanas construídas socialmente, mesmo que o ato de lembrar naquele instante é um momento único e particular vivenciado pelo sujeito.

Portanto, as memórias são ferramentas importantes no trabalho de reconstrução da história do prédio do Clube Minas do Camaquã, uma vez que essas memórias trazem todos os momentos que se tornam singulares aos moradores, que de uma maneira ou de outra, estiveram presentes em um ou outro episódio daquela comunidade mineira.

### **2.3 Patrimônio**

Tradicionalmente, a palavra patrimônio foi utilizada como referência à herança paterna ou aos bens familiares que eram transmitidos de pais para filhos, particularmente no que se referia aos bens econômicos e afetivos. Ao longo do tempo, a palavra patrimônio foi gradualmente adquirindo outros contornos e ganhando outras qualidades semânticas, sem prejuízo do domínio original.

A palavra patrimônio, assim como outros termos, foram adquirindo outras nuances e fazendo parte de outros contextos. O patrimônio, por exemplo, juntamente com o seu conceito, não permaneceu restrito às relações jurídicas, ele foi tomando importância e, hoje, está, sobretudo relacionado e tomando cada vez mais dimensões socioculturais.

De acordo com Chagas (2007, p. 208), “a palavra patrimônio, ainda hoje, tem a capacidade de expressar uma totalidade difusa, à semelhança do que ocorre com outros termos, como é o caso da cultura, da memória, do imaginário...”. Dessa maneira, podemos perceber que os termos hoje utilizados em diversos trabalhos são multidisciplinares, fazendo com que diversas áreas do saber dialoguem, ou seja, vários termos como o patrimônio não são exclusivos a uma única ciência, podendo

fazer parte com significados diferentes em várias pesquisas, não importando em qual ramo do conhecimento os termos sejam aplicados.

Não nos cabe aqui fazer uma diferenciação dos vários tipos de patrimônios existentes e nem onde essas múltiplas expressões derivadas do patrimônio são aplicadas, mas sim trazer argumentos, questionamentos, indagações e pesquisas sobre este termo nos estudos da geografia enquanto ciência, dentro de um dos seus ramos que é a geografia cultural.

Referindo-se a uma visão mais abrangente de patrimônio, Funari e Pelegrini (2006, p. 32) assim declaram: “a definição de patrimônio passou a ser pautada pelos referenciais culturais dos povos, pela percepção dos bens culturais nas dimensões testemunhais do cotidiano e das realizações intangíveis”.

Dentro de uma concepção moderna de patrimônio, remetendo-se a suas diferentes qualificações, e mesmo tendo ramificado a sua aplicação nos mais diversos estudos, esse conceito ainda está muito atrelado a uma concepção preservacionista, algo que é propriedade de alguém, como se fosse num sentido mesmo de posse.

Dessa forma, considera-se patrimônio algo que é tomado de cuidado, tendo um grande valor, possuindo um significado incomensurável e que moeda nenhuma pode comprar, em outras palavras, que não pode nem mesmo ser objeto de troca.

Sobre a maneira de como os bens culturais que compõem um patrimônio estão associados ao passado ou à história, Gonçalves assim se refere:

Assim como a identidade de um indivíduo ou uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade de uma nação pode ser definida pelos seus monumentos aquele conjunto de bens culturais associados ao passado. Estes bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado e, desse modo, estabelecer uma ligação entre passado, presente e futuro. Em outras palavras, eles garantem a continuidade da nação no tempo (GONÇALVES, 1988, p. 267).

Sobre o poder e o cuidado em salvaguardar algo, Chagas salienta que:

Apenas aqueles que se consideram possuidores ou que exercem a ação de possuir – seja do ponto de vista individual ou coletivo – é que estão em condições de instituir o patrimônio, de deflagrar (ou não) os dispositivos necessários para a sua preservação, de acionar (ou não) os mecanismos de transferência de posse entre tempos, sociedades e indivíduos diferentes (CHAGAS, 2007, p. 209).

Nesse contexto, sociedades que se julgam possuidoras de determinado bem, que lutam para proteger algo em sua comunidade e que a julgam como um patrimônio são as que se tornam porta-vozes da preservação e representantes de sua salvaguarda.

É como se refere Choay ao falar das radículas do poder mágico da noção de patrimônio ao reconhecer que

[...] ela transcende as barreiras do tempo e do gosto; uma outra radícula pode ser associada à noção de preservação que implica idéias de prevenção, proteção, conservação e mais precisamente a ação de pôr ao abrigo de algum mal, dano ou perigo futuro (CHOAY, 2001, p. 98).

Dessa forma, para que se possa ter um patrimônio que seja valorizado e preservado, de nada adiantam ações preservacionistas, instituições de cultura ou representantes governamentais para declarar algo como patrimônio pensado e concretizado por eles, é necessário, e, esse não é um ponto sem importância, que o sujeito da ação inserido naquela sociedade identifique no objeto a ser preservado algum valor. Nas palavras de Chagas (2007, p. 210), “a tentativa de preservação da ordem e da paz a todo custo, tende a colocar em perigo a paz e a própria ordenação social; a tentativa de preservar a vida através de ritos políticos de limpeza tende a colocar a própria vida em perigo”.

Por outro lado, sem a identificação de um valor qualquer, seja ele mágico, econômico, simbólico, artístico, histórico, científico, afetivo ou cognitivo, a preservação não será deflagrada por parte da comunidade ali inserida, mesmo que haja o perigo da destruição do bem.

O conceito de patrimônio pode assim ser apresentado, levando em conta dois atributos: valor e perigo.



O conceito de patrimônio, como uma categoria geral inerente aos objetos materiais ou imateriais reúne três atributos essenciais: a existência de um objeto, o desejo de memória; e, a proteção contra perdas. Implica também considerar duas noções: valor e perigo. Para além da atribuição do valor documental que conforma as memórias documentárias, a criação de um bem patrimonial vai exigir que ele possua um valor de representação, em que ele deixa de significar isoladamente em relação à sua função social primária, e passa a representar toda uma classe de objetos. Patrimônio é um atributo simbólico de um bem que se quer preservar como um indício de memória. A segunda noção, a de perigo, significa que o bem já valorizado pode correr risco de desaparecer, ou de se modificar por conta do uso; torna-se então necessário salvaguardar o já então bem patrimonial dos riscos naturais e sociais de interferência em sua integridade física ou processual (DODEBEL e GOUVEIA, 2006, p. 6).

Nessas palavras consegue-se perceber que o que importa não é o bem isoladamente, mas, a sua composição com outros fatores, com outras coisas que necessitam serem observadas e que venham a indicar uma ação que quer valorizar algo como patrimônio de um grupo, de uma comunidade.

A preservação e o cuidado para com um determinado bem enquanto local de práticas sociais comuns a uma mesma comunidade, surge das narrativas compostas por esses mesmos sujeitos fazedores dessa história e estão sempre cercadas de muitas subjetividades.

Sobre a noção de patrimônio, com um contorno moderno, e que diz respeito ao patrimônio cultural, Chagas assim se refere:

Propriedade e posse, preservação e destruição, perigo e valor, público e privado, refuncionalização e resignificação parecem ser os termos que dão o contorno moderno da noção de patrimônio e, de modo particular, da noção de patrimônio cultural...que, a rigor, é um instrumento de mediação entre diferentes mundos, entre o passado, o presente e o futuro, entre o visível e o invisível (CHAGAS, 2007, p. 213).

O patrimônio dentro dessa noção de instrumento mediador entre diferentes mundos é o que permite que os estudos culturais se tornem importantes. Por que quanta informação e simbologias aparecem por detrás de um prédio, por exemplo, os símbolos presentes não falam por si, eles precisam ser interpretados, analisados, estudados e evidenciados e, dessa forma, trazerem informações para os seus pesquisadores.

Sobre as relações do nosso mundo com outros mundos, Claval (2001, p. 152), afirma que “as relações que os indivíduos estabelecem com os outros lugares

que dão um sentido à sua vida dão origem a comportamentos relativos ao espaço que nenhuma análise funcional pode dar conta”.

O que parece estranho ao nosso pensamento ou ao nosso mundo pode não ser para determinado sujeito, inserido em uma sociedade diferente da nossa, pois a memória individual se traduz em sentimentos e experiências únicas e leva também a formas diferenciadas de comportamento e de relações de pertencimento que para nós parecem ser difíceis de serem explicadas.

Esses diferentes mundos presentes nos patrimônios fazem com que sempre de novo eles se tornam visitados, preservados e salvaguardados. Devaneios e emoções são sentidos por parte de seus apreciadores, são mundos subjetivos que se encontram com o nosso mundo objetivo.

Complementando essa idéia das muitas interpretações, ao se referir a paisagem como uma das matrizes da cultura e de suporte para a constituição dos patrimônios, Claval assim se expressa:

As paisagens constituem um objeto de estudo fascinante para aqueles que se interessam pela geografia cultural, mas a sua interpretação nunca é fácil: falam dos homens que as modelam e que as habitam atualmente, e daqueles que lhes precederam; informam sobre as necessidades e os sonhos de hoje, e sobre aqueles de um passado muitas vezes difícil de datar (CLAVAL, 2001, p. 15).

Determinados bens podem se tornar um patrimônio representativo de toda uma comunidade, por tudo o que eles vêm representando por mais de uma geração a todo aquele grupo que para com eles possui uma relação de pertencimento e contraprestação.

Dessa forma, o patrimônio pode assim estar composto:

Pela presença ou pela ausência, pela preservação ou pela destruição, o que importa é que o patrimônio é atravessado por múltiplas linhas de força e poder, por tradições, contradições, conflitos e resistências; nada nele é natural, tudo é mediação cultural (CHAGAS, 2007, p. 217).

Fruto da mediação cultural, por diversas vezes, o interesse no patrimônio não se justifica apenas pelo seu vínculo com o passado seja ele qual for, mas pela sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, com a vida dos sujeitos em relação com os outros seres, coisas, palavras, sentimentos e idéias.

Um determinado bem pode se tornar um patrimônio na medida em que a ele ou a partir dele comecem a ser associados espaços imaginários, que se tornam recursos mnemônicos capazes de evocar no sujeito visualmente e sensivelmente uma associação de ideias e valores.

No entanto, através de uma relação presente e ativa de pertencimento, de propriedade e de valorização ou através de uma relação baseada na memória, o que importa é assinalar que em ambos os casos o sujeito está presente na ação, e o bem se torna para ele algo inestimável e digno de cuidado, porque proporciona a capacidade de evocar muitas lembranças dos momentos ali vivenciados.

Da mesma maneira, a comunidade da vila Minas do Camaquã vê no prédio do clube um evocador de lembranças. O prédio, assim, torna-se um suporte para emergir a memória, memória de muitos fatos, momentos e episódios vivenciados no clube, que figuram na própria história de vida daqueles mineiros.

Diante disso, o prédio do clube para eles é importante, não só porque se encontra dentro da comunidade, mas também porque é através e por meio dele que os sujeitos conseguiram trazer ao presente momentos únicos e apresentar para o pesquisador uma Minas do Camaquã totalmente diferente da atualidade.

Os moradores trouxeram muitos fatos marcantes de todos os ciclos mineradores, falaram sobre o trabalho, sobre o ato de residir, de como foram construídas as residências e as pousadas, quem residia nelas, e porque residia, lembraram dos momentos de lazer e descanso proporcionados no clube, dos jogos que ali realizavam, dos torneios de bocha, da cachacinha servida no balcão onde se contavam os causos. Além disso, o clube servia como ponto de encontro em fins de tarde ou no final dos turnos de trabalho.

Essas muitas lembranças acabam por ligar sempre e a todo o momento o passado e o presente, em constantes idas e vindas. Como não considerar um prédio desses como patrimônio? Muitas são as menções realizadas pelos moradores do local: lembravam os desfiles cívicos realizados na rua principal que passa em frente ao clube e que também perpassava a praça central; as festas organizadas pela diretoria da empresa, sempre com grandes churrascos; comentavam igualmente a irreverência do industrial Baby Pignatari; memoravam os campeonatos de futebol, que contavam com a participação do tradicional time dos mineiros, que disputavam campeonatos com times adversários oriundos das cidades circunvizinhas.

Lembrar dessa forma não é um processo natural, mas sim uma construção social, pois permite que os fatos históricos e culturais mergulhem novamente no presente, fazendo um verdadeiro processo de construção e reconstrução de memórias que se tornam fundamentais para os estudos culturais.

Embora o prédio não se caracterize oficialmente como um patrimônio das Minas do Camaquã mediante um documento escrito e inscrito nos órgãos que tratam das questões patrimoniais e culturais, na subjetividade, o prédio do clube, para aqueles mineiros, concretiza-se como um patrimônio pela importância que assume na dimensão do abstrato, da materialização dele como suporte para trazer à tona muitas informações e momentos únicos, e por ele apresentar características em sua arquitetura que nos permitem retroceder ao passado nos diversos períodos vivenciados pela comunidade mineira.

Na verdade, são os sujeitos fazedores da história e moradores desta vila mineira os representantes vivos dessa contextualização, desse processo e, igualmente, os primeiros a se preocuparem com o destino dos bens, da cultura a eles pertencente, bem como o que deve ser preservado.

Em outras palavras, é a comunidade mineira que atribui valor aos seus bens, e onde existe essa atribuição de valor, acaba justificando-se a importância de sua preservação enquanto objeto evocador de memória e representante de uma história única e singular. Mediante o processo de atribuição de valor é que são construídos e constituídos progressivamente os patrimônios.

Analisando a concepção de patrimônio por este viés, Fonseca sugere:

É imprescindível ir além e questionar o processo de produção desse universo que constitui um patrimônio, os critérios que regem a seleção de bens e justificam a sua proteção; identificar os atores envolvidos nesse processo e os objetivos que alegam para legitimar [...] e investigar o grau de envolvimento da sociedade. Trata-se de uma dimensão menos visível, mas nem por isso menos significativa, das políticas de preservação (FONSECA, 2005, P. 36).

Dessa forma, uma reflexão necessária sobre o patrimônio diz respeito à questão do valor. É o valor cultural atribuído ao bem que justifica o seu reconhecimento como patrimônio e, conseqüentemente, sua proteção pelo Estado, sempre levando em consideração a permanência dos valores culturais nele identificados.

E, se os valores que se pretende preservar são apreendidos na coisa e somente nela, não se pode deixar de levar em consideração o fato óbvio de que os significados nela não estão contidos, nem lhe são inerentes, são valores atribuídos em função de determinadas relações entre atores sociais, sendo, portanto, indispensável levar em consideração o processo de produção, de reprodução, de apropriação e de reelaboração desses valores enquanto processo de produção simbólica e enquanto prática social (FONSECA, 2005, p. 40-41).

Ao considerar-se um bem cultural, enfatiza-se seu valor simbólico, enquanto referência a significações da ordem da cultura; são apreendidas situações vivenciadas em tempos remotos e que trazem grandes contribuições para os estudos culturais. Todo o bem que se refere ao passado, que hoje se encontra preservado e serve como testemunho, pode pretender ter um valor histórico.

Um bem será sempre valorizado quanto maior for o número de pessoas que o identifique enquanto patrimônio, podendo também esse mesmo bem ter significados diferentes para os sujeitos que vivem na comunidade na qual ele se encontra inserido. Essa diferenciação irá depender inclusive das significações trazidas para o cotidiano dessa pessoa, pois cada um evoca seus sentimentos e sentidos de uma maneira diferenciada. Isso é característico da cultura por ela ser bastante dinâmica.

O patrimônio em si é o local privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade. Essa materialidade pode ser explicada como se fosse um suporte necessário para transpor as lembranças do passado para o presente.

Ao se referir ao patrimônio apreendido como expressão mais profunda da alma dos povos e como legado vivo que se recebe do passado, se vive no presente e se transmite às gerações futuras, Pelegrini afirma:

Que o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentido de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos. Essa lógica de pertença lhe assegura uma identidade cultural, que constitui um suporte precioso para formação do cidadão. No entanto, se considerarmos verdadeira a assertiva de que as memórias e referências do passado fundamentam a coesão entre os sujeitos que compartilham sensibilidades, memórias, tradições e histórias, não podemos ignorar que esses mesmos referenciais também evidenciam diferenças culturais que ampliam a compreensão da diversidade como valor essencial para o convívio em sociedade (PELEGRINI, 2007, p. 03).

A memória pode ser aliada ao patrimônio, pela capacidade de estabelecer elos com o passado, porque ela é capaz de evocar lembranças que se fundamentam em uma série de marcos sociais que se concretizam num dado espaço, tempo e linguagem.

Esse dado espaço em nosso trabalho se faz presente na vila Minas do Camaquã, mediante o prédio, o qual se transformou de uma sede de fazenda para abrigar uma série de funcionalidades desde meados de 1865 e permanece até os dias de hoje, quando se evidencia a permanência dos moradores no local e a preocupação para com o que é seu.

Conforme também esclarece Nora (1993, p.6-8), “a memória recorre aos valores que cultivamos individualmente e está, intrinsecamente, associada à memória coletiva, porque constitui um elemento de negociação importante no convívio social”.

Concluindo,

A mediação entre as práticas e representações discursivas, expressa no âmbito do patrimônio, passam pela perspectiva de que a cultura é uma construção social e de que os sujeitos interagem com uma gama intrincada de referenciais simbólicos e de práticas sociais, através das quais reafirmam sua inserção na sociedade (...). As afinidades entre esses sujeitos e os lugares nos quais circulam e atuam tendem a agrupá-los e identificá-los com a preservação de determinados bens culturais, sejam eles tangíveis ou intangíveis (PELEGRINI, 2007, p. 12).

Portanto, a concepção moderna de patrimônio engloba em seu conceito e em seus estudos a importância dos bens para determinadas culturas dentro de novas categorias, no que diz respeito ao valor que o bem adquire para esta mesma sociedade, permitindo também, a abrangência da materialização das memórias de uma variedade de grupos e sujeitos sempre apoiadas em um suporte, quase sempre material, como é o caso do prédio do Clube Minas do Camaquã. Assim, patrimônio,

memória e cultura estão sempre articulados com o grupo social no qual estão inseridos.

### 3 DESDOBRAMENTOS DO ANTIGO PRÉDIO DO CLUBE MINAS DO CAMAQUÃ

#### 3.1 O prédio da fazenda



**Figura 7: Prédio da sede da fazenda**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**

A história do prédio da fazenda inicia quando o coronel João Dias dos Santos compra as terras próximas ao curso do Rio Camaquã, de sua irmã Silvana, casada com Manoel Dias Ferreira, a qual tinha recebido as terras como herança quando da morte de seu pai, o capitão Feliciano José dos Santos, no Passo dos Enforcados, num combate da Guerra dos Farrapos.



**Figura 8: A Platibanda**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**



Esse prédio possui na sua fachada superior vários detalhes arquitetônicos que podem caracteriza-lo como um bem cultural, e não somente pelos detalhes estéticos, mas, pela significação que ele tem para a comunidade mineira, em conjunto com o seu contexto histórico-social.

No prédio estão estampadas também muitas simbologias, que desde a sua fundação fazem parte deste bem material. No período em que o prédio foi construído para ser sede da fazenda do coronel João Dias dos Santos, vivia-se uma política instável na história do Brasil, disputando o poder, o governo liberal e conservador. Dessa forma, durante o Império foram criados vários símbolos característicos no Brasil, como a bandeira imperial, que trazia a cor amarelo-ouro de fundo e no desenho, o brasão com a coroa e os ramos de louro.

Acredita-se que a presença do brasão imperial no frontão principal do antigo prédio do clube Minas do Camaquã se explique por uma questão ideológica por parte de seu primeiro proprietário, o coronel João Dias dos Santos, uma vez que o prédio abrigava a sede de uma fazenda e nunca foi uma casa administrativa nem abrigou funções administrativas naquele período, como intendências, por exemplo.



**Figura 9: Bandeira imperial brasileira**  
Fonte: internet

Dentro da concepção de atribuição de valor a determinado bem cultural, surge o que chamamos de patrimônio, podendo este ser assim apresentado:

Aquilo que é ou não é patrimônio, depende do que, para um determinado coletivo humano e num determinado lapso de tempo, se considera socialmente digno de ser legado a gerações futuras. Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade (PERALTA, p. 01).

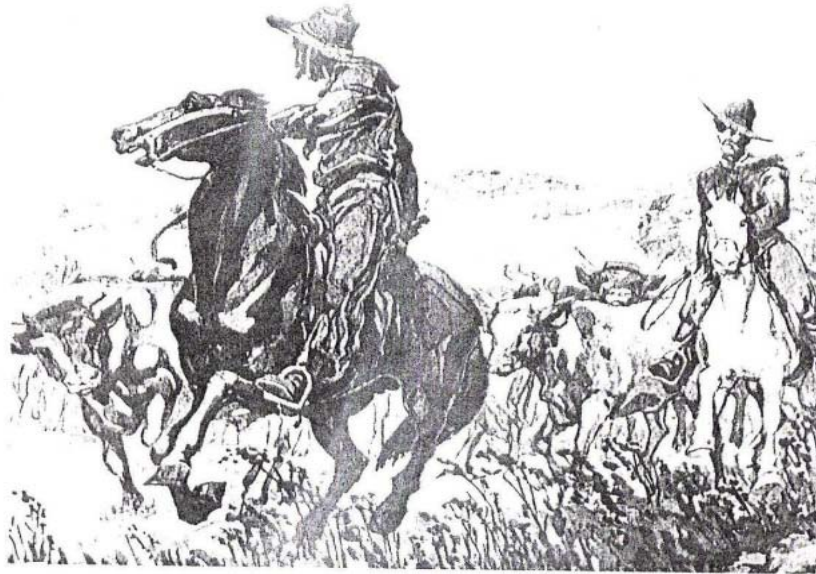
Nos muitos caminhos trilhados por determinado grupo, no que diz respeito ao viver em sociedade, podemos perceber uma série de características próprias como o ato de morar, de relacionamento entre familiares e vizinhos, suas crenças, seus modos de vida, seus espaços edificados, materializados nos bens culturais, os quais podem ser transpostos como manifestação e testemunho significativo da cultura.

Ao abordar os aspectos culturais sobre a população da vila Minas do Camaquã e também dentro do contexto do município de Caçapava do Sul, utilizou-se como referência Ana Macedo de Macedo (2006). Embora a autora tenha uma perspectiva poética e positivista, contribui com riqueza de detalhes para a descrição dos primeiros tempos da vila.

O coronel João Dias dos Santos buscava conhecer melhor cada recanto de sua querência, pois anteriormente havia residido em Bagé com sua esposa Floriana Joaquina.

Além de buscar intimidade com a nova querência, depois dos muitos anos vividos em Bagé, também procurava um leão baio que lhe matara algumas ovelhas. Não encontrou a suçarana, mas sentiu-se como um rei avaliando seus domínios. Ao longe, os majestosos cerros das Guaritas pareciam sentinelas guardando sabe-se lá o quê. Vinte anos depois da Guerra dos Farrapos, os rio-grandenses continuavam em paz, cuidando de seus trabalhos do campo. É verdade que João ainda tinha pesadelos com a Revolução Farroupilha, que lhe arrebatara o pai e marcara a sua juventude. Mas dela lhe sobrara a patente de Coronel da Guarda Nacional e a fama de valente (MACEDO, 2006, p. 09).

A lida campeira era uma característica sempre presente na vida dos cidadãos rio-grandenses, principalmente se tratando dos que vinham a residir no campo. Nessas terras interioranas de Caçapava e igualmente nas adjacências, devido ao tipo de solo presente na região, não havia muitos cultivos, a economia predominante era a pecuária.



**Figura 2: A lida com o gado**  
**Fonte: História Ilustrada do RS**

Grande parte dos estancieiros da região eram pecuaristas, o gado era uma economia muito forte, era dela que obtinham o sustento. O gado de corte como sabemos de acordo com a história do Rio Grande do Sul, serviu durante anos também para o abastecimento das charqueadas e frigoríficos.

Outra fonte pecuária importante era a criação de ovinos e caprinos, pelo local ser propício para esta economia. Dessa atividade, obtinha-se a lã e a carne, além de outras matérias-primas utilizadas para a confecção de artesanatos, tapetes, entre outros.



**Figura 3: Rebanho de Ovinos**  
**Fonte: WOLFDIETRICH, Wickert e CARRE, Herbert. Ano x-8.**

Outro detalhe interessante e tipicamente campeiro era a maneira como os animais eram abatidos, o novilho era amarrado, quase sempre em baixo de uma árvore no campo e ali era realizado o sacrifício, a retirada do couro ou da lã, e posteriormente era cortada a carne.



**Figura 4: O Abate do Animal**

**Fonte: WOLFDIETRICH, Wickert e CARRE, Herbert. Ano x-8**

Para dar conta dos cuidados com a lida campeira, fazia-se necessária mão-de-obra, empregavam-se, desse modo, peões, que também eram chamados de agregados, que trabalhavam e residiam nas sedes das fazendas para, assim, poder executar os trabalhos.

Sobre a vida dos peões “podemos dizer que estes moravam ou em pequenos ranchos de torrão e palha, onde a mobília era muito simples. As suas mulheres ajudavam na lida da casa dos patrões e também cuidavam dos filhos”<sup>2</sup>. Os indivíduos participam diferentemente de sua cultura, neste sentido,

[...] deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade. Todos necessitam saber como agir em determinadas situações e, também, como prever o comportamento dos outros. Somente assim é possível o controle de determinadas ações (LARAIA, 1993, p. 84-85).

---

<sup>2</sup> Zeone Dias: entrevistada, moradora da vila Minas do Camaquã

Eram trabalhadores livres esses peões, mas viviam sob um estado de submissão e recebiam ordens de seus patrões, na grande parte neste período estancieiros. Sobre isso, são importantes as considerações de Moraes:

Na verdade, todas as relações entre a população não escrava são marcadas pela presença da escravidão, que induz nesse segmento a geração de laços de identidade por diferenciação. Isto é, os indivíduos reconhecendo-se como iguais na oposição à condição de escravo, criando no contraponto laços identitários entre os livres. O compadrio emerge como o principal destes laços excludentes, agregando proprietários e trabalhadores livres numa comunidade de interesse apoiada nessa identidade negativa. Com base no compadrio se estruturam redes de clientelas, em cujo ápice assenta-se a figura do líder local ou regional: o coronel ou o caudilho. Essa rede alimenta-se do favor e das obrigações de obediência pessoais, compondo o essencial do tecido político de muitos estados periféricos (notadamente na América Latina, onde coronelismo ou caudilhismo se tornaram termos centrais do vocabulário político). (MORAES, 2005, p. 80).

Enquanto os homens estavam no campo, as mulheres possuíam as incumbências domiciliares, o cuidar da limpeza da casa, dos móveis, das crianças e dos demais afazeres domésticos.

De acordo com Macedo, a esposa de João com auxílio de sua mucama, cuidava das tarefas da casa, preparava as refeições, gostava que tudo ficasse em ordem, para que, por exemplo, quando houvesse alguma visita ilustre, algum companheiro para colocar em dia as conversas sobre as políticas locais com o coronel ou ainda amigos que viessem para apreciar um bom e cevado chimarrão ou mate, como era chamado naqueles pagos, tudo estivesse na mais perfeita ordem.

Nesse momento em que o prédio tem como funcionalidade abrigar o prédio da fazenda, “embora houvesse fartura, vivia-se em um cotidiano tipicamente rural, onde os homens cuidavam das tarefas pecuárias e as mulheres em contrapartida, encarregavam-se pela manutenção do lar”<sup>3</sup>, pode-se considerar o que Claval (2001, p. 79) afirma: “a vida cotidiana implica uma multiplicidade de saberes geralmente modestos: a doméstica tradicional varre, tira a poeira, lava os ladrilhos, encera os parquetes, lava e passa roupa, descasca os legumes, coloca a mesa, etc”.

---

<sup>3</sup> Zeone Dias: entrevistada, moradora da vila Minas do Camaquã.



**Figura 5: O tradicional mate**

**Fonte: WOLFDIETRICH, Wickert e CARRE, Herbert. Ano x-8**

Normalmente, o mate era tomado na beira do fogão à lenha, outra tradição campeira, onde se conversava com a família antes de seguir na lida. O mate era oferecido como uma forma de união, de boas-vindas, de aconchego, isso permanece até os dias de hoje nos cotidianos gaúchos.



**Figura 6: o mate**

**Fonte: Disponível em: <<http://nossaturmanainternet.blogspot.com/2008/09/curiosidades-sobre-o-chimarro-mate.html>>**

Em outra passagem, Macedo faz uma breve descrição da fisionomia do coronel João Dias dos Santos,

Depois de lavar e secar o rosto barbudo, João troca de roupa e vai para a cozinha em busca de um mate. É um homem de meia idade, magro, de queixo quadrado e poucas palavras. Mas isso com os outros, pois consigo mesmo muito costumava conversar... Na cozinha, dá bom-dia para a mulher e aceita o mate que a escrava lhe oferece [...] (MACEDO, 2006, p. 09).

Sobre a vida social da família Dias podemos dizer “que nos fins de semana davam-se os momentos de lazer, principalmente aos domingos, organizavam-se grandes e fartos almoços, com a presença dos membros da família, sendo que mesmo os que residiam na cidade, vinham prestigiar os encontros e os momentos de alegria junto com os seus”<sup>4</sup>.



**Figura 7: Coronel João Dias dos Santos com a farda da Guarda Nacional**  
Fonte: Arquivo da Família Dias

---

<sup>4</sup> Zeone Dias: entrevistada, moradora da vila Minas do Camaquã.

Ainda, “Outras vezes organizavam-se os almoços para receber amigos, ou grupos de amigos da família, com o intuito de se alegrarem em conjunto, ou ainda, outras vezes, o mesmo era um pretexto para se apresentar algum futuro pretendente para os filhos” <sup>5</sup>.

“As mulheres sempre muito vaidosas tratavam de vestir seus melhores trajes nestas ocasiões, arrumavam o cabelo, e os adereços sempre vinham em combinação com os vestidos, e cuidavam igualmente da aparência de seus filhos. Quando alguma roupa saísse de moda, por exemplo, era armazenada em baús, essa era uma das finalidades deste móvel na casa” <sup>6</sup>.



**Figura 8: Baú utilizado para armazenar utensílios**  
**Fonte: Jornal Diário Popular (18/09/06)**

O meio de transporte utilizado para ir ou sair da fazenda se dava de maneira tradicional, a cavalo ou mediante o uso de pequenas carroças puxadas a tração animal, as quais acomodavam no seu interior as esposas, em seus belos vestidos e também os pequenos filhos todos vestidos com roupas de passeio,

---

<sup>5</sup> Zeone Dias: entrevistada, moradora da vila Minas do Camaquã.

<sup>6</sup> Zeone Dias: entrevistada, moradora da vila Minas do Camaquã.



enquanto os homens na grande maioria das vezes guiavam a carroça ou então levavam consigo algum agregado que acabava executando essa tarefa.

Após o almoço, as mulheres conversavam, na grande maioria das vezes, na sala de visitas, enquanto os homens conversavam sobre negócios ou ainda, nas tardes da campanha, reuniam-se para jogarem o tradicional jogo do osso.

Quanto aos ritos de passagem, típicos da época, “os batismos, eram realizados em casa, na presença dos padrinhos, os casamentos e suas festas eram igualmente realizados nas estâncias e, na hora da despedida de algum familiar, os serviços fúnebres eram encomendados das cidades, e o local do enterro ficava a critério da família” <sup>7</sup>.

Para que um acontecimento ou aspecto da vida tenha uma realidade social, não é suficiente que exista objetivamente, que se possa observá-lo. É necessário que seja aceito como legítimo, que seja instituído. Para desfrutar da plenitude de seu ser, o indivíduo deve assim ser reconhecido pela sociedade; em conseqüência, seu itinerário é escalonado pelos ritos que dão solenidade às etapas de sua vida, oficializam a passagem de uma categoria a outra e destacam a sucessão de papéis que é levado a desempenhar e as responsabilidades que daí decorrem (CLAVAL, 2001, p. 94-95).

Num determinado dia, João foi dar uma volta nos seus campos e resolveu subir o cerro, junto com o seu cavalo, apeou e percebeu, olhando para o chão, umas pedras diferentes em tons esverdeados, escavou uma delas, e, no mesmo instante pensou na riqueza que poderia estar escondida em suas terras, dando-se desta forma a descoberta do minério nas terras da fazenda.

A descoberta de ouro, pelos ingleses, em Santo Antônio das Lavras havia desencadeado muita cobiça em toda a região. E suas terras eram banhadas pelo mesmo rio Camaquã que passava por Lavras. Não diria nada a ninguém sobre a descoberta, a não ser para Floriana Joaquina. Ela lhe daria um bom conselho. Pensando em como a mulher receberia aquela notícia, João desceu com cuidado o morro, puxando o cavalo pelo cabresto [...] mandara a mucama cuidar de outros afazeres [...] João põe a mão no bolso, sente a rigidez com as pontas dos dedos e lembra-se do brilho que ela tem... entrega a pedra para Floriana Joaquina e logo a reclama de volta, enfiando-a no fundo do bolso [...] (MACEDO, 2006, p. 10).

Neste mesmo período, no ano de 1865, o imperador D. Pedro II estava em Caçapava do Sul. Para não perder a oportunidade da presença do monarca na

---

<sup>7</sup> Zeone Dias: entrevistada, moradora da vila Minas do Camaquã.

cidade, o coronel, fazendeiro e também revolucionário João Dias dos Santos, procurou o imperador com o intuito de lhe pedir um documento que lhe permitisse explorar o minério de cobre existente em suas terras. Isso ocorreu porque em Santo Antonio das Lavras, atual cidade de Lavras do sul, uma equipe de geólogos ingleses já explorava ouro e poderiam posteriormente, auxiliá-lo na análise do material encontrado.

Após ter mostrado o material à esposa, o coronel preparou sua farda e a colocou sob seu cavalo com a intenção de ir a Caçapava falar com o imperador.

Como Coronel, ele tinha razões de sobra, até obrigação de ir homenagear D. Pedro II. Levaria seu fardamento numa mala de garupa. Vestido a contento, pediria uma audiência ao Rei para mostrar a pedra, e ele, que era um sábio, lhe diria se era ouro ou não. Naquela manhã fria de agosto João Dias partiu para Caçapava [...] A sombra da noite já alcançara o horizonte quando entrou na vila de Caçapava [...] João Dias não disse nada a ninguém sobre a pedra. Na manhã seguinte, com ela no bolso da farda azul e amarela, dirigiu-se à igreja, imaginando como poderia falar com o monarca [...] O fazendeiro jamais esqueceria aqueles momentos. A emoção única de conhecer o Imperador, um homem gentil, ainda jovem, de barba loura, olhos azuis e sorriso cativante. Ao vê-lo interessado na pedra, passou da timidez à esperança. Curioso, D. Pedro analisou o material, dizendo-lhe que seguramente era uma amostra de valor. E aconselhou o coronel a procurar os engenheiros ingleses que garimpavam em Lavras. Pediu papel, tinta e penas a seu secretário e ali mesmo, no bureau do presidente Balthazar de Bem, escreveu uma breve carta em inglês, que o funcionário lacrou com o sinete real (MACEDO, 2006, p. 10-11).

Dessa forma, os primeiros passos estavam sendo dados no sentido de desvendar se aquelas terras seriam ou não propícias para a exploração mineral, uma vez que a concessão da lavra havia sido dada pelo próprio imperador brasileiro D. Pedro II, quando este estava de passagem pela cidade de Caçapava do Sul.



**Figura 9: O sinete real com o brasão das armas da República**

**Fonte: Jornal Diário Popular (20 e 21/09/06)**

Era preciso chegar à cidade de Lavras do Sul para interrogar os geólogos ingleses no intuito de verificar realmente que material era aquele, conforme relata Macedo:

João Dias apeou do cavalo e dirigiu-se ao sentinela armado com uma carabina, explicando a demanda. Não demorou a aparecer um homem alto, de cabelos ruivos caindo em cachos, olhos azuis e bigode amarelado. Trajava um jaquetão de *tweed*, culotes de cor caqui e botas de cano alto. Trazia na mão um cachimbo que não tardou a chupar pelo canto da boca [...] Entretanto, o que mais lhe chamou mais a atenção foi o boné do gringo, com orelhas de cachorro perdigueiro, e a maneira com que o homem falava. O inglês apresentou-se como o engenheiro chefe das lavras e disse seu nome, Mister Blood, que João, naturalmente, não entendeu (MACEDO, 2066, p. 15-16).

Assim, o coronel havia chegado até os ingleses e, mesmo desconfiado, precisava do depoimento deles sobre o material encontrado.

A conversa só se torna possível com a intervenção de um brasileiro que fica impressionado ao ver a carta do Imperador. O inglês rompe o lacre sem a mínima cerimônia, lê rapidamente, enfia a carta amassada no bolso e espicha a mão direita pedindo a pedra. O fazendeiro entende o gesto e sente o coração disparar. Não confia naquela gente, mas agora é tarde. Tira seu tesouro do fundo do alforje e o entrega ao brasileiro que passa ao inglês. O engenheiro sopesa a pedra e olha-a bem de perto, como se estivesse a cheirá-la. Depois tira uma lupa do bolso, olha através dela alguns detalhes e diz, sem tirar o cachimbo da boca: - *It is malaquita*. (MACEDO, 2006, p. 16).

João Dias dos Santos não entendendo direito, pensou que os ingleses estavam caçoando dele, pois achava que haviam lhe chamado de “maluquito”. Porém, antes de pensar em fazer qualquer coisa, os engenheiros brasileiros lhe explicaram que malaquita era cobre oxidado, o qual possui um alto valor e poderia render-lhe muito dinheiro. Começavam, a partir de então, as tratativas com a *The Rio Grande Gold Mining*, empresa mineradora de origem inglesa.

Passados alguns dias, os ingleses foram à fazenda do coronel.

Após enfrentarem a cavalo e de carroça a distância entre o ouro e o cobre, os homens passaram pelas pedras das Guaritas. Chegariam a ponto de meio-dia, mas tiveram a gentileza de mandar um próprio na frente para avisar a família Dias. Floriana Joaquina os esperava com o almoço [...] João Dias salta na soleira da porta, colocando as mãos nos olhos para ver melhor os visitantes. Logo reconhece Mister Blood na boléia da carroça, sempre com o cachimbo fumegando na boca. A comitiva se achega. Floriana Joaquina olha desconfiada para aquela gente. Por mais que o marido tivesse explicado como eram, ainda ficara surpresa. A cor da pele tão diferente, clara e cheia de sardas. Não entendia nada do que diziam. Parece que falavam com uma batata quente na boca. O engenheiro tirou aquele horrível boné de orelhas ao entrar na casa. Não recusou o mate, mas no primeiro gole ficou vermelho como pimenta (MACEDO, 2006, p. 18).

Então, após o almoço, começaram os estudos no lugar onde o coronel havia encontrado aquelas pedras em tons esverdeados.

Depois do almoço já começaram a trabalhar. Durante a tarde toda foi um sobe e desce no morro próximo. Caminhavam por entre os arbustos e recolhiam amostras minerais soltas pelo chão. Decidiram que iriam construir calhas de madeira, por onde as pedras deslizariam aproveitando o declive natural [...] Cavaram também uma pequena galeria para recolher as amostras mais importantes. Estas seriam remetidas para a Inglaterra, onde poderiam ser avaliadas para uma futura exploração rentável [...] Meio ano de calma para a esposa e de sofrimento para João Dias, finalmente, chega da Inglaterra a resposta esperada. O cobre é de boa qualidade, e a futura Mina do Camaquã também iria produzir ouro (MACEDO, 2006, p. 19).

A partir dessa resposta favorável quanto à questão da qualidade do cobre presente nas terras do coronel João Dias dos Santos é que começam a se desenrolar todos os episódios de transformação desse lugar, que também por influência dos ingleses, passa a se chamar Minas do Camaquã, em virtude de, aqueles campos serem drenados pelo rio Camaquã e pelo arroio que igualmente recebe um nome e passa a se chamar arroio João Dias.

O processo de mineração e os seus trabalhos foram iniciados no ano de 1870, fazendo surgir um novo contexto de vida para a região e para as pessoas que começaram a trabalhar nas minas e que começaram a ser chamados de mineiros. Dessa maneira, concordando com Claval (2001, p. 106), “o indivíduo é moldado pela cultura: o que sabe fazer, suas maneiras de sentir e de ver, suas aspirações, são recebidos de seu círculo ou construídos a partir dos elementos por ele fornecidos”.

Em outras palavras, aqueles moradores deixaram de ser peões para se tornarem mineiros, aprendendo as técnicas, executando diferentes tarefas e adquirindo uma nova cultura entremeada também por novas formas de sentimento, crença e elementos que os diferenciava das demais pessoas residentes naquele local.



**Figura 10: 1ª Galeria aberta pelos geólogos ingleses em 1870**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**

Nessa fase inicial da mineração, quando o coronel João Dias dos Santos arrendou as terras para o grupo de ingleses, as escavações eram muito árduas, sem uma tecnologia apropriada para atender à demanda que se fazia presente, os trabalhos eram executados de forma bem artesanal, vindo para trabalhar como mão-de-obra na mineração muitos peões de estância e moradores dos arredores, quem estivesse disposto para o trabalho era contratado. Conforme aponta Laraia (1993, p.

90), “a coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence”.

Na galeria, o ambiente era totalmente inóspito e insalubre. Os mineiros, quando ingressavam para o interior da galeria, eram iluminados somente com a chama de um lampião que funcionava com um gás chamado carbureto, o que inúmeras vezes ocasionava problemas respiratórios em virtude de este lampião emitir uma grande quantidade deste gás, causando problemas pulmonares.

Numa perspectiva de inovação cultural, esses mineiros aventuraram-se na busca de qualificação para assumirem a nova profissão e, concomitante a isso, mudaram seus hábitos, seus costumes e sua rotina, assimilando outra cultura, fazendo parte assim de um novo contexto histórico e cultural. Para esse momento, contribuem as palavras de Claval:

Os homens são inventivos. Eles reagem aos novos desafios que são impostos pelo meio físico ou pela vida social, melhorando suas técnicas. Enfrentam as dificuldades que nascem das transformações do ambiente social, modificando suas práticas, criticando os velhos valores e adotando novos (CLAVAL, 2001, p. 135).

Entretanto, no que diz respeito à obtenção das fontes de luz, o uso do lampião era a única maneira de manterem a iluminação interna por mais tempo, porque a energia elétrica ainda não havia se instalado ali. Necessitavam de luz para retirarem, a picareta, o minério de cobre dos veios de malaquita e, após as explosões por bananas de dinamite, retirar os blocos de rocha do interior da galeria e coloca-los nos carretos.



**Figura 11: Os carretos**

**Fonte: WOLFDIETRICH, Wickert e CARRE, Herbert. Ano x-8.**

“Os carretos eram pequenas carroças puxadas por tração animal, que normalmente utilizavam bois para a empreitada, conduzidas pelos carreteiros, como na época eram chamados os condutores. O minério era retirado das galerias e colocado nos carretos de forma arcaica, sem nenhuma tecnologia, assim era transportado cerca de noventa quilômetros até a estação ferroviária de Hulha Negra, perto de Bagé, de onde partiam de trem até o porto de Rio Grande e de navio para o exterior”<sup>8</sup>.

O processo minerador sob a administração inglesa teve sua efetivação no ano de 1870.

No que se refere especificamente à exploração das minas do Camaquã, nesse momento, os investimentos realizados com capitais ingleses criaram a infra-estrutura inicial para a exploração do cobre. O interesse de engenheiros ingleses que desenvolviam atividades no município vizinho de Lavras do Sul resultou no reconhecimento e localização da jazida e nas primeiras iniciativas, com a abertura de uma galeria para extração do minério, chamada de galeria dos ingleses, no flanco leste do cerro João Dias. Esta primeira empresa, The Rio Grande Gold Limited, funcionou entre os anos de 1870 a 1887 (RONCHI e LOBATO, 2000, p.29).

---

<sup>8</sup> Gervásio Pinto: entrevistado, morador da vila Minas do Camaquã

A galeria dos ingleses, como é chamada pelos mineiros, foi aberta, também em 1870, pelo engenheiro Mister Blood, para lavrar o filão São Luiz, no flanco leste do cerro João Dias.



**Figura 12: Galeria dos Ingleses**  
Fonte: da pesquisadora

A segunda investida para a produção do cobre se estabelece entre os anos de 1888 e 1899, sendo que o controle da mina estava nas mãos da família de João Dias dos Santos, a qual fez a concessão de exploração de minério aos Srs. Maximiliano Saenger, Ricardo Saenger e Emílio Kleinod.





**Figura 13: Reconhecimento das jazidas de cobre nas Minas do Camaquã pelos pelotenses**  
 Fonte: Pimentel, 1942.

A lavra foi iniciada na face norte do cerro João Dias, onde o minério mais rico era extraído ainda manualmente. Fato importante nessa fase de exploração foi a descoberta de um veio de pirita, pois esse minério continha em torno de 12 % de cobre e 33 gramas de ouro por tonelada. O resultado da extração era muito positivo, pois somente o ouro pagava todas as despesas da mineração e do transporte, ficando o cobre como lucro líquido para os empresários.

Após dez anos de exploração, os empresários alemães se desinteressaram pelo empreendimento, fruto do encarecimento dos transportes e principalmente da queda do preço do cobre no mercado internacional. Dessa maneira, intermediaram as negociações entre o proprietário da mina, João Dias dos Santos, e investidores belgas, através do seu representante e sócio no Brasil da Mines de Cuivre Camaquam S.A., o Sr. José Gonçalves Chaves.

Essa empresa foi fundada em 20 de dezembro de 1899, com sua matriz em Bruxelas, na Bélgica e filial no Brasil.

Chama atenção que o contrato de concessão para pesquisa e exploração da mina foi firmado em abril de 1898 entre João Dias dos Santos e Maximiliano Saenger. Em novembro desse mesmo ano, firmaram o compromisso de compra de três quadras de léguas de campo ou 2.613.600 metros quadrados pelo preço de 55:000\$000 (55 contos de réis) [...] compreendendo as divisas por onde houver indícios de minério de cobre e mais ou menos pelas divisas das datas de mineral já medidas. Isso indica que eles estavam assegurando o direito sobre a mina justamente no ano em que estavam encerrando a exploração. Posteriormente, informa Luis Englert (1929, p.210) que os Saenger venderam o direito de exploração à Companhia Belga pela importância de 600:000\$000 (seiscentos contos de réis). O que significa que a concessão, ou seja, o direito de exploração, foi objeto de negociação independente da mina. Em maio de 1899, foi assinada a escritura de compra e venda da mina, entre João Dias dos Santos e José Gonçalves Dias [...] (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 29-30).

A terceira fase da mineração se faz nas mãos dos empresários belgas, onde o trabalho provou-se mais técnico, foram abertas novas galerias subterrâneas e construída uma usina de concentração de minério.



**Figura 14: Usina de concentração do minério**

Fonte: Arquivo CBC

Também com a administração belga, foi realizada a construção de uma barragem no arroio João Dias, a qual iria servir para a captação de água para o beneficiamento do minério e também para a instalação de uma turbina para a geração de energia para o funcionamento da usina.



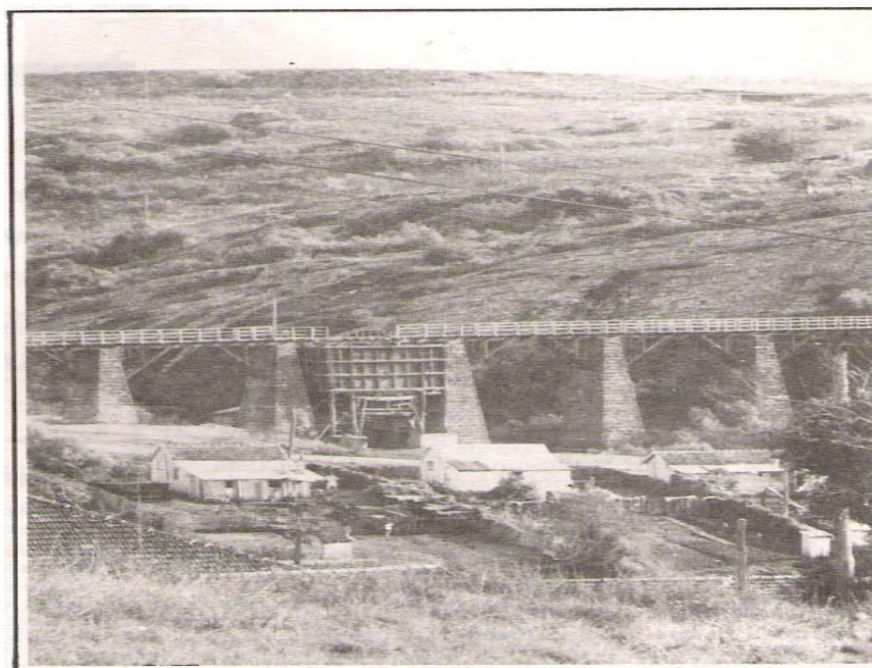
**Figura 15: Construção da barragem pelos empresários belgas**  
 Fonte: Arquivo CBC

A empresa possuía instalações completas para a trituração e classificação do minério, o qual era retirado do interior das minas em vagonetas e conduzido em uma estrada de ferro, sob um viaduto, até a usina. Também possuíam fornos norte-americanos do tipo Watter Jacket, onde obtinham o Matte Blanche de concentração de 65% de cobre.



**Figura 16: Viaduto por onde circulavam as vagonetas**  
 Fonte: arquivo CBC

Foi nesse momento que a pequena vila Minas do Camaquã recebeu a instalação da energia elétrica, a qual começou a dinamizar o processo de mineração e também gerar o fornecimento para o abastecimento das residências e demais infra-estruturas. Com a intensificação do processo, que ainda nesse período era extraído de forma manual, foi necessária a contratação de mais trabalhadores e a intensificação das jornadas de trabalho, vindo a refletir no aumento do número de moradias e infra-estruturas.



**Figura 17: Construção das primeiras residências próximas ao viaduto**  
Fonte: *Jornal O Minerador* (nov/dez/1984)

Durante essas empreitadas das mineradoras, a família Dias ia vivendo normalmente com os seus familiares, João Dias dos Santos já ia alcançando uma idade considerável.

Em 1906, o coronel João Dias, com mais de oitenta anos, costumava ficar no alpendre da casa tomando chimarrão e contando estórias para os netos. Esquecida para muitas coisas do presente, sua memória estava intacta para tudo o que se referisse às Minas do Camaquã. Em algumas ocasiões chamava também os filhos, Favorino e João Feliciano, e lhes contava cada detalhe da descoberta de cobre em sua fazenda, o famoso encontro com o imperador, a viagem a Lavras e as esquisitices do engenheiro inglês mister Blood [...] João Dias lamentara muito a partida dos ingleses, mas dizia que o contrato a seguir, feito com os alemães de Pelotas, lhe fora muito vantajoso [...] (MACEDO, 2006, p. 31).

### 3.2 O clube Minas do Camaquã

Com a venda das terras para a Companhia Belga, João Dias dos Santos, seus filhos e netos continuaram a residir no prédio da fazenda, entretanto, a sede acaba assumindo mais uma função, além da residência.



**Figura 18: O armazém**  
**Fonte: Arquivo CBC**

Quando os negócios foram assumidos pelos belgas, com o aumento do número de residências para abrigar os trabalhadores, e por estes residirem com as suas famílias, aumentou o número de habitantes fixos. Não existiam agora só peões de estância, desenvolve-se também a profissão mineiro, e surge a necessidade de o local atender algumas exigências básicas, porque as minas eram distante da cidade sede e suas estradas não estavam em boas condições para tráfegos diários.

A companhia belga permite aos filhos do coronel explorar o comércio, assim, o prédio da fazenda abriga duas funções residência e armazém. A residência ficou instalada do salão maior até a parte direita do prédio, enquanto o armazém ficava restrito a parte esquerda.

Esse prédio, entretanto, pode ser entendido como um mediador no que tange a importância dele enquanto bem cultural, podendo-se transformar em patrimônio mediante o valor que passa a ter para esse grupo de mineiros, pois assume diferentes significados e funções no tempo e no espaço, estabelecendo pontes entre o passado e o presente.

Diante disso, para um determinado grupo que se vê refletido através da história de um determinado bem, o qual representa seus próprios valores culturais, pode-se afirmar de acordo com Peralta (2003, p.03) que “o patrimônio serve a fins de identificação coletiva, veiculando uma consciência e um sentimento de grupo, para os próprios e para os demais, erigindo, nesse processo, fronteiras diferenciadoras que permitem manter e preservar a identidade coletiva”.

“O armazém atendido pelos filhos do Sr. João Dias dos Santos passa a vender todos os tipos de artigos, alguns deles podemos visualizar conforme a nota da época”<sup>9</sup>:

Sr. João Dias a Beneditina S. de Lina			Deu	1926
1926				
abr 24	1 Rolo Arame de patêto	28	2.500	
	2000		300	
	1/2 @ assucar		2600	
	1 @		400	
	1 @		34700	
10abr 3	3 @	1800	2400	
	1 @		400	
	1 @	1.500	2000	
	1 @		5400	
	10 1/2 @		4.500	
	13 @		5400	
	1 @		1200	
	15 @		1600	
	1 @		1000	
	1 @		2000	
	1 @		4250	
	1 @		1200	
	17 @		1000	
	1 @		500	
	1 @		500	
	1 @		2000	
	1 @		3000	
	1 @	1700	3.500	
	1 @		300	
	1 @	1300	1300	
	1 @		1000	
	1 @		400	
	18 @	1000	400	
			103.275	

**Figura 19: Nota de compra referente a produtos comprados no armazém**  
Fonte: Arquivo do Sr. Zeno Dias Chaves

A nota de compra acaba revelando como eram os modos de vida naquele período, comprava-se uma grande quantidade de sabão em barras utilizados na

<sup>9</sup> Zeno Dias Chaves: entrevistado, atualmente, morador da cidade de Caçapava do Sul.

limpeza da roupa e possivelmente usado também na cozinha. Os carretéis de linha vendidos evidenciam que as costuras e consertos em roupas eram realizados na própria residência, tarefa designada para as mulheres, as quais administravam o lar e cuidavam desses detalhes.

Também algumas marcas de produtos são observadas na nota, como por exemplo, o vinho “Matusalém”, a erva mate, grafada com “h”, “herva Guanaco” evidenciando, inclusive como eram escritas algumas palavras na língua portuguesa.

No armazém também se reuniam em fins de tarde os mineiros, que tendo terminado sua jornada de trabalho, iam para lá “jogar conversa fora” e também para tomar a tradicional cachaça.

“Típica tradição entre os homens em fins de tarde e em fins de semana reunirem-se para conversar, rir dos fatos ocorridos em seu dia a dia, contar causos, tudo isso sempre acompanhado de um “martelinho” de cachaça. Claro, sempre procurando manter a ordem e o respeito, pois como lá não havia patrulhamento policial como vemos hoje, naquele período, neste local, a ordem era mantida mediante a contratação de homens que faziam uma espécie de segurança, qualquer desordem ocorrida, principalmente com funcionários da empresa era comunicada a direção da companhia. E esta, tomava as suas providências”<sup>10</sup>.

Referente à forma de conduta dentro de uma determinada sociedade, Claval (2001, p. 83) explica: “Na medida em que a ação humana não é fundada diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normatizado e canalizado pela cultura, ela supõe a memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos.”

Assim sendo, as atitudes vivenciadas no dia-a-dia revestem-se de certas formas, o indivíduo acaba comportando-se de acordo com os princípios a ele ditados, seja no ato de se relacionar com as pessoas, seja pela maneira de se portar nos horários de trabalho, sempre estando submetido a padrões de comportamento ou atitude condizentes com a situação vivenciada.

Por outro lado, os gêneros alimentícios básicos do armazém, ou seja, produtos da cesta básica tinham os preços tabelados pela companhia. Era ela quem ditava as regras sobre esses produtos, conforme escrevem Ronchi e Lobato:

---

<sup>10</sup> Seu Vilmar: entrevistado, atualmente morador da cidade de Caçapava do Sul.

O abastecimento em mantimentos e demais artigos de consumo para os trabalhadores que moravam na área estava exclusivamente a cargo de uma casa comercial aberta pelos Srs. Francisco Dias e João Feliciano Dias, dando-se a Diretoria da Companhia o direito de controlar os preços praticados sobre alguns gêneros como o arroz, feijão, farinha de trigo e de mandioca, açúcar, café, erva, sal, charque e bolacha; de pagar os salários dos seus trabalhadores com vales, no resgate dos quais os comerciantes teriam descontado uma cota de três e meio por cento como remuneração pela concessão; e ainda fechar a loja em caso de necessidade, por exemplo, em caso de parada geral ou parcial dos operários (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 32-33).

Como a alimentação é umas das necessidades fundamentais para a manutenção da vida dos seres humanos, os mineiros eram os principais clientes do armazém, para eles, não existia outra alternativa viável naquele momento. Estavam de todas as formas subjugados a viverem de acordo com os ditames da empresa.

O desconto em folha praticados pela emissão de vales comprometia parte do salário na compra dos gêneros alimentícios. Essa era outra estratégia utilizada pelos empresários para manter os trabalhadores atrelados diretamente ao ambiente de trabalho. Conforme a passagem de Ronchi e Lobato (2000, p.32 e 33), “a repressão visivelmente demonstrada nesta passagem faz perceber o não direito de greve destes humildes funcionários, caso isto acontecesse eles ficavam sem poder abastecer suas residências com os itens necessários para a manutenção da vida, ou seja, ficavam sem “o prato de cada dia”.

Ainda quando estava instalada a companhia Belga, foi construída uma casa de pedra nas terras que haviam sido vendidas pelo coronel João Dias dos Santos. A casa foi planejada para abrigar as análises químicas necessárias para o beneficiamento do cobre. Era uma espécie de laboratório, toda compartimentada em salas, cada sala atendendo a uma demanda específica.

Sua edificação se deu de forma artesanal, empregando mão-de-obra contratada para este fim, possivelmente foi erguida com o trabalho braçal de peões ou mineiros residentes na pequena vila. O material utilizado para cimentar as pedras da construção era típico do período, uma espécie de mistura que continha barro, areia, esterco de gado. Essa mistura dava a segurança necessária para a durabilidade da construção.

Porém, um pouco antes de os empresários Belgas perderem o interesse pelo empreendimento, João Dias dos Santos, já avançado em idade, começou a não se sentir tão bem quanto antes.



Sobre um período vivenciado no inverno de 1906, Macedo relata:

Naquele inverno de 1906, atendendo as recomendações de Floriana Joaquina, João Dias não se ausentara da fazenda. Até que resolveu comparecer ao casamento do Intendente de Caçapava, o Coronel Coroliano Castro, que era seu grande amigo. Foi em 23 de junho, um dia muito frio. De lá voltara com uma gripe que o colocou no leito e foi aos poucos exaurindo as forças (MACEDO, 2006, p. 33).

A esposa, Floriana Joaquina resolve, então, avisar os filhos, porque estes, envolvidos no armazém acabavam não percebendo o estado de saúde no qual se encontrava seu pai. Os filhos combinaram de levá-lo para residir numa estância que a família possuía nas terras de Bagé, chamada de Estância Cinco Cruzes. Ali havia um médico, o Dr. Lybio Vinhas, o qual poderia dar uma assistência clínica para João Dias dos Santos, ficando assim o coronel melhor amparado e recebendo cuidados com maior facilidade.

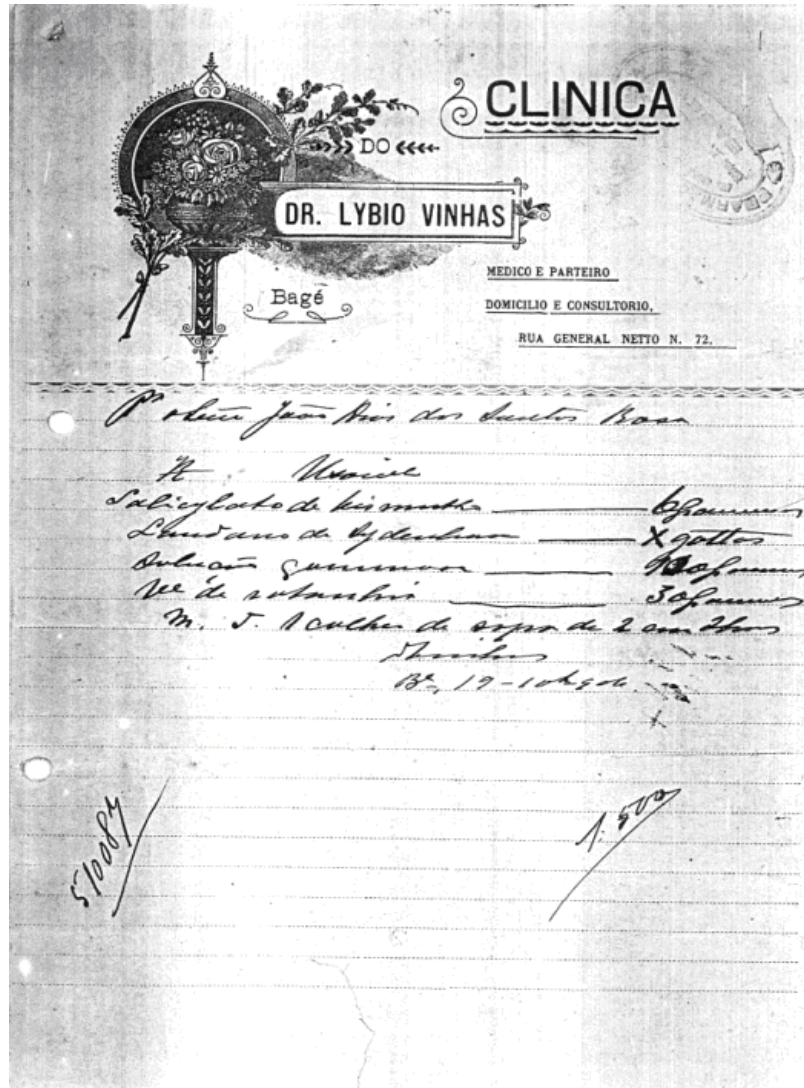
Os filhos, totalmente voltados para o comércio na Casa Grande de Torrões, não perceberam de imediato a gravidade do caso. Alertados pela mãe, levaram um grande susto. Trataram de transferir o velho para a Estância das Cinco Cruzes, de sua propriedade, bem perto de Bagé. Naquela cidade, clinicava o Dr. Lybio Vinhas, médico que cuidava do fazendeiro há muitos anos (MACEDO, 2006, p. 33).

Assim, o doutor começou a atender o coronel, Macedo narra:

Avisado por um chasque, o Doutor chegou quase junto com o doente, mas quando seus olhos fizeram a primeira inspeção, a testa franzida deixou a todos preocupados. João respirava com dificuldade, o peito roncava e, de repente, acessos de tosse culminavam com um suor gelado. Salicilato de bismuto, repouso e muito caldo de carne, arejar o quarto, ferver as roupas e evitar contato com as crianças foram as ordens do Dr. Vinhas (MACEDO, 2006, p.33).

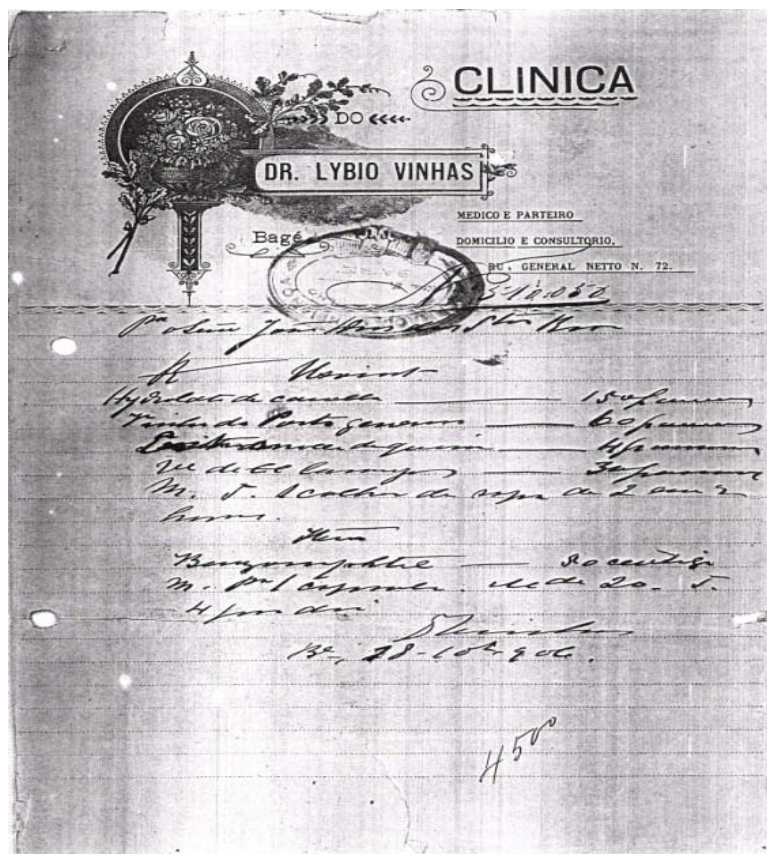
Relatando-se os últimos dias do coronel, verifica-se também a passagem de muitos anos desde o começo dos trabalhos mineradores, assim como a quantidade de episódios já transcorridos no prédio e as suas significações para aqueles moradores, que incluem todos os instantes vividos como pequenas partes de um quebra-cabeça formando suas vidas.

Todos os membros de uma sociedade não têm as mesmas capacidades de deixar seu registro sobre o espaço, porque não dominam as mesmas tecnologias, não têm a mesma capacidade de inovar, os mesmos recursos e os mesmos direitos. As marcas que uma cultura imprime ao espaço onde vivem aqueles que são seus portadores podem testemunhá-lo (CLAVAL, 2001, P. 296).



**Figura 20: Receituário evidenciando a utilização de medicamentos**  
**Fonte: Arquivo Sr. Zeno Dias Chaves**

Recebendo assistência dos seus, o cuidado da esposa, a atenção dos filhos nessa estância nas proximidades de Bagé, além das recomendações do doutor, foram vividos os últimos dias do coronel. Observa-se no receituário que está complementado o sobrenome Rosa. Esse acréscimo lhe foi dado por militares, em função de patentes, não sendo seu nome oficial, ora era utilizado, ora não. Seu nome completo era João Dias dos Santos.



**Figura 21: Receituário fornecido ao coronel João Dias dos Santos**  
**Fonte: Arquivo do Sr. Zeno Dias Chaves**

O sepultamento do coronel foi realizado de acordo com os costumes da época, na sede da própria fazenda em Bagé, com a presença do pároco da diocese e com toda a cerimônia fúnebre que as famílias mais abastadas normalmente podiam realizar. Na ocasião, foi contratada a empresa funerária pertencente ao Sr. Francisco Lopes Machado, conforme mostra a nota fiscal.

Nos próximos meses, os cuidados e o cálice diário de vinho do porto com gemas lhe valeram alguma melhora. Entretanto, nos primeiros dias do verão, um sentimento de tristeza começou a tirar-lhe os últimos sinais de vigor. João Dias, foi-se afinando como um candeeiro que se apaga aos poucos. Outras visitas não impediram o desenlace [...] Como era seu desejo, foi sepultado no cemitério da Estância das Cinco Cruzes, com sua farda de coronel da guarda nacional (MACEDO, 2006, p. 33).

Sobre os ritos fúnebres nas culturas ocidentais, Claval (2001, p.96) afirma “as cerimônias evocam periodicamente a lembrança das almas desaparecidas e provam que não foram esquecidas. Em muitas sociedades, a relação com os mortos

passa por deslocamentos até os cemitérios: daí sua significação na organização do espaço”.

Baqé, 12 de Janeiro de 1907

**EMPRESA FUNERARIA**  
— DE —  
**Francisco Lopes Machado**  
— RUA 7 DE SETEMBRO N. 188 —  
— B A G É —

© Sr. Boa Ventura Viana Deve

Imprensa Rustica

Este bem montado estabelecimento de 1.º ordem tendo como GERENTE um perito armador, e pessoal todo habilitado em carreiros de qualquer trabalho que lhe seja confiado; tem ricas armadas para camera ardente, greja e trapézio, tem 3 Carras Ricas para serviço funebre.

Encarrega-se de armadas de gala, para bailes, recepções, casamentos e baptizados.

Ornamentos, fitas, letros, galões e franjas, recebidos directamente da Europa

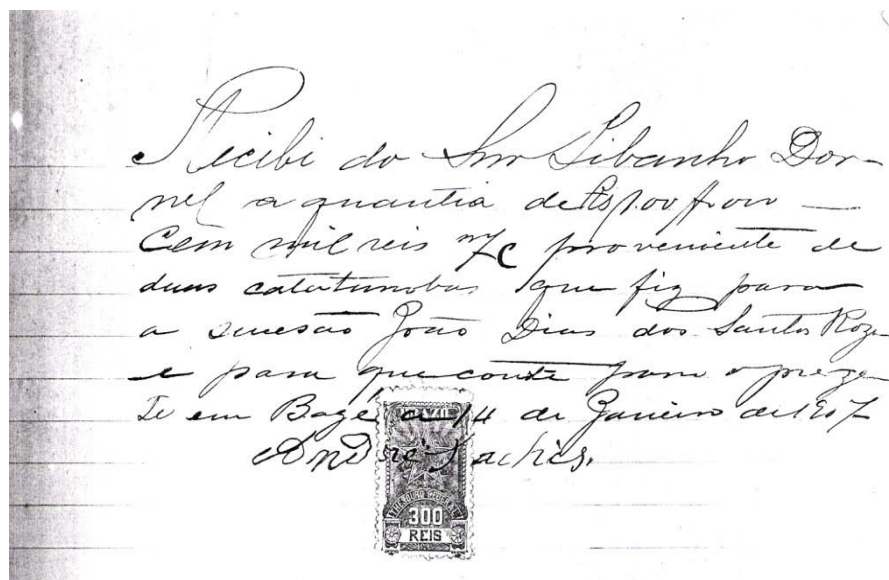
PREÇOS SEM COMPETENCIA  
TELEPHONE, 130

1 Caixa de Veludo Preto  
atavado acastanhado, e com  
pez de lã 400:000

Recibi  
Baqé, 12 de Janeiro 1907  
Fran: *Francisco Lopes Machado*

**Figura 22: Nota fiscal referente aos serviços fúnebres prestados à família Dias.**  
Fonte: Arquivo Sr. Zeno Dias Chaves

Após o falecimento do coronel, um de seus filhos, o Sr. Favorino Dias dos Santos, foi residir no distrito do Seival, na fazenda Cerro Colorado, com a sua família. Também Favorino se encarregou do pagamento dos serviços prestados no que diz respeito ao enterro, conforme mostra o recibo do período,



**Figura 23: Recibo evidenciando os gastos com a catatumba do Sr. João Dias dos Santos**  
**Fonte: Arquivo Sr. Zeno Dias Chaves**

Analisando esse recibo, pode-se perceber também a autenticação posta nos documentos, nos registros e ocorrências do presente período, os quais eram realizados na cidade de Bagé ou na cidade de Caçapava do Sul, ou seja, no município sede. O registro acima evidencia Bagé, local onde residiam.

A empresa belga, entretanto, começou a enfrentar dificuldades com a baixa do preço do cobre em 1907, fruto da intensificação da mineração nos Estados Unidos e a descoberta de novas jazidas no Congo Belga, na África. Outro problema foi o encarecimento nos transportes, por ser um lugar muito isolado e de difícil acesso. Principalmente em dias de chuva, era limitada a saída do minério para a exportação ou para a compra do coque, material utilizado para o beneficiamento.

Além disso, para agravar as intenções da companhia belga, segundo o relato de engenheiros e geólogos da época, acumulavam-se outros problemas, como a grande afluência de água, exigindo o emprego de bombas potentes e numerosas galerias de escoamento; esgotamento do minério rico, o qual possibilitava os melhores rendimentos; e a falta da metalurgia completa, que forçava a exportação do cobre em estado de Matte Blanche, o que era bem menos lucrativo.

Ainda sobre este período, Ronchi e Lobato (2000, p. 33) relatam: “A empresa encerrou suas atividades em abril de 1908, liquidando, em seguida, os seus bens. Parte dos equipamentos foi vendida para a prefeitura de Alegrete; a

propriedade, com as benfeitorias realizadas, foi adquirida pelo antigo proprietário [...]”. Terminava assim o empreendimento da companhia belga.

Transcorrido certo tempo, João Feliciano Dias volta a residir na vila Minas do Camaquã, porém com o término da mineração belga, alguns moradores tiveram que sair da vila em busca de trabalho e, diante disto, os irmãos Dias viram seu comércio declinar e resolveram fechar o armazém.

“Ao fechar o armazém, a família do Sr. João Feliciano Dias, bem como a sua mãe, resolveram ir morar na casa de pedra construída pelos belgas e voltaram a se dedicar a pecuária”<sup>11</sup>.

O desemprego transformara as Minas do Camaquã numa grande tapera. Os filhos do coronel João Dias viram a sua casa de comércio minguar e tiveram de fechá-la. João Feliciano estabeleceu-se com a mãe e demais familiares na Casa de Pedra, antiga sede da administração belga, e voltou a cuidar só da pecuária. Favorino adquiriu terras no Seival e transferiu-se com os seus para a Estância do Cerro Colorado (MACEDO, 2006, p. 35).

Com o fim dos empreendimentos belgas, como já foi relatado, o armazém teve o seu fechamento, parte da população que residia nas Minas do Camaquã teve que sair em busca de trabalho para continuar dando sustentabilidade para as suas famílias, procurando emprego nas cidades vizinhas.

Quanto à mineração, houve um período de estagnação, não existiram mais investimentos, impedindo o seguimento da exploração mineral.

Passados alguns anos, ocorreu a crise de 1929. Com isso, o governo brasileiro teve que buscar formas de diversificar a sua economia, até então baseada na agricultura de exportação e na pecuária.

Diante desse cenário, foram criados pelo governo federal órgãos de fomento, como o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) em 1934, ficando este responsável por controlar as atividades de mineração no Brasil. Com essa legislação em vigor, as Minas do Camaquã voltaram a despertar interesse. Geólogos como Víctor Leinz e Emílio Alves Teixeira publicam diversos artigos, nos quais apresentam com entusiasmo suas observações e expectativas, pois o teor de

---

<sup>11</sup> Zeone Dias: entrevistada, moradora da vila Minas do Camaquã.

cobre encontrado nas amostras analisadas era alto e também foram encontrados teores significativos de prata e ouro.

O preço do cobre no mercado internacional entre os anos de 1939 e 1942 teve elevação, praticamente dobrou nesse período, e ainda tinha-se dificuldade em encontrá-lo. Diante da nova mentalidade assumida pelo governo federal brasileiro, foram disponibilizados capitais para dar seguimento às explorações de cobre das Minas do Camaquã.

A exploração industrial do cobre integrou o surto de industrialização promovido nos quadros da substituição das importações. Contou inclusive com o apoio do governo federal, que disponibilizou capital através do Banco do Brasil para o pronto início das atividades de mineração e também de metalurgia (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 37).

Os resultados dos estudos realizados neste intervalo mostraram a viabilidade da instalação industrial de grande porte, pois tinham completado as pesquisas apresentando uma reserva de minério com um teor de 3,74%, com uma estimativa de exploração durante oito anos.

Transcorridos alguns anos desde o falecimento do Sr. João Dias dos Santos, a família Dias retornou da cidade de Bagé, passando a residir novamente nas Minas do Camaquã, porém, não residiram no prédio da antiga fazenda, mas passaram a viver suas vidas na casa de pedra, de construção belga, a qual era dividida em muitas salas, proporcionando a instalação de toda a família, reunindo todos os filhos e netos dentro da mesma casa, como era costume na época.



**Figura 24: Casa de pedra**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**

“Trabalhando novamente com a pecuária, os irmãos Dias resolveram alugar o prédio da antiga fazenda, talvez motivado ainda, pelo fato da perda do pai, e também no intuito de fazer a vontade da mãe, em virtude de aquela primeira residência trazer muitas lembranças para toda a família, sendo esta uma das possíveis explicações para tal fato”<sup>12</sup>.

“Quando resolveram alugar o prédio, o mesmo se transformou em um gabinete dentário, atendido pelo dentista, o Sr. Dinarte Rodrigues de Freitas. Este dentista passou a residir na antiga sede do armazém. Além de residir em parte do prédio, abrigou em uma das dependências da casa, o seu consultório dentário. Enquanto a esposa cuidava dos afazeres da casa, que não eram poucos, em virtude da grande extensão que possuía, o Sr. Dinarte atendia os pacientes em seu gabinete”<sup>13</sup>.

Como o gabinete dentário não possuía atendente, era o próprio dentista que organizava os atendimentos, recebia os clientes e os acompanhava no final do tratamento até a porta de saída, sempre com muita atenção e cordialidade.

“O dentista atendia os moradores residentes nas Minas do Camaquã com toda a dedicação, mas ele também recebia nas dependências muitos moradores dos

---

<sup>12</sup> Zeone Dias: entrevistada, moradora da vila Minas do Camaquã.

<sup>13</sup> Zaldemir Alves Teixeira: entrevistado, morador da vila Minas do Camaquã



arredores, que não tinham como se dirigir a um profissional para cuidar de seus tratamentos dentários. Estes moradores iam procurá-lo nas Minas do Camaquã”<sup>14</sup>.

Também, quando os moradores não tinham como ir ao gabinete, mandavam recados pelos vizinhos mais próximos, pedindo o comparecimento do dentista. Então, o Sr. Dinarte se deslocava a cavalo ao encontro dos seus clientes. Dessa forma, dia após dia, aumentava a sua clientela.

Embora o medo estivesse quase sempre presente na hora de receber os cuidados dentários, os moradores se portavam de maneira educada quando se dirigiam ao gabinete. As que mais se amedrontavam eram as crianças. Estas normalmente faziam parte de famílias um pouco mais abastadas, porque o atendimento era realizado de maneira domiciliar, ou seja, com os custos de uma consulta particular.

Por outro lado, não havia a preocupação por parte dos adultos em receber o tratamento preventivo, ia-se ao dentista em casos de dor de dente, extração ou colocação de próteses, as quais eram moldadas pelo profissional, que assim cumpria a demanda e fazia o atendimento de acordo com os moldes da época e dos pedidos dos clientes.

O prédio, como se pode perceber, no transcorrer dos vários períodos passou a abrigar várias funções. Tendo cada uma delas uma característica única e diferenciada, permitindo analisar os diversos cotidianos presentes na vida dos mineiros.

“Quando ocorreu a morte de João Feliciano Dias, o prédio da fazenda passou por herança ao genro o Sr. Oscarino Dias Martins, casado com dona Cota, como era chamada pelos moradores locais. Mas mesmo tendo o recebido por herança, não residiu no prédio, continuou a alugá-lo. Seu interesse, assim como o do restante da família era continuar residindo na Casa de Pedra”<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Zaldemir Alves Teixeira: entrevistado, morador da vila Minas do Camaquã

<sup>15</sup> Sr. Vilmar: entrevistado, atualmente morador da cidade de Caçapava do Sul.



**Figura 25: Sr. Oscarino Dias**  
**Fonte: Arquivo família Dias**

Com a mudança de seu Dinarte, o dentista, para outra cidade, fecha-se o consultório dentário, e o prédio fica novamente a espera de um novo locatário. “O senhor Oscarino fica igualmente no aguardo de que, de repente possa surgir um novo inquilino. A família de seu Oscarino está ocupada neste momento em administrar as suas propriedades e também com a lida da pecuária, que também era uma fonte de economia para a região em conjunto com a exploração”<sup>16</sup>.

Fruto do resultado dos programas de pesquisas implementados, estabeleceu-se a criação da Companhia Brasileira do Cobre (CBC), em setembro de 1942.

Essa empresa se constituía de capital misto entre o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a Laminação Nacional de Metais de Francisco Pignatari como sócios majoritários, dividindo o controle das ações.

---

<sup>16</sup> Seu Vilmar: entrevistado, atualmente morador da cidade de Caçapava do Sul.

Conforme o desejo do Presidente, no dia 02 de setembro de 1942 foi constituída a Companhia Brasileira do Cobre com sede social em Porto Alegre. Como previsto, o contrato foi assinado pelos dois interventores, cada um na sua capital. No dia 22 de outubro Getúlio autorizou a exploração das Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul, pela companhia recém formada. A diretoria foi composta por um triunvirato. Pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, João Dahne, filho do também engenheiro Edward Sigismund Eugene Dahne, que participara da exploração do cobre caçapavano há muitos anos atrás. Pela laminação Nacional de Metais, Piganatari indicou como Diretor o Sr. Pedro Alexandrino de Paula Leite. Os demais acionistas seriam representados pelo Sr. Hermenegildo Martini. A direção da mina ficou a cargo do engenheiro de minas Hubert Pinagel (MACEDO, 2006, p. 71).

Em 1943 a antiga galeria dos ingleses é reinaugurada, a vila naquele dia passou a receber muitos convidados ilustres, como fruto dessa re-inauguração, a galeria subterrânea recebe o nome de Galeria Presidente Vargas.



Figura 26: Placa de inauguração da galeria subterrânea na era CBC  
Fonte: Arquivo Cemamc



**Figura 27: Inauguração da Galeria Presidente Vargas em 1943**  
**Fonte: Arquivo Cemamc**

O prédio acaba servindo de suporte para recordar os fatos ocorridos no passado que se faz existir mediante a lembrança, e, através dessa memória objetiva se conhece também as funcionalidades que se fizeram presentes no objeto de estudo. Lembrando as palavras de Claval (2001, p. 85) “as memórias objetivas são muito diversas pelos seus suportes e pelos signos ou símbolos que utilizam”.

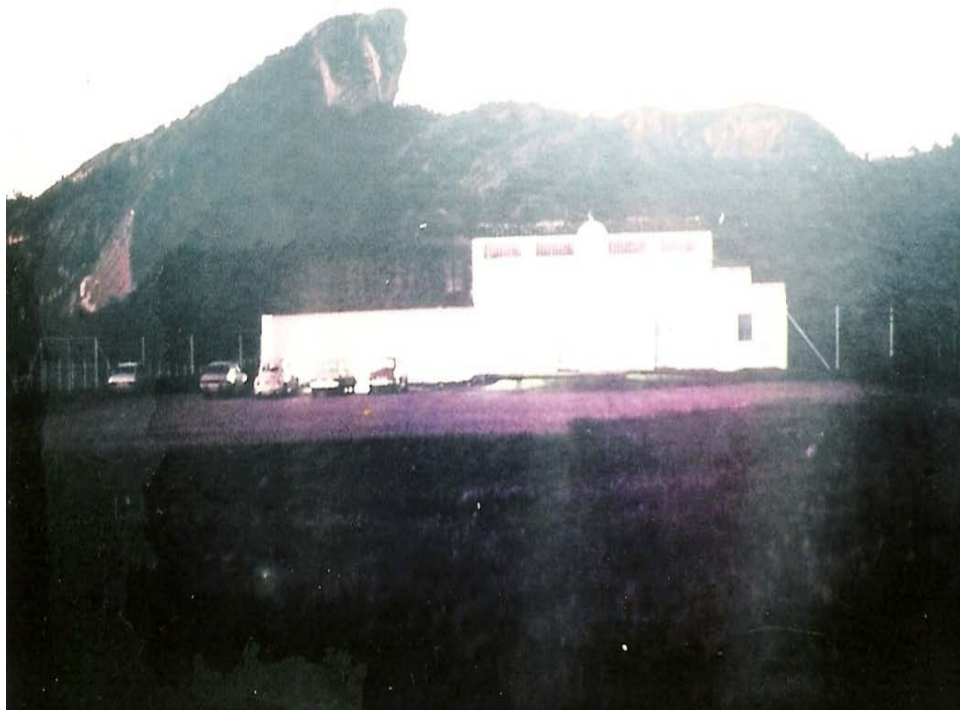
“Vários foram os moradores que assinavam contratos de locação para o senhor Oscarino Dias, todos digamos assim, conterrâneos, ou seja, pessoas que se criaram na vila”<sup>17</sup>.

Durante os anos de 1942 até o início do ano de 1969, o prédio ainda passava a abrigar a função de armazém, quando é vendido para a CBC em troca de terras no Seival (distrito vizinho às Minas do Camaquã).

---

<sup>17</sup> Zaldemir Alves Teixeira: entrevistado, morador da vila Minas do Camaquã.

Quando, em 1969, o prédio é vendido para a CBC, ele passa a abrigar o Clube, o imóvel então passou a ser administrado pela empresa mineradora, e se constitui em sede do antigo Clube dos Engenheiros.



**Figura 28: Clube dos Engenheiros**  
Fonte: Arquivo família Dias

Esse nome passou a vigorar por um determinado tempo, em razão de inicialmente somente funcionários do alto escalão, digamos assim, poderem frequentar o ambiente. Reuniam-se em fins de tarde, engenheiros, geólogos, médicos, administradores. Os demais funcionários não eram bem recebidos, e de acordo com o relato de moradores, eles já nem frequentavam o clube, por não se sentirem confortáveis diante de tal contexto.

O clube aos poucos passa por melhorias em sua infra-estrutura, começa-se a adquirir mobiliário, mesas e cadeiras, mesas de sinuca, mesas de ping-pong, reforma em sua parte interna, estrutura-se um bar que passa a possuir uma variedade maior de bebidas, entre outros.

Com o advento das reformas, foram ampliadas as instalações, proporcionando um ambiente mais espaçoso e aconchegante. Foi construída também uma piscina, canchas de bocha, quadras de futebol, tudo para atender melhor os seus frequentadores, agora participando também das atividades nele

organizadas toda a comunidade, porém em sua maioria, quem mais o frequentava eram os mineiros.

Todo o investimento da reforma foi financiado pelo o próprio empresário Pignatari, representado pelo seu diretor, o Sr. Pedro. Além dessas ampliações e melhorias nas infra-estruturas, o Clube abrigava também outros eventos como festas e bailes.

“Eram nos bailes onde participavam um número maior de pessoas, o baile tinha como um de seus objetivos apresentar as moças solteiras na intenção de se arranjar um bom casamento. Outras vezes, entretanto, aconteciam no clube festas de casamento, ou seja, o prédio era locado para organizar este tipo de festa”<sup>18</sup>.

Em outras ocasiões, quando se organizavam as festas, quem acabava animando o momento era uma banda local chamada Banda Arco-Íris, composta por trabalhadores das minas. Essa banda se apresentava em eventos da vila e também em fins de semana eles se organizavam e tocavam em outros eventos nas cidades vizinhas.

“A vida nas Minas neste período era muito tranqüila, com exceção é claro das demasiadas e perigosas jornadas de trabalho. Ainda não havia segurança para a execução dos trabalhos. Nos turnos de trabalho, não havia ninguém com o título de engenheiro de segurança, além de capacetes, não havia outros dispositivos de segurança, tais como luvas, sapatos ou equipamentos de proteção. Na mineração subterrânea eram utilizadas lâmpadas cabides. Além disso, os mineiros necessitavam escalar para dentro e para fora da mina, e caso estivessem abaixo do nível de 90 metros a galeria não poderia ser evacuada rapidamente, o que com certeza traria notícias nada agradáveis aos familiares que aguardavam ansiosamente o término da jornada”<sup>19</sup>.

Nessa fase de exploração, o minério era levado para ser beneficiado em indústrias do empresário Pignatari. Isso gerava alguns descontentamentos por parte de alguns integrantes da assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, e cogitava-se diante desta realidade instalar-se no estado uma metalurgia.

---

<sup>18</sup> Sr. Camilo: entrevistado, atualmente morador da cidade de Caçapava do Sul.

<sup>19</sup> Gervásio Pinto: entrevistado, morador da vila Minas do Camaquã.

A mineração nas Minas do Camaquã teve um ritmo crescente e com certa regularidade entre os anos de 1954 e 1971.

Foi no transcorrer do ano de 1972, que a população da pequena vila totalizava 3.878 habitantes, destes, 1460 eram empregados da companhia, e os demais dependentes. A comunidade contava com 485 residências, com rede de água e luz, dispunham ainda de um sistema de transporte gratuito, pois a área da empresa era composta por cerca de 600 hectares. Como infra-estruturas a empresa sempre mantinha para abastecimento alimentar supermercado, horta, padaria, açougues e bares (RONCHI e LOBATO, 2000, p.42).

As residências abrigavam os trabalhadores e as suas famílias, muitas foram construídas pelos próprios funcionários da empresa, em fins de tarde ou em momentos de folga dos turnos de trabalho.



**Figura 29: Estruturação das residências**  
**Fonte: Arquivo CBC**

As residências passaram a ser chamadas de geminadas porque apresentavam a mesma característica, tinham a mesma quantidade de cômodos, e muitas eram construídas literalmente, lado a lado. Algumas, como se pode observar na fotografia, possuíam um pequeno pátio, o qual era cercado pelo morador local. Estas pertenciam à empresa mineradora, sendo apenas cedidas aos funcionários

para facilitar o deslocamento para os turnos de trabalho, dando-se prioridade de moradia a quem já tinha família constituída.

Os demais trabalhadores tinham de se deslocar diariamente de suas residências em direção à empresa, inicialmente o transporte era feito em caminhões protegidos por lonas e com bancos na carroceria. Após, foi adquirido um ônibus para organizar o transporte.



**Figura 30: ônibus “Regina”**

Fonte: Arquivo Cemamc

“O mesmo ônibus que levava os funcionários para casa após o turno de trabalho, já trazia no mesmo carro a turma do próximo turno, tendo a empresa o horário de funcionamento executado durante vinte e quatro (24) horas por dia. O ônibus foi apelidado de Regina, em homenagem a uma das esposas de Pignatari que residiu nas Minas do Camaquã por alguns anos”<sup>20</sup>.

Percebe-se que o mineiro, dentro desse contexto de trabalhador nas minas, insere-se nessa sociedade como um ser social que necessita adquirir conhecimentos, obedecer regras e normas, e conviver de uma maneira harmoniosa para assim ser aceito, continuar fazendo parte do grupo e desempenhar o papel que lhe foi designado.

<sup>20</sup> Gervásio Pinto: entrevistado, morador da vila Minas do Camaquã.





**Figura 31: Francisco Pignatari e sua esposa Regina Fernandes**  
**Fonte: Arquivo da Cemamc**

Os funcionários que residiam na vila aproveitavam as horas de folga para o descanso, para a companhia da família ou utilizavam as horas para momentos de lazer. As folgas significavam também o momento do encontro, encontro para tomar o chimarrão, para conversar com a esposa, para tomar uma cachaça para descontrair.

O marco dentro desse período foi o ano de 1971, quando se deram as ampliações da CBC. Nessa ocasião, foi agendada a visita do presidente Médici, o qual viria para inaugurar um novo engenho de beneficiamento de cobre.



**Figura 32: Presidente Médici no clube Minas do Camaquã**  
**Fonte: Cemamc**

Grande parte das mídias existentes em Caçapava do Sul publicava a notícia de que o presidente Garrastazu Médici iria visitar a vila Minas do Camaquã para inaugurar um novo engenho de tratamento de cobre, o qual aumentaria significativamente a quantidade de concentrado de cobre produzido.

“Era um momento de expectativa para os moradores da pequena vila, enfim, receber o presidente não era um fato sem importância. Todo um esquema de segurança foi montado para poder recebê-lo, desde a sua chegada no campo de pouso do industrial Pignatari e durante todas as festividades do evento” <sup>21</sup>.



**Figura 33: Campo de pouso do Sr. Pignatari**  
**Fonte: Arquivo CBC**

Nesse dia da visita inaugural, todos os moradores foram convidados por Francisco Pignatari, diretor da empresa, para se fazerem presentes na confraternização que seria organizada. Um grande almoço, onde o prato principal a ser servido seria o tradicional churrasco, onde todos participaram sem distinção. Uma grande quantidade de carne foi abatida para o evento, oferecendo-se também a todos os convidados bebidas, as quais eram patrocinadas pela diretoria da empresa.

Esse é um dos principais eventos ainda presentes na memória de todos os moradores da vila, quando perguntamos sobre os períodos de auge da empresa, todos relembram esse fato e falam com alegria dos “bons tempos” de Pignatari. Embora existam controvérsias, pois o mesmo administrava os negócios de maneira muito rígida.

---

<sup>21</sup> Sr. Camilo: entrevistado, atualmente morador da cidade de Caçapava do Sul.

Um exemplo, citado pelos moradores, encontra-se no poder de polícia, o qual era executado por funcionários contratados pela diretoria para tal finalidade. Se ocorressem desordens dentro da vila ou da empresa mineradora, o funcionário estava passível de demissão.

As maneiras de alguns indivíduos se comportarem dentro das culturas, às vezes, se tornam conflitantes, e reproduzem formas de organização social que asseguram a sobrevivência e a reprodução deste grupo.

O conteúdo de cada cultura é original, mas alguns componentes essenciais estão sempre presentes. Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo (CLAVAL, 2001, p. 63).

“Ao mesmo tempo em que era querido, era igualmente temido por todos, em decorrência de que os moradores deveriam cumprir as suas ordens de comando. Nos eventos, a diretoria e seus convidados tinham um lugar já reservado. Um exemplo disso encontra-se nas sessões de cinema do cine rodeio, onde num camarote, estavam os convidados, enquanto que a população local disputava as poltronas na parte plana do cinema”<sup>22</sup>.



**Figura 34: Cine Rodeio, estruturado na praça central**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**

---

<sup>22</sup> Gervásio Pinto: entrevistado, morador da vila Minas do Camaquã.

Tanto o prédio do Cine Rodeio, como a Igreja de Santa Bárbara foram construídos neste período. Sobre o Cine Rodeio, Ronchi e Lobato assim se referem,

Na praça central, o prédio do cinema ocupa lugar de destaque com linguagem arquitetônica que faz referência aos filmes do velho oeste. O nome Rodeio, reforça a idéia da linguagem. Um grande galpão, com telhado de duas águas, fachada principal com frontão, trabalhado com desenhos característicos do *Far West* americano, em madeira. O acesso principal é feito por porta vaivém lembrando os *saloons*. O prédio desenha na paisagem uma situação totalmente insólita ou surrealista na sua relação com a praça, na qual, vagonetes, como esculturas, nos lembram a existência de minas próximas, definem um espaço urbano de boa qualidade. Esse cenário nos transporta para longe do estereótipo de uma vila no interior do Rio Grande do Sul (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 65).

Em relação à igreja de Santa Bárbara, pode-se dizer que ela representa a fé, a gratidão pela vida, demonstrando a união de todos os mineiros no momento de reverência e devoção à santa protetora, a Santa Bárbara.

Sobre o símbolo e o pensamento simbólico, Elíade afirma,

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser (ELÍADE, 1991, p. 08).

A igreja da Santa Bárbara foi construída em meados de 1968, conforme nos mostra a fotografia.



1. Hospital Júlio Pignatari, com nova cobertura.
2. Casa Padrão Técnico, em construção pela TEOREMA.
3. Hotel Guaritas.

**Figura 35: Igreja de Santa Bárbara**  
Fonte: Arquivo CBC

Nesse período também já haviam sido construídos, conforme revela a foto, o hospital, o hotel e as demais residências. Conforme se pode observar as ruas ainda estão sem calçamento, a vegetação ainda se encontra em estado natural, sem ter sofrido intervenção humana nos campos ao fundo.

Outro detalhe interessante pode ser observado em relação à construção das residências. Estas foram erguidas por uma empresa contratada pela CBC, seguindo o mesmo projeto para todas, podendo abrigar desta maneira um maior número de mineiros.

Junto com a igreja da Santa Bárbara, outro símbolo de importante significação está junto ao morro, denominado Pedra da Cruz.



**Figura 36: Pedra da Cruz**  
**Fonte: da pesquisadora**

Em relação à Pedra da Cruz, símbolo religioso, de crença em coisas não materiais, Macedo escreve,

A cruz afirma a relação entre o celestial e o terreno. O eixo vertical representa o masculino, e o horizontal o feminino. Na mesma seqüência, simboliza o tempo e o espaço, o sol e a lua, a vida e a morte. Instrumento terrível do martírio de Jesus Cristo, tornou-se o símbolo maior de seus seguidores, uma haste para o amor, outra para o perdão. A cruz, que se identifica com a conjunção dos opostos, pode representar as forças que impulsionam Baby Pignatari, um homem bom que se torna mau ao ser desafiado. Um ser humano cheio de contrastes (MACEDO, 2006, p. 108).

Ainda sobre a colocação da cruz no alto do morro, Macedo comenta:

[...] todos trabalhavam duro e a obra avançava com rapidez. Terminada a base de concreto, a cruz seguiu de caminhão, pelo outro lado, até onde foi possível. Nos últimos cento e cinqüenta metros, foi carregada nos ombros dos mineiros. Havia sido pintada com uma tinta que Baby trouxera de São Paulo, usada em demarcações de aeroportos. Os holofotes colocados na base da cruz, em frente, seriam acesos diretamente do clube, ao lado do hospital (MACEDO, 2006, p. 112).

Para a inauguração da Pedra da Cruz, foi marcado um ato festivo, à noite, conforme relata Macedo:

Dezembro de 1968, antes do Natal, os comentários giravam em torno da inauguração da cruz. Baby e Regina são recepcionados por um dia resplandecente. No clube tudo já está preparado. O Carranca, todo de branco, serve *whisky* aos convidados e água mineral ao bispo Dom Luiz de Sartório. O mesmo que, oito anos antes, tinha acusado Baby de esbanjar os lucros auferidos com o sangue, o suor e as lágrimas dos mineiros de Camaquã. Assim que o sol se põe por detrás dos morros, Pignatari dá por iniciada a cerimônia. Discursa o advogado José Galeno Teixeira, enaltecendo a sensibilidade do empresário. Durante a missa, na hora da consagração, o bispo aciona a chave que ilumina a cruz no alto da pedra. A imagem emociona a todos, que se ajoelham e rezam com Dom Luiz. Fogos de artifício completam o colorido da festa. Findo o ritual religioso, Regina convida os presentes para o churrasco ao ar livre. Notícia saudada com novo alvoroço. Como era habitual, Baby já havia recebido a confirmação do assador (MACEDO, 2006, p. 112-113).

Analisando o símbolo presente na Pedra da Cruz, podemos perceber que a validade dele depende de cada indivíduo particularmente, pois

[...] os mitos se degradam e os símbolos se secularizam, mas eles nunca desaparecem, mesmo na mais positivista das civilizações, a do século XIX. Os símbolos e os mitos vêm de longe: eles fazem parte do ser humano, e é impossível não os reencontrar em qualquer situação existencial do homem no cosmos (ELÍADE, 1991, p. 21).

De acordo com os relatórios da DOCEGEO, a máxima produção de 4.371 toneladas de cobre na mina do Camaquã em 1971, na parte referente à lavra, foi obtida mediante mão de obra excessiva, sendo antieconômica para o mercado naquele ano. Em 1972, para contornar as condições desfavoráveis do mercado, houve tentativa de manter ou diminuir moderadamente a produção de minério, lavrando-se setores mais ricos da mina.

Pretendeu-se compensar diminuição de pessoal, concentrando a lavra em setores mais ricos da mina e, ao mesmo tempo, de menor custo de transporte interno e externo. Em 1973, devido a deslizamentos que ocasionaram a paralisação de setores produtivos de alto teor e de dificuldades progressivas com desgaste de material, limitaram a produção em pouco mais de 3.000 toneladas de cobre. Nesse ano crítico, foi substituída toda organização técnica da Mina do Camaquã.

Em 1974, os problemas de lavra aumentaram, em parte devido à insuficiência de frentes de trabalho, agravados no início do ano por inexistência de organização técnica e, depois, devido à inexperiência em relação à mina do novo pessoal técnico contratado, gerando também desorganização da documentação da mina e dos serviços de topografia.

Dentro deste contexto, com inúmeras dificuldades a serem enfrentadas, o sócio Francisco Pignatari abandona o empreendimento, em outras palavras desinteressa-se pelas Minas do Camaquã, concentrando seus trabalhos e esforços em outros estados onde também possuía negócios e empresas.

### **3.3 Os 15 Anos de mudança**

A chamada “era Pignatari” trouxe uma série de melhorias às minas do Camaquã e, igualmente, para a tecnologia do processamento do cobre,

A implementação da mineração em escala industrial se fez acompanhar da montagem de uma infra-estrutura urbana, que está na origem do surgimento da pequena cidade próxima as minas do camaquã, administrada pela própria CBC. As visitas freqüentes de Francisco Pignatari e o seu empenho e interesse pelas condições da localidade são lembrados por alguns moradores. A casa por ele construída no ponto mais alto da área que compreende a vila é conservada até hoje. Abaixo, sucessivamente, compondo diferentes patamares, dispunham-se as casas dos engenheiros e encarregados, dos funcionários burocráticos e técnicos e, mais abaixo, a dos operários. O ‘tempo do Pignatari’ é evocado como a época dos bailes no clube, das sessões no Cine Rodeio, dos banhos no balneário do arroio João Dias, do embelezamento da vila (RONCHI e LOBATO,2000, p. 42).

Essa “era” de transformações é chamada pelos próprios moradores locais como a era da mudança, porque quando lembram sobre esse período, comentam sobre as novas instalações mineradoras que se fizeram presentes e falam também sobre as implicações trazidas para eles enquanto funcionários da CBC e relatam

sobre as adaptações pelas quais tiveram que passar. Tudo isso porque a memória consegue trazer à tona aspectos múltiplos da realidade. Aliadas a tudo isso se tem as relações desse grupo vinculada à mediação das tecnologias.

O ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, o analisam e percebem suas possibilidades, e através das técnicas permitem explorá-lo: a mediação tecnológica é essencial nas relações dos grupos humanos com o mundo que os rodeia (CLAVAL, 2001, p. 219).

Após a Era Pignatari, inicia-se um novo ciclo minerador, mediante a intervenção do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, que sob impulso do BNDES, através da sua subsidiária FIBASE, passou a controlar a CBC, sendo realizadas neste período novas pesquisas para a montagem de um novo plano de lavra para a mina do Camaquã.

Colaboraram nas pesquisas a DOCEGEO e a CRM. Em 1976 falava-se ainda em instalar no Rio Grande do Sul um pólo metalúrgico de cobre. Em 1977, foram encaminhados estudos detalhados das minas do Camaquã, que resultaram, mediante mapeamentos e sondagens, na reavaliação das reservas, apresentando-se um relatório final chamado de Projeto Especial Camaquã.

A mineração a céu aberto teve seus trabalhos preparatórios iniciados em janeiro de 1979, com serviços de terraplanagem, e, em seguida, deram-se os trabalhos propriamente ditos em torno da mineração do cobre mediante esse novo modelo de extração.





**Figura 37: Início da exploração da mina a céu aberto**

Fonte: Arquivo CBC

Sendo assim, deu-se continuidade aos trabalhos de mineração e aos investimentos para que a extração de minérios seguisse a pleno vapor. Assim, foi reavivada existência das minas do Camaquã e, de igual modo, retomados os empregos de inúmeros mineiros que tiravam daquelas inóspitas galerias o sustento de suas famílias.

As atividades de mineração foram retomadas em 1981 com novas técnicas de extração e produção do concentrado. Com um processo altamente mecanizado, ampliava-se de modo expressivo a capacidade de produção, com possibilidade de tratar 5,5 mil t/dia de minério. Além das lavras subterrâneas nas Minas São Luiz e Uruguai. Agora a terra ia sendo descarnada à luz do sol, não se escondia na escuridão profunda das minas, nem podia ser esquecida, como um mero buraco na encosta, ficaria ali exposta, para sempre, à degradação (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 44).

Deram-se também, dentro da década de 80, as instalações de novas infra-estruturas para a moagem e trituração do minério, conforme podemos observar, na fotografia abaixo.



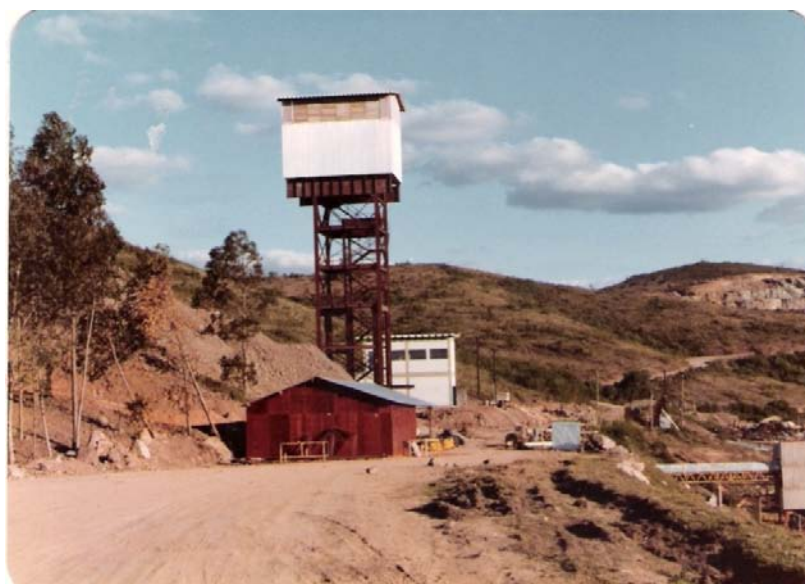
Subestação da moagem e flotação.

Serviço a cargo da CBC.

Jan/81

**Figura 38: Subestação da moagem e flotação dos minérios**  
 Fonte: Arquivo CBC

Vários trabalhos foram implementados na nova companhia de beneficiamento do minério ainda com o nome de CBC, porém, com a total intervenção governamental, ou seja, era o governo do estado do Rio Grande do Sul que detinha todo o poder de administração e direção.



Vista da Torre do Guincho, encimada pela Casa de Comando.

En segundo plano aparece a subestação rebaixadora da Mina Subterrânea.

Junho, 81.

**Figura 39: Construção do elevador por onde era retirado o minério de cobre**  
 Fonte: Arquivo CBC

Toda a parte administrativa da empresa recebeu novos prédios, onde era realizada a parte burocrática, onde se tomavam as decisões, onde eram elaboradas

as folhas de pagamento de todos os funcionários, e onde se guardavam as plantas e cartas topográficas elaboradas para se saber os planos de lavra.



Escritório das Minas.  
Junho, 81.

**Figura 40: Escritório da CBC**  
**Fonte: Arquivo da CBC**

Entretanto, todos esses investimentos não conseguiram superar a defasagem dos equipamentos e as perdas nas explorações do cobre. A produção não alcançou as expectativas e projeções inicialmente estabelecidas através das prospecções que foram realizadas pelas equipes.

Em 1987, o sistema BNDES assumiu a totalidade do endividamento bancário da empresa e reconheceu perdas da ordem de UU\$ 29,7 milhões, como forma de buscar a compatibilização do valor econômico da CBC com sua capacidade de geração de rendas (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 44).

Dessa forma, começaram-se a visualizar os problemas de monta que a empresa começava a assumir e que, de certa forma, estavam longe de ser resolvidos. Nesses 15 anos foram muitos os investimentos, as modernizações nas instalações e muitas expectativas geradas em todos os mineiros que trabalhavam no empreendimento, visto que jamais pensariam que a empresa com todos os recursos disponibilizados para tal empreendimento duraria tão pouco tempo. Assim, começaram a se avolumar muitos problemas tanto de ordem econômica como de ordem social.

Problemas de ordem econômica eram gerados para a empresa a qual visava ainda uma última tentativa de administrar todo aquele patrimônio minerador, no qual se tinha investido muitos esforços e recursos. De igual modo, era gerado um problema ainda maior, de ordem social, que era o desemprego de inúmeros mineiros, que não sabiam realizar nenhuma outra tarefa a não ser trabalhar nas galerias e explorar as rochas em busca de minério.

Esse era o panorama que se tinha em fins de 1988, um cenário triste e avassalador. No cenário brasileiro nesse mesmo período, começava a se esboçar uma onda de privatizações; transformações tecnológicas e financeiras atingiam a dinâmica das trocas internacionais. Uma política de privatizações passaria a ser implementada com forte ímpeto ao longo da década de noventa, buscando-se outras formas de intervenção.

Antes de se propor definitivamente o encerramento das atividades de mineração, executou-se uma proposta de privatização da empresa, mediante a elaboração de um edital de concorrência para descobrir se haveria o interesse de algum capital privado assumir os empreendimentos.

Lançado o edital proposto pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul e percebendo-se que nenhuma das empresas compareceu ao leilão, um grupo de funcionários da CBC elaborou uma proposta de compra da empresa mediante a utilização das ações e do FGTS, para que assim continuassem a administrar a empresa e também a garantir seu sustento por mais alguns períodos. Foi denominada esta compra de *holding* Bom Jardim.

Dentro dos reflexos da modernidade, atuam diversas forças que modelam a vida dos seres humanos em sociedade, buscando-se, com isso, sempre novas estruturas, assim,

[...] a modernidade cola-se às coisas palpáveis, às realidades materiais. Acha seu sentido não nos aléns revelados, mas na descoberta daquilo que a história faz emergir: engendra, assim, artes de vanguarda, que renunciam a fundar sua estética sobre uma metafísica atemporal, porque a verdade tão fugaz que procuram é aquela da mudança em curso e baseia-se na aptidão em perceber, sob o caos do instante, as estruturas do futuro. (CLAVAL, 2001, P. 347).

A *holding* Bom Jardim foi formada depois de ter sido marcado um leilão, onde as empresas inscritas teriam, através da compra pela melhor oferta, o direito à empresa. Caso não fosse vendida a empresa seria fechada.

O leilão da CBC, marcado para 21 de outubro de 1988, foi suspenso. As cinco empresas – S/A Marvin; Albatroz S/A; KDG da Amazônia Indústria de produtos metálicos S/A; Paulista Metais S/A; Caraíbas Metais S/A – que se haviam qualificado para a disputa, desistiram. Por decisão governamental, caso a empresa não fosse vendida, seria fechada. Diante desse quadro, um grupo de administradores e funcionários da empresa manifestou, através de correspondência, o interesse em encontrar uma solução, sugerindo, inclusive, a compra pelos funcionários. Um protocolo de intenções foi assinado com o BNDES, comprometendo-se os empregados a constituir uma *holding*, designada naquele documento de Santa Bárbara Companhia de Empreendimentos e Participações, para adquirir o controle acionário da CBC. O preço acertado foi o mesmo do edital de oferta publicado na imprensa anteriormente, e que, efetuadas as devidas correções, correspondia a NCz\$ 7.216.553,74. As condições exigiam o pagamento de 30 % no ato do negócio e o restante em 24 meses, em parcelas trimestrais, reajustadas pelo índice de preços ao consumidor (IPC), acrescidas de juros de 7,5% ao ano. A fórmula inédita de privatização acabou ganhando ampla projeção” (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 46).

A  *Holding* então se constituiu em uma nova empresa que compraria a CBC, e que seria administrada pelos funcionários, que além de manterem o empreendimento em pleno funcionamento, garantiriam seus empregos e o sustento de várias famílias. Enfim, garantiriam emprego e renda, amenizando desta forma os impactos sociais nesta pequena vila.

Assim se organizou a *holding*:

A diretoria e as associações realizaram ampla campanha com os empregados, pois somente eles podiam participar como acionistas, usando suas poupanças ou antecipações salariais para a compra das ações da *holding*. Dos 960 empregados na época, 408 aderiram ao protocolo de intenções e criaram a *holding* designada, por fim, como Bom Jardim S/A, constituindo-se este nome numa alusão à estrutura geológica da região em que se insere a mina de cobre – Janela Bom Jardim (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 47).

Nessa época, estavam declinando as atividades funcionais do clube Minas do Camaquã, nada se compararia aos tempos de outrora, dos auge da mineração que faziam com que sempre existisse movimento no prédio, ou seja, a constante entrada e saída dos moradores locais, bem como a organização de bailes e festas onde se reunia uma considerável quantidade de pessoas.

O patrimônio enquadrado como uma categoria de pensamento pode ser visualizado mediante a existência do clube, porque o patrimônio pode ser compreendido como um esforço constante de resguardar o passado no futuro, formado pelas relações sociais e simbólicas que são mantidas no objeto e para com o objeto em questão, e só irá existir enquanto patrimônio se a ele for atribuído valor.

No que diz respeito à atuação do tempo sobre a noção de patrimônio, a Ferreira nos revela que as

[...] noções de tempo e identidade operam em conjunto para o reconhecimento de algo como patrimônio, e, mais do que reconstruir o passado supostamente conservado ou retido, a preocupação subliminar é garantir o presente e projetá-lo em um devir (FERREIRA, 2006, p. 80).

As extrações de minério seguiam num ritmo esperado pela diretoria da nova empresa, a *holding* conseguiu saldar suas dívidas com o BNDES antes do prazo esperado, pela quantidade de cobre e outros subprodutos oriundos da extração,

O concentrado de cobre da CBC era adquirido pela Caraíba Metais, em operação desde 1982. A liberação das importações de cobre, em 1990, trouxe algumas dificuldades e exigiu a revisão das estratégias de comercialização do concentrado para preservação do mercado. Mas, além do cobre, podiam contar com a comercialização do ouro e da prata contidos no concentrado. Conforme matéria jornalística publicada na época, a empresa produzia cerca de 240 quilos/ano de ouro e 22 mil quilos/ano de prata, num valor total de US\$ 20 milhões e US\$ 25 milhões, constituindo-se a CBC, nessa fase final, no segundo produtor de prata do país (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 47-48).

No decorrer das explorações da empresa, embora houvesse algumas dificuldades, surgiram problemas trabalhistas, registrando-se, após esta privatização, uma greve de funcionários reivindicando melhorias salariais. Como se não bastasse, surge nesse período referente à área ambiental, um problema de poluição no Rio Camaquã que fora detectado pelo IBAMA, causado pela barragem de rejeitos.

Em março de 1996 houve o fechamento da empresa, devido à impossibilidade de operação no que tange a retirada do minério, em razão da inviabilidade econômica da exploração, também acelerada pela falta de capacidade de modernização dos equipamentos que realizavam as sondagens e perfurações,

aliada à crise econômica brasileira e os diversos planos econômicos estabelecidos pelos governantes, como o plano Sarney, o plano Collor, entre outros fatores.

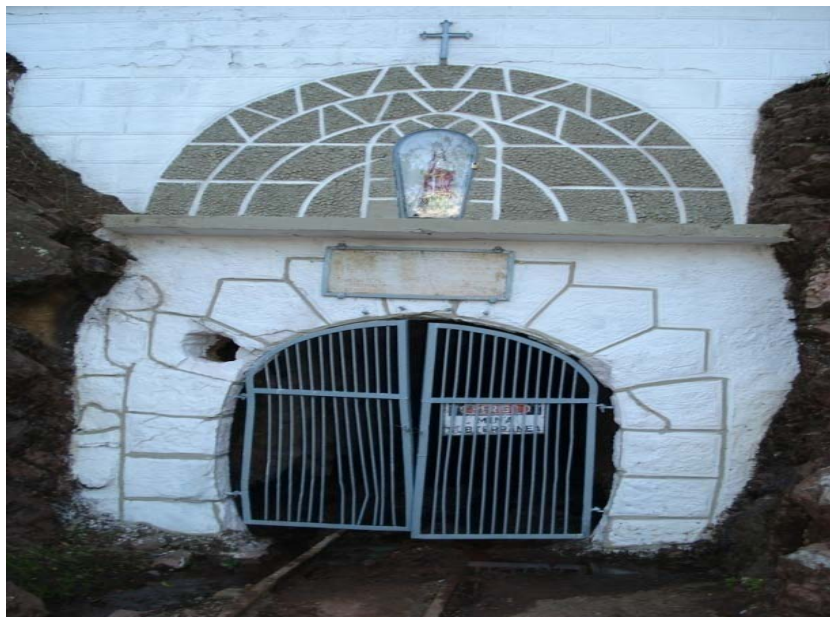
Ronchi e Lobato afirmam sobre o modo de liquidação da empresa,

A Holding Bom Jardim conseguiu saldar suas dívidas com o BNDES antes do prazo estipulado. Continuou as explorações do cobre até o esgotamento total das jazidas, em abril de 1996 [...] Grande esforço foi realizado na busca de empreendimentos alternativos, através, especialmente, de investimentos vultosos em pesquisas e infra-estrutura operacional visando a implementação de projetos nas áreas de produção de sulfato de cobre; em extração de madeira, com a criação da Mademina; na exploração de outras jazidas, como a Santa Maria, na produção de calcário e na extração de mármore. Entendimentos para levar esses projetos adiante após a desativação da CBC não foram alcançados e os acionistas optaram pelo processo de dissolução da Companhia. O processo de liquidação foi administrado pelo geólogo Nilson Torres Dorneles, em consonância com as deliberações da Assembléia Geral Extraordinária de 31 de março de 1997 que definiu o modo de liquidação (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 48).



**Figura 41: Galeria fechada**  
Fonte: Acervo da pesquisadora

As galerias subterrâneas, após o fechamento da *holding*, ficaram fechadas, abandonadas e lacradas, transmitindo uma sensação frustrante para milhares de mineiros que por ela entravam em seus diversos turnos de trabalho. É como se tudo isso fosse apenas um pesadelo que logo passaria, mas infelizmente, elas se fecharam definitivamente.



**Figura 42: A padroeira**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**

Outro vazio que permanece visualmente estampado nos corredores subterrâneos e, de certa forma, no pensamento, é a ausência da Santa Bárbara, a protetora dos mineiros. Com o movimento de venda e contraprestações da holding formada pelos funcionários, a imagem foi roubada ou retirada de forma misteriosa da entrada da galeria subterrânea onde era seu lugar, considerado segundo alguns relatos de mineiros, como um ato de vandalismo e desrespeito.



**Figura 43: Desaparecimento da imagem de Santa Bárbara**  
**Foto: Acervo da pesquisadora**



A memória ao mesmo tempo em que traz lembranças para o presente também promove o esquecimento, porque o mineiro ao ver a porta da galeria fechada e não ter o acesso à empresa mineradora tem inviabilizado o processo de afloramento da memória, que se converte evidentemente no esquecimento.

Os testemunhos da história desta mineração permanecem registrados através das mais variadas formas e suportes materiais como as galerias subterrâneas, a galeria a céu aberto, o prédio da CBC, os antigos prédios de beneficiamento - nos quais se deram o início dos trabalhos -, a represa, o Rio Camaquã - importante recurso que sempre esteve disponível a comunidade -, bem como toda a história relatada pelos mineiros que vivem até hoje nas Minas do Camaquã.



**Figura 44: O vazio da galeria subterrânea**  
**Fonte: Acervo da pesquisadora**

Somado a tudo isso, tem-se o legado cultural materializado pelo prédio do antigo clube Minas do Camaquã, o qual permanece na memória deste povo mineiro como um importante marco deixado pelo processamento dos minérios e que se

torna em um instrumento evocador das diferentes lembranças vivenciadas dentro dessa vila.

Associado a esse marco cultural que traz à tona recordações, tem-se a preocupação com a sua conservação para que outras gerações possam usufruí-lo e conhecê-lo como um bem cultural edificado das Minas do Camaquã. Mas para que isso ocorra, geram-se muitas vezes impasses que necessitam ser transpostos, conforme destaca Choay:

A conservação dos edifícios (monumentos, grandes equipamentos e outros) tem lugar, necessariamente, *in situ*. Ela provoca dificuldades técnicas muito diferentes. Está na dependência do domínio público e político, envolve mecanismos edilícios, econômicos, sociais, psicológicos complexos, que geram conflitos e dificuldades. (CHOAY, 2001, p. 52)

É através do relato dos mineiros que se torna possível a execução deste trabalho, mediante tudo que por eles foi relatado, suas experiências, seus trabalhos, seus sofrimentos e angústias, suas alegrias, sua fé em Santa Bárbara, seus locais de diversão, enfim, muitas foram às vivências experienciadas por estes desbravadores de minas. Diante de tal quadro, convém lembrar uma passagem de Viagens pela província do Rio Grande do Sul, de Robert Avé-Lallemant citado, na Alemanha em 1859:

Quem porém, sem querer procurar ouro [ou cobre], subir à Caçapava num dia claro de outono, ficara decerto emocionado ao contemplar, dos audaciosos pináculos da cordilheira, o mar de serras, colinas, vales, florestas e pastagens. Sobretudo ao pôr-do-sol é a vista para o sudeste indizivelmente bela. Na proximidade é possível avistar tudo exatamente no abismo; mas dada a grande extensão das regiões ao longe, fundem elevações e planícies e o profundo azul celeste forma a última fímbria no horizonte que, com o primeiro vislumbre da lua nascente, se desenha trêmulo e indefinido como a superfície do oceano (Avé-Lallemant, 1980, p. 338).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES SOBRE O FUTURO DO PRÉDIO

Procurou-se neste trabalho aprofundar a importância do antigo prédio do clube Minas do Camaquã no que se refere aos desdobramentos culturais, sociais e históricos dentro deste contexto minerador, bem como trazer contribuições acadêmicas para que se possa refletir sobre atuações mais intensas em relação aos bens culturais presentes em muitas de nossas sociedades, cidades, vilarejos. Para isso, foram discutidos conceitos pertinentes à tentativa de salvaguardar preciosidades de muitas e diversas culturas, como é o caso da vila Minas do Camaquã.

A proposta central deste trabalho relacionou-se a evidenciar na história do antigo prédio Minas do Camaquã o registro etnográfico de singularidades sociais e culturais dos mineiros desta vila.

A análise daquilo que se convencionou chamar de vila exhibe as diferentes transformações sociais, históricas e culturais ocorridas nestes mais de 100 anos repercute nos estudos sobre a cultura, mais especificamente quando começaram, naquela sede de fazenda, os processos de beneficiamento do minério de cobre, que trouxe junto consigo os trabalhadores - que passaram a ser chamados de mineiros devido a atividade profissional exercida -, as moradias, os espaços edificados e todas as infra-estruturas necessárias para o empreendimento.

Esses espaços edificados se constituíram em marcos de referência para a comunidade local, sendo um dos marcos mais importante o objeto de estudo de nosso trabalho, que é o prédio do antigo clube Minas do Camaquã, o qual se tornou em um evocador de memórias. As memórias dos inúmeros momentos vivenciados através dele naquele local, bem como os seus desdobramentos, foram apresentadas ao longo do trabalho.

Essas memórias evocam paralelamente o passado e o presente, em constantes idas e vindas. No passado ficaram os registros de todos os episódios transcorridos no prédio que abrigou em sua sede muitas funcionalidades, que acabaram demarcando períodos vividos neste contexto minerador. No presente, essas memórias trazem importantes contribuições aos estudos culturais e apresentam as muitas transformações históricas e sociais.

Numa relação de contraprestação, a comunidade se preocupa com o prédio pela importância que ele representa em sua materialidade, em sua

constituição física enquanto bem cultural. Discutindo a cultura, a memória, e o patrimônio, consegue-se estabelecer relações intrínsecas entre a população residente e o prédio.

Além disso, os moradores ao falar do prédio, ao comentar sobre ele, ao olhar para ele, acabam cuidando-o, cultuando-o e preservando-o, como um verdadeiro símbolo de sua história e de suas vidas. Assim, a comunidade ao se referir ao antigo prédio do clube, refere-se a si mesma, enxergando nele e através dele o seu próprio cotidiano.

Numa perspectiva cultural, os bens pertencentes a um determinado grupo podem tornar-se patrimônios na medida em que a comunidade envolvida passa a atribuir-lhes valor, observando-se a relação direta da comunidade para com o bem.

A comunidade se vê refletida nele e através dele devido aos inúmeros acontecimentos histórico-culturais transcorridos ao longo destes muitos anos em que se estabeleceram os beneficiamentos dos minérios nesta vila. Por isso os mineiros se identificam com ele, querem que ele permaneça com eles e para eles como um testemunho vivo da cultura mineira.

Analisando a atuação dos órgãos públicos locais, como a Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, bem com sua Secretaria de Cultura, percebe-se uma falta de preocupação para com a situação dos bens culturais existentes no município, como é o caso do distrito chamado de Minas do Camaquã, que ainda preserva esse importante bem cultural. Os bens analisados nesse estudo praticamente não sofreram depredações e mau uso pelas pessoas que ali residem, pois estas sempre se preocuparam em preservar aquilo que lhes pertence e o que consideram importante de ser salvaguardado.

Além disso, ao se fazer referência para a atuação de outros órgãos responsáveis pela cultura e pelas suas especialidades, como a Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul e o Ministério da Cultura - representado pelo IPHAN -, acaba-se constatando que estas entidades não conhecem esse prédio e, por isso, não podem realizar uma análise crítica e nem mesmo tomar alguma atitude de intervenção para que de alguma maneira ocorra a preservação deste bem cultural, mesmo que ele nunca seja tombado ou instituído como patrimônio municipal, estadual ou federal.

Dessa forma, o prédio do antigo clube Minas do Camaquã enquadra-se dentro de uma concepção moderna de patrimônio, mediante o reconhecimento do valor que este bem cultural representa para aquela comunidade ali instituída.

O valor e o perigo que são os dois atributos citados em relação ao patrimônio ao longo do trabalho são importantes para a realização de uma reflexão sobre aquele prédio, pois, ao mesmo tempo em que ele é salvaguardado pela comunidade local mediante o valor representado, surge a questão do perigo em relação ao destino do prédio, para com o prédio e o que será feito dele, uma vez que se encontra em mãos de propriedade particular.

O bem cultural transformado em patrimônio, seja mediante a atribuição de valor ou pelo reconhecimento oficial das autoridades competentes, merece ser cuidado, preservado e conservado, ficando protegido de algum mal, dano ou perigo futuro.

Portanto, no que diz respeito ao futuro da pesquisa em pauta, pensamos em aprofundar o debate estudando a religiosidade da comunidade, registrada no culto à Santa Bárbara, apresentada no sincretismo religioso brasileiro como Santa Bárbara Guerreira e Iansã (Senhora dos Raios e Tempestades).

Ressaltamos que esse debate poderá estar imbricado à questão do conteúdo do conceito lugar, abrangendo a vila Minas do Camaquã, tecendo-se estudos sobre o sincretismo religioso, além de outros elementos que surjam e permitam essa abordagem dentro da Geografia Cultural.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Nicolau da Silveira. **História do município de Caçapava do Sul**. Porto Alegre. Martins Livreiro, 1992.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade – uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1992.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. São Paulo: Atlas, 1997.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ARNAVAT, Antonia Rigo (org). **Como elaborar e apresentar teses e trabalhos de pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- AVÉ-LALLEMANT, R. (1812-1814). **Viagem pela província do Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- BAZARIAN, Jacob. **O problema da verdade: teoria do conhecimento**. São Paulo. Alfa-Omega, 1988.
- BARROS, José Márcio (org). **Diversidade cultural – da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BATALHA, CLAUDIO H.M. (org). **Culturas de classe**. São Paulo: Unicamp, 2004.
- BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BOSI, Alfredo. Plural, mas não Caótico. In: **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**, São Paulo: T.A. Editor, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista – a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BRITO, Maria Noemi Castilhos. Memória e Gênero. In: **Fronteiras da cultura – horizontes e territórios da antropologia na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996.
- CARVALHOgard de Assis. **Enigmas da cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASSOL, Arnaldo Luiz; ABRÃO, Nicolau da Silveira. **Caçapava: capital farroupilha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

CHAGAS, Mário. Casas e portas da memória e do patrimônio. In: **Questão**, Porto Alegre, v.13, n.2, p. 207-223, jul/dez 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

**COBRE: Potencialidade a ser explorada**. Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. (fascículo)

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2001.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: Edusc, 1999.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1987.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Contribuições das teorias da memória para o estudo do patrimônio na Web. In: **VII ENANCIB**, Marília, 2006.

DUNCAN, J. **The superorganic in american cultural geography**. *Annals of the Association of American Geographers*, 70 (2), pp. 181-198.

EHLERS, E. **Agricultura sustentável**. Porto Alegre: Agropecuária, 1999.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico e religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

**EVOLUÇÃO MUNICIPAL – RIO GRANDE DO SUL: 1809-1996**. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. COMISSÃO DE ASSUNTOS MUNICIPAIS, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio: discutindo alguns conceitos. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v.10, n.3, 79-88, 2006.

FERREIRA, D.A. **Mundo rural e geografia: geografia agrária no Brasil (1930-1990)**. São Paulo: UNESP, 2002.

FILHO, Arthur Ferreira. **História geral do Rio Grande do Sul: 1503 – 1960**. Porto Alegre: Globo S.A, 1960

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/Minc-IPHAN, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Pelegrini. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, Amadeu Fagundes de Oliveira. Informações elementares sobre a influência indígena na formação do Rio Grande do Sul. In: **O índio no Rio Grande do Sul: aspectos arqueológicos, históricos, etnográficos e étnicos**. Porto Alegre, 1975.

GARCIA, Rodolino da Rosa. A História de Caçapava. In: **Revista A Sentinela**. Caçapava do Sul, 1969.

GELPI, Adriana. Momentos da Formação do Território Rio-Grandense. In: **Rio Grande do Sul, processo de ocupação do território: das Missões ao Mercosul, outra vez os mesmos caminhos?** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1997.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1988, p. 264-275.

\_\_\_\_\_. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n.23, p. 15-36, jan/jun 2005.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **O índio no Rio Grande do Sul: aspectos arqueológicos, históricos, etnográficos e étnicos**. Porto Alegre, 1975

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Rio Janeiro: Vozes, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.



HELL, Victor. **A idéia de cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

**HISTÓRIA ILUSTRADA DO RIO GRANDE DO SUL**, Porto Alegre. J.A, 1998.

Jornal Diário Popular, Quarta-feira/Quinta-feira, 20 e 21 de setembro de 2006.

Jornal Diário Popular, Segunda-feira, 18 de setembro de 2006.

Jornal Gazeta de Caçapava. Ed. nº 15, 22 de outubro de 1999.

Jornal Gazeta de Caçapava. Ed. nº 37, 24 de março de 2000.

Jornal O Minerador, ano 4, nº 5, Nov/dez de 1984.

Jornal Zero Hora, Segunda Feira, 18 de agosto de 2003.

JOHNSON, Richard (org). **O que é afinal estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAFRANCE, 1962:18. In: ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. São Paulo: Atlas, 1997.

LAYTANO, Dante de. **Folclore do Rio Grande do Sul – costumes e tradições gaúchas**. Caxias do Sul: Martins Livreiro, 1984

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LAZZAROTTO, Gisley Romanzini. **Comunicação e controle social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIMA, Dário de Araújo. **O lugar Marambaia**. Tese de Doutorado. Presidente Prudente/SP: Curso de Pós Graduação em Geografia/ FCT- UNESP, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez, 1991.

MACEDO, Ana Macedo de. **Baby Pignatari: o centauro de bronze**. Porto Alegre: Metrópole, 2006.

MAGALHAES, Mario Osório. **História do Rio Grande do Sul (1626-1930)**. Pelotas: Armazém Literário, 2002.

MAGNOLI, Demétrio (org). **Cenário gaúcho – representações históricas e geográficas**. São Paulo: Moderna, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, volume1, 1997.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro I e II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MAUAD, Ana Maria – Através da imagem: fotografia e história – Interfaces. **Tempo**. Rio de Janeiro, 1996, vol. 1 (2): 73-98.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade Cultural e Arqueologia. In: **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo. Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. A Problemática do Espaço Urbano: Reflexões para um Tempo de Globalização. **Revista da biblioteca Mário de Andrade**. Rio de Janeiro, 1997. Vol. 55 jan-dez : 11-20.

MINAYO, M.C. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, Ruy. **O movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil – estudo sobre sociedade e espaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

MOREIRA, Ruy. **O que é a geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História – PUC, 1993, p. 6-8.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PELEGRINI, Sandra. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. In: **Patrimônio e memória**. Unesp-FCLAs-CEDAP, v.3, n.1, 2007.

PERALTA, Elsa S. Patrimônio e identidade – Os desafios do turismo cultural. In: **<http://www.aguaforte.com/antropologia/Peralta.html>**

PERALTA, Elsa S. O mar por tradição: o patrimônio e a construção das imagens do turismo. In: **Horizontes antropológicos**, v.9, n.20, Porto Alegre, out/2003.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1985.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos gerais de Caçapava**. Porto Alegre: Tipografia Gundlach, 1942.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RAMBO, B. **A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, 1990.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, 1998.

RONCHI, Luiz Henrique e LOBATO, Anderson Orestes Cavalcante. **Minas do Camaquã – um estudo multidisciplinar**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **Geografia do Brasil**. São Paulo: USP, 2003.

RUSKIN, J. **The seven lamps of architecture**. Londres, J. M. Dent and Sons, 1956.

SALCEDO, Rosío Fernández Baca. **A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina: Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil)**. São Paulo: UNESP, 2007.

SANTOS, José Luiz dos Santos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Seminário de Patrimônio Cultural de Mato Grosso do Sul (2:1999:Campo Grande). Anais do II Seminário de Patrimônio Cultural de Mato Grosso do Sul. **Cultura: desenvolvimento e preservação**. Campo Grande : UCDB, 1999.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos do materialismo dialético**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Gustavo Henrique de Abreu. **A história oral como conhecimento aplicado na pesquisa em Geografia Cultural**. (Artigo). Disponível em: <[http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20GustavoHenriqueAbreuSilva.ED3IV.pdf](http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20GustavoHenriqueAbreuSilva.ED3IV.pdf)> Acesso em: 15 mar. 2009.

SOUZA, Fabio Silva. **Arqueologia do cotidiano: um flâneur em São Cristóvão-Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2004.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. O índio e a colonização do Rio Grande do Sul. In: **O índio no Rio Grande do Sul: aspectos arqueológicos, históricos, etnográficos e étnicos**. Porto Alegre, 1975.

SPERBER, Dan. **O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas**.

THIESEN, Beatriz Valladão. **As paisagens da cidade: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História ). Programa de Pós-Graduação em História. PUCRS, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. **Fábrica, identidade e paisagem urbana: arqueologia da Bopp Irmãos (1906-1924)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. PUCRS, Porto Alegre, 2005.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial. In: **CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa & CORRÊA, Roberto Lobato**. Brasil. Questões atuais da reorganização do Território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. **Praticando geografia: técnicas de campo e laboratório**. São Paulo: Oficina de textos, 2005.

VERDUM, Roberto (org). Rio **Grande do Sul – paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

WHITE, Leslie. **The science of culture: a study of man and civilization**. New York, 1949

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOLFDIETRICH, Wickert e CARRE, Herbert. **Isto é o Rio Grande do Sul**. São Paulo. Melhoramentos, Ano x-8, v1-1.

ZANOTELLI, Jandir João (org). **Antropologia: ensaios**. Pelotas. Ufpel, 1998.

### **Sites pesquisados**

Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_do_Brasil)> Acesso em: 03 fev. 2010

Disponível em: <<http://www.cemamc.com.br/>> Acesso em: 10 out. 2008.

Disponível em: <<http://nossaturmanainternet.blogspot.com/2008/09/curiosidades-sobre-o-chimarro-mate.html>> Acesso em: 05 mai. 2009.

Disponível em: <<http://www.minasdocamaqua.com.br>> Acesso em: 04 abr. 2009.

Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 05 jan. 2010.

**APÊNDICES**

## **APÊNDICE 1**

### **ENTREVISTAS**

#### **A sede da fazenda**

1- Como eram as pessoas que frequentavam o prédio, na época de 1880 (época em que era sede da fazenda)?

1.1-Quais eram os hábitos (modos de vida) dessas pessoas?

1.2-Quais eram os principais ritos de passagem (aniversários, casamentos, batizados e enterros)?

1.3-Em que se baseava o folclore nesse período?

1.4-E as moradias já existiam? Como se formaram?

1.5-Quando o prédio deixa de ser moradia da família Dias dos Santos?

1.6-De que maneira vieram para as Minas os primeiros trabalhadores? Quem os trouxe? Em que condições se deram o trabalho?

1.7-Como você vê o início dos projetos de mineração? De que descendência eram os primeiros trabalhadores?

1.8-Você acha que se a descendência dos primeiros trabalhadores fosse de outra etnia, o desenvolvimento das Minas do Camaquã seria diferente?

#### **O Gabinete Dentário**

2- Na época em que funcionava o gabinete dentário no prédio, como era a tecnologia deste gabinete (como era a sala, os equipamentos, materiais)? Em que ano ele passou a abrigar o consultório?

2.1-Quem o frequentava?

2.2-Existe alguma relação da extinção do gabinete dentário no prédio com o surgimento do hospital? Em que época é construído o hospital?

2.3-Qual era a formação do dentista? Onde havia se formado?

2.4-Tinha atendente?

2.5-Como as pessoas se comportavam quando iam ao dentista?

2.6-Nessa época a quem pertencia o prédio?

#### **O Armazém**

3-Na época em que funcionou o armazém no prédio, a quem ele pertencia? Em que ano se deu isso?

3.1-Como era a vida da comunidade com a presença do armazém?

3.2-Como eram os hábitos (modos de vida)?

3.3-Como se manifestavam as tradições?

3.4-Como se davam os ritos de passagem?

3.5-O armazém vendia cachaça no balcão? Quais eram os tipos de cachaça? Como era o comportamento dos homens (existiam brigas e palavrões)?

3.6-Quem comprava no armazém? As senhoras também iam? Como elas viam isso?

3.7-Como os religiosos (beatas) viam o armazém?

3.8-Existiam boates (cabarés) neste período? E essas pessoas também compravam no armazém?

3.9-Existiam outras moradias na vizinhança do armazém?

3.10-Quando surgem as casas de família nas proximidades do armazém?

### **A venda em 1969 para a CBC**

4-Quando o prédio vira definitivamente clube?

4.1-Em 1969 a CBC compra o clube? O que ocorreu entre os anos de 1969 e 1974 quando houve a ampliação das instalações físicas?

4.2-Neste intervalo (1969-1974) o clube estava em funcionamento?

4.3-Houve alguma festa de inauguração?

4.4-Criaram-se novos espaços de lazer?

4.5-Quem financiou?

4.6-A melhoria do prédio se deu para quê?

4.7-E para quem? Quem frequentava esse clube? Por quê?

4.8-Quais eram as atividades desse clube? Eram promovidas festas? Quais?

4.9-Quais eram os hábitos (modos de vida) nesse período?

4.10-Como se davam os ritos de passagem?

4.11-As moradias se ampliaram? Como se deu isso?

### **Os 15 anos: 1974 a 1989**

5-Como eram os hábitos (modos de vida) das pessoas?

5.1-E como se davam os ritos de passagem?

5.2-E as moradias nesse período? Como eram?

5.5-Quanto ao cine Rodeio, em que ano ele foi construído? Quem frequentava o cinema?

### **No período de formação da *holding*, a partir de 1989 até 1996**

6-Encerraram-se as atividades mineradoras?

6.1-Como fica o clube diante dessa situação? Fecharam o clube?

6.2-Durante o funcionamento da holding, quais eram os hábitos dos residentes?

6.3-Como se davam os ritos de passagem?

6.4-E as moradias como eram organizadas?